This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

[redacted]

H. 148 (Finch)

TAYLOR INSTITUTION
DOMINUS ILLUMINATIO MEA

H. 148 (Finch)

Whitaker

H. 148.

140

EMPREZA EDITORA

DE

ROMANCES INSTRUCTIVOS

OS JESUITAS

Pertence a propriedade desta edição, no imperio do Brazil, ao sr. dr. Pessanha Póvoa.

Typ. Progresso — Rua do Alecrim, 40.

OS

JESUITAS

ROMANCE HISTORICO

DO SECULO XVIII

POR

A. DE OLIVEIRA PIRES

LISBOA
EMPREZA EDITORA DE ROMANCES INSTRUCTIVOS
40 — Rua do Alecrim — 40

1873

LIBRARY OF THE TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
17 APR 1941
OF OXFORD

PREFACIO

Não cuide o leitor que este livro seja um tratado sobre os jesuitas.

É apenas um romance, cuja acção se passa n'uma época extraordinaria da nossa historia; época de luz e de sombras, em que sobresáe o vulto quasi épico do marquez de Pombal.

O assumpto mais particularmente escolhido para elle é a guerra movida pelo marquez contra a companhia de Jesus, e as culpas de que esta sociedade foi universalmente accusada. Na exploração de tal assumpto era natural que ao auctor viesse o desejo de ir mostrando a influencia perniciosa do jesuitismo na sociedade. Fel-o, no intuito de cumprir um dever de homem que preza a liberdade, e que pelo exame dos factos sabe como os jesuitas têem sido inimigos d'ella e ainda hoje conspiram contra os seus progressos.

Foi o romance escripto no anno de 1856 e publicado em 1862, n'um jornal litterario. Devia resentir-se da curtissima idade do auctor. Saiu, por tanto, cheio de innumeros defeitos.

Mais tarde publicou-se em folhetins no *Partido Constituinte,* um tanto aperfeiçoado; mas tinha o auctor tão pouca opinião d'elle que não quiz assignal-o.

Ultimamente os illustres proprietarios da *Empreza Editora de Romances Instructivos* propozeram ao auctor a publicação do romance em volume. O convite foi aceito, com a condição de se fazer uma correcção geral e profunda na obra.

É como ella sáe hoje. Entretanto, apezar de alterada em muitos pontos, de accrescentada com muitos factos historicos, de augmentada com alguns capitulos novos, como o 7.°, o 20.° e o 26.°, resente-se dos defeitos da origem. Conhece-os o auctor, principalmente na linguagem. Por mais que esta se corrija fica sempre com a fórma adquirida no primeiro jacto, e as emendas não fazem mais que tornal-a desigual.

Perdôe-se, porém, ao auctor estes defeitos, em attenção a que o plano da obra foi concebido e traçado n'uma idade que ainda ia longe dos vinte annos.

Nas apreciações que faz dos jesuitas não é movido o auctor pela opinião apaixonada dos espiritos exaltados, que se deixam arrastar na corrente das idéas estabelecidas, sem as pezar e avaliar no fôro intimo da sua consciencia.

O auctor é o primeiro a reconhecer que a companhia de Jesus alguns serviços prestou á civili-

sação na America e na Asia, e ao progresso das seiencias e dos estudos na Europa.

No louvavel empenho de apostolar entre os indios a religião christã, e com ella derramar nas regiões mysteriosas do oriente os elementos da civilisação occidental, ganhou S. Francisco Xavier, jesuita, glorias solidas e verdadeiras.

Com o intuito de chamar á communhão dos progressos do espirito os indigenas selvagens do Brazil, expozeram-se os jesuitas a todos os perigos; e na *Çhronica da Companhia de Jesu do Estado do Brazil*, pelo padre Simão de Vasconcellos, se acham narrados muitos d'esses perigos. *

Mas estes serviços depressa se escureceram com os abusos praticados pela companhia, não só em prejuizo do estado, mas, o que é mais, em prejuizo da liberdade e da consciencia humana.

Nem era possivel que a companhia soffresse tão crúa guerra desde os primeiros annos da sua fundação, se causas verdadeiras e importantes a não houvessem provocado.

Debalde os jesuitas têem querido attribuir á heresia a origem d'essa guerra. Debalde têem proclamado que as aggressões dos jansenistas lhes prepararam a queda. Não é verdade. Foi a sua propria doutrina que os comdemnou.

* Vid. notas no fim do volume.

A ambição entrou na companhia, e os seus estatutos prestavam-se maravilhosamente a despertal-a. Com a ambição veiu a sêde das riquezas. Servidas estas duas paixões por uma numerosa legião de homens, organisados com uma disciplina admiravel, sujeitos aos mais rigorosos preceitos da obediencia, e ao mesmo tempo isentos de toda a tutella do poder civil; essas paixões fizeram dos jesuitas um corpo perigoso no estado.

Taes foram as causas principaes da sua ruina.

Mas a sociedade, aniquilada no seculo 18.º, resurgiu no principio d'este seculo, pelo favor de Pio 7.º.

Esta restauração da ordem significa a luva lançada então pela reacção religiosa ao partido liberal.

A França iniciára o movimento social, que foi a redempção politica dos povos modernos. As sementes lançadas á terra pela grande revolução iam germinando. Cadiz levantára o grito da liberdade, em 1812. As monarchias historicas tinham caído aos piparotes de Napoleão, que dos seus soldados improvisava reis.

A reacção politica e religiosa principiou a cruzada contra estas transformações. Fez-se para isso a santa alliança e restaurou-se o instituto dos jesuitas.

Pio 7.º, ao restabelecer a companhia, contava com o appoio da Europa. Quando elle assignou a

bulla (7 de agosto de 1814) tinha-se restaurado a legitimidade em França. Em Hespanha, Fernando 7.º rasgara a constituição de Cadiz. No norte, os trez potentados preparavam o pacto, a um tempo religioso e politico, que a 26 de setembro de 1815 deviam assignar em Paris.

Restabelecida, pois, a companhia sob tão bons auspicios, entraram os jesuitas em todos os paizes; aqui com denominação diversa, acolá como simples clerigos, n'outra parte com a regra do seu instituto, conforme os governos os aceitavam.

Recomeçou então a lucta energica e violenta contra elles.

Logo em 1820 a Russia os expulsou, pondo-os na fronteira, com alguns ducados no bolso para as despezas da viagem.

Em 1827 o governo impopular que geria a França tolerava-os ainda; mas o partido liberal combatia-os valorosamente.

Temos presente a memoria dirigida pelo conde de Montlosier, mais tarde membro da camara dos pares, ao conde de Villéle, presidente do conselho de ministros, intitulada *Les jésuites, les congrégations et le parti prêtre,* em que se revelam os manejos dos jesuitas; pedindo o auctor providencias contra elles, por serem um elemento de perturbação no paiz.

A posição do auctor, os seus creditos como pu-

blicista, e a moderação com que a memoria está escripta, abonam a seriedade das queixas, que todavia o conde de Villèle não quiz attender.

Mais tarde, em 1843, levantaram-se novas queixas contra os jesuitas, e dois eminentes publicistas, Michelet e Edgard Quinet, professores no collegio de França, ergueram a sua voz auctorisada contra a influencia perniciosa d'aquelles padres, principalmente na educação da mocidade e no seio da familia.

Sabe-se como os jesuitas mandaram invadir as salas do curso por homens encarregados de interromper as lições e provocar desordens; como estes romperam em clamores e assobios, procurando abafar os applausos dos que approvavam, quando Michelet disse, fallando da companhia: «*Elle a endormi et empoisonné pendant deux siécles l'Espagne et l'Italie!*»; como na imprensa foram aggredidos violentamente os dois sabios professores por homens assalariados pelos jesuitas.

Ultimamente o escandalo publico provocado por um d'esses padres no caminho de ferro produziu tão geral animadversão contra o desgraçado, que não póde deixar de ser um symptoma das antipathias que os jesuitas por toda a parte inspiram.

Da Allemanha ainda não ha muito que foram expulsos, depois de terem trazido em constante perturbação a sociedade, provocando o partido neo-catholico a todos os desatinos.

Tudo isto demonstra que a lucta de dois seculos continúa ainda n'esta época; e que essa terrivel associação se enrosca ao corpo social procurando tolher-lhe os movimentos, tentando aniquilar a acção do espirito de independencia e liberdade que é o elemento vital da geração moderna.

Mas estas luctas que se passam lá fóra não terão chegado a Portugal?

Felizmente as nossas leis liberaes, que supprimiram as associações religiosas, vedam o restabelecimento dos jesuitas no paiz. D. Miguel tentou introduzil-os, mas o seu reinado passou, e a liberdade não os quiz.

Entretanto elles existem, ninguem o ignora.

No Porto, em 1846, desenvolviam-se os manejos jesuiticos á sombra protectora do governo que então geria os negocios publicos. O povo cançou-se de os tolerar, e no dia 8 de março os acontecimentos da igreja dos Congregados serviram de licção severa.

Ha dois annos successivos que alguns casos semelhantes se dão na cidade invicta, no dia 22 de junho. São um symptoma da lucta entre o jesuitismo e o partido liberal. A Associação catholica não é outra cousa senão o jesuitismo disfarçado. As missões que se andam fazendo nas provincias pertencem á mesma propaganda.

E dirá alguem que em Portugal não existe essa perigosa sociedade? Não se sabe o que ella faz

em Lisboa, no Porto, em Braga? Não se sabe que dirige collegios de educação, e que tem entre as classes mais elevadas a direcção das consciencias femininas?

Nos suburbios da capital existe um collegio fundado por jesuitas, que alli residem em casa sua, dirigindo muitos alumnos.

A algumas leguas de Lisboa havia, ha alguns annos, e creio que ainda hoje ha, um convento onde elles tambem educam rapazes e vivem em communidade.

N'estas circumstancias corre ao partido liberal o dever de estar vigilante para salvar a sociedade e a familia da influencia nefasta do jesuitismo, que é sobre tudo elemento de reacção politica.

Este livro poderá, n'esse intuito, fazer algum bem, por que attrahindo leitores pela parte agradavel que constitue o romance, irá formando no espirito d'elles uma opinião contraria ás influencias jesuiticas no ensino, no confessionario e no pulpito.

Se conseguir que alguns paes tirem a seus filhos esses perceptores; que alguns maridos affastem suas mulheres de taes conselheiros espirituaes, alguma cousa boa terá o livro produzido. Não será inteiramente inutil.

O dever dos que lidam na imprensa é cooperar, segundo suas forças, para que a humanidade siga, desaffrontada dos seus inimigos, o caminho

que lhe está indicado pelas eternas leis do progresso.

Se o não fizerem, e abandonarem á revelia todos os direitos que a liberdade lhes conquistou, verão a reacção ir ganhando terreno a passos demorados, mas firmes, e conhecerão que atrazaram a marcha.

Contra esse doloroso facto recordemos constantemente estas palavras expressivas de Edgard Quinet, n'uma das suas melhores licções sobre a companhia de Jesus: «*Un seul pas en arriére, et nous risquerions bien d'être rejetés en dehors de notre siécle. Que faut-il donc faire?*

Marcher en avant! »

25 de julho de 1873.

OS JESUITAS

I

A conspiração

Tinham decorrido trez annos depois que a catastrophe do 1.º de novembro de 1755 reduzira Lisboa a um montão de ruinas.

Pelas abas dos montes da antiga Olisyppo estendiam-se pedaços de cornijas, fragmentos de cunhaes, restos de paredes derrocadas, e outros destroços de edificios, que a grande convulsão subterranea derrubara.

No sopé dos montes do Castello, ou antes no valle que fica entre esses montes e os de S. Roque e S. Pedro d'Alcantara, appareciam já bastantes predios symetricamente alinhados, ruas di-

reitas e largas, praças magestosas. Era a nova cidade que surgia de entre as ruinas ao impulso potente do ministro de el-rei D. José.

Em vez das gothicas arcarias da antiga rua Nova; dos arcos da Bitesga; do velho e irregular Rocio; dos becos e viellas que afeiavam muitos dos sitios principaes da cidade; appareciam desobstruidas, largas, alinhadas, a rua Nova d'El-Rei, as ruas Aurea, Augusta, a vistosa praça do Rocio, cercada de edificios regulares, etc.

Nesta parte da cidade só restava da velha Lisboa uma pallida recordação, que os seculos apagariam de todo, se alguns escriptores não deixassem aos vindouros uma pintura mais ou menos fiel da formosa rainha do Tejo, nas differentes phases da sua existencia.

Depois do tremendo phenomeno, que volvera Lisboa n'um campo alastrado de ruinas, e lançara toda a povoação no maior desalento, só um homem energico, de animo superior, seria capaz de propôr-se á empreza gigantea de reconstruir Lisboa. Esse homem de genio teve-o Portugal. Sem descoroçoar no revez, firme e corajoso no meio do immenso desastre, aproveitou a obra destruidora do terramoto para edificar livremente sobre a velha cidade de D. Manoel outra mais esplendida.

E tal energia empregou na execução do seu projecto, que pouco tempo depois da catastrophe

bandos de operarios trabalhavam no desentulho das ruas e preparavam os materiaes para as novas edificações.

Este homem de tão notavel actividade, de tão possante energia, de tão alta esphera intellectual, cujo nome passará á mais remota posteridade coroado da gratidão dos vindouros, é o marquez de Pombal, n'esse tempo apenas Sebastião José de Carvalho, ministro de el-rei D. José.

O caracter d'este homem, por tantos titulos notavel na galeria dos homens illustres não só de Portugal, como do mundo, tem sido largamente estudado por tantos escriptores conspicuos, que nos absteremos de o pintar aqui. Limitar-nos-hemos a narrar alguns actos do seu governo, os quaes apparecerão no decurso d'este romance com a veracidade historica, que nos propomos fielmente seguir.

Quando no dia de todos os santos Lisboa foi abalada pelo terramoto, estava a familia real no palacio de Belem, que D. João 5.º comprara ao conde de Aveiras.

A catastrophe poupou a residencia real. Mas o susto, a desconfiança de que o sinistro acontecimento se repetisse, os ligeiros abalos que por algum tempo continuaram depois da grande convulsão, fizeram com que D. José abandonasse immediatamente o palacio e fosse habitar em barracas de lona, armadas no meio da quinta.

Carvalho mandou logo edificar no alto da Ajuda uma habitação para o rei, de fórma abarracada, e onde a madeira se empregou como elemento principal na construcção.

É n'esta casa que nós vamos entrar, eu e o leitor, no dia 3 de setembro de 1758.

Era ao cair da tarde. O sol, mergulhando-se no occidente, innundava de clarões rubros as janellas da habitação real, parecendo, atravez dos vidros, que no interior crepitavam as chammas de um grande incendio.

D. José aproximara-se da janella e lançára o olhar para o lado do rio, admirando o pànorama esplendido, que do alto da Ajuda se disfructa. Atraz do rei estava um homem em pé, vestido de velludo preto, como que aguardando que D. José lhe dirigisse a palavra.

Era este homem o valido Pedro Teixeira. Trajava de preto, por que a côrte se achava de lucto pela morte da rainha de Hespanha.

D. José retirou-se da janella e principiou a passear ao longo da sala.

—Já mandaste pôr a carruagem?—perguntou o monarcha, parando e olhando para o valido.

—Não, meu senhor. Esperava as ordens de vossa magestade.

—Vae... são quasi sete horas, e quero lá estar antes das nove.

O favorito saiu, e D. José voltou para a janella.

A noite cahia já densamente sobre a terra. Apenas no horisonte, para o lado do poente, se percebia ainda um vago clarão, derradeira despedida do sol que principiava a allumiar o outro hemispherio.

Havia no rosto do rei visiveis signaes de impaciencia. Era moço ainda. Andava enleiado n'uns amores pouco licitos, mas naturalmente enthusiasticos, attento o mysterio que os envolvia. Pedro Teixeira era o confidente d'essas relações, e quem sempre acompanhava o rei nas excursões nocturnas a que ellas o obrigavam.

Ora é claro que as desejadas nove horas, a que D. José se referira, significavam uma entrevista de amor.

Em consequencia da morte da rainha de Hespanha, D. José estava encerrado, conforme as exigencias da etiqueta. Mas o encerro quebrava-se occultamente, e Pedro Teixeira punha ao serviço do seu real amo a propria carruagem, para que elle podesse andar fóra do palacio sem ser conhecido, e ir satisfazer as ancias apaixonadas do seu coração.

Encostado á janella D,. José esperava que Teixeira voltasse. Ora esfregava uma na outra as finas mãos, guarnecidas de rendas preciosas; ora brincava com os sinetes do relogio. Até que em fim o valido entrou.

—Então?!—perguntou rapidamente o rei.

—Estão-se atrellando os muares. D'aqui a poucos minutos a carruagem estará á porta...

D. José passou affavelmente a mão pelo hombro do favorito, e disse-lhe em voz baixa:

—Thereza espera-me ás nove horas em ponto.

Quizeramos poupar á memoria da joven marqueza de Tavora a affronta d'esta revelação. Mas a historia repete-a abertamente; e, querendo seguir fielmente a exactidão dos factos, não podemos prescindir de dar ao leitor alguns esclarecimentos sobre a amante de D. José.

D. Thereza era filha do conde de Alvor, Bernardo Filippe Nery de Tavora. Casára com seu sobrinho Luiz Bernardo de Tavora, filho primogenito do marquez de Tavora. D. José apaixonara-se por ella, e era sabida na côrte a existencia dos amores entre o rei e a joven marqueza.

Quando el-rei murmurou ao ouvido de Teixeira o nome da amante e a hora aprazada para a entrevista, o favorito sorriu-se em ar de comprehensão. O acolyto tinha geito para officiar nestas cerimonias.

D. José passou em seguida aos seus aposentos particulares, e d'alli atravessou um corredor solitario até á porta da rua.

Estava lá a carruagem de Pedro Teixeira. O cocheiro, tanto que vio chegar o rei, tirou respeitosamente o chapeu, como quem o reconhecera. D. José e Teixeira subiram á sege.

Custodio da Costa, que assim se chamava o cocheiro, fustigou os muares. A carruagem partiu.

Voltavam D. José e o favorito da nocturna excursão, seriam onze horas da noite, quando ao passarem entre as chamadas quinta do Meio e quinta de Cima dois tiros de bacamarte foram disparados contra a sege.

O cocheiro, assombrado com esta audaciosa tentativa, fustigou os animaes, que largaram a galope, descendo para o lado da Junqueira, em vez de seguir para Ajuda, evitando com esta rapida resolução de cair nas outras embuscadas que estavam preparadas, segundo se affirma, na direcção do palacio real.

Na Junqueira, D. José recolheu-se a casa do marquez de Angeja, e alli fez o primeiro tratamento ás feridas produzidas pelas balas na espadua e braço de sua magestade.

N'esta questão do attentado contra a vida de el-rei D. José variam muito as opiniões. Querem uns que os tiros fossem para o valido; outros affirmam que eram para o rei. A nossa opinião inclina-se mais para a primeira d'aquellas duas, e logo diremos porque.

A julgar pelas noticias que se espalharam na cidade, el-rei estava gravemente ferido. Officialmente, porém, el-rei déra uma queda e fôra sangrado.

É certo que por muito tempo esteve sua magestade recolhido; mas os ferimentos curaram-se, e em acção de graças pela salvação do soberano se edificou depois a egreja da Memoria, que ainda se póde vêr, demorando á esquerda de quem sóbe a ladeira da Ajuda.

As pesquizas principiaram, e mal pensava D. José que tal attentado partira de homens tão proximamente ligados a D. Thereza.

Não obstante a culpabilidade de seu esposo e familia, a joven marqueza de Tavora foi sempre muito protegida. Em quanto os seus parentes gemiam em lugubres carceres, estava ella recolhida no convento de Santos com as commodidades e confortos, que só da real clemencia podiam provir.

Alguns escriptores, mais apaixonados que sinceros, tem chegado a apresentar a idéa de que a conjuração e os ferimentos de D. José não passaram de uma comedia. É arrojada tal asserção, e se fôra verdadeira cobriria o reinado d'aquelle monarcha, e a memoria de Sebastião José de Carvalho de eterna ignominia. Tudo nos persuade que tal asserção é falsa e calumniosa, com o intuito de fazer pezar sobre o ministro a responsabilidade de um grande crime. O que se nos affigura mais certo, é ter sido el-rei victima de um equivoco.

Raciocinemos.

O duque de Aveiro, que foi o chefe da conspiração, tivera uma contenda com Pedro Teixeira, de quem recebera sérias offensas.

Recorrera a el-rei para lhe fazer justiça, mas este recusara-se a proceder contra o seu valido e confidente.

Em consequencia d'isto parece que o duque dissera a alguem que tomaria a desforra por suas proprias mãos.

Depois, passa hoje quasi como averiguada a innocencia da familia Tavora.

E são estes indicios que nos levam a crêr que os tiros disparados contra a sege do favorito foram preparados pelo duque d'Aveiro e tinham por fim matar Teixeira e não o rei.

Corrobora esta opinião o facto da carruagem levar a libré de Teixeira; dos assassinos fugirem quando, segundo se affirma, o cocheiro gritou que ia alli el-rei; de se suppôr que D. José, estando anojado pela morte da rainha de Hespanha, não sairia do palacio.

É uma opinião, como qualquer outra, que póde ser contradicta, e que muito estimaremos modificar quando melhores razões nos forem apresentadas.

Entremos no fio d'esta historia.

II

O rei e o ministro

Pouco mais de tres mezes decorreram desde a celebre noite de 3 de setembro, em que D. José foi ferido.

Os criminosos não estavam ainda presos.

O ministro tambem não era mais que Sebastião José de Carvalho. O titulo de conde de Oeiras só lhe foi concedido depois da expulsão dos jesuitas, e o de marquez de Pombal alguns annos mais tarde.

A extincção da companhia, a reedificação da cidade, todos os actos da sua notavel administração economica, que não é para agora enumerar, tornaram-no credor de tão justas recompensas.

São onze horas da manhã.

N'uma sala da Ajuda, sentado n'uma larga ca-

deira de veludo roxo, está D. José em conferencia com o seu ministro. No momento em que entramos pede Carvalho auctorisação para effectuar a prisão de muitos nobres e fidalgos do reino.

Por este tempo não contava D. José mais de 43 annos, e Carvalho pouco mais podia ter.

O ministro era um homem robusto, de physionomia agradavel, olhos grandes e expressivos, nariz aquilino e bem pronunciado, fronte larga, estatura elevada, e maneiras distinctas.

D. José tinha uma compleição mais fraca; e na sua physionomia não havia uns certos indicios de firmeza e energia de animo, posto que a pertinacia com que sustentou sempre o ministro, e a inabalavel firmeza com que resistiu ás supplicas a favor dos comdemnados, pareçam demonstrar uma inflexibilidade de caracter, que todavia não tinha.

O rei trajava um fato bastante rico, mas que nem por isso fazia grande differença do do ministro. Ambos vestiam casaca direita, collete e calções de setim; apenas as bordaduras que o guarneciam eram diversas; as do rei de prata, as de Carvalho de retroz. Ambos traziam á cinta o espadim, ornamento indispensavel n'aquella época.

—É como tive a honra de annunciar a vossa magestade — dizia Sebastião José de Carvalho.

—Está bem. Deixe-me vêr a relação.

—Temo dilacerar o coração de vossa magestade, tornou o ministro. Ha ahi nomes que poderão causar-lhe espanto; mas não ha um só cuja culpabilidade não esteja averiguada; e é necessario punir esse monstruoso attentado contra a preciosa vida de vossa magestade.

—Descance, que não perdoaria ao culpado ainda que fosse meu irmão.

Carvalho sorriu com ironia, e desenrolou lentamente um pergaminho.

—Dê-me a relação, repetiu D. José estendendo o braço.

Carvalho tirou de dentro do pergaminho um papel, que entregou a el-rei.

O monarcha ia lendo pausadamente a relação e fazendo-se branco, tão branco como os anneis polvilhados dos seus compridos cabellos.

—Vossa magestade acha-se mal? perguntou o ministro.

—Não... nada tenho! replicou o rei, querendo dissimular a commoção que a leitura lhe produzira. Tome... já li.

Carvalho recebeu silencioso a relação das mãos de D. José; mas alguns momentos depois acrescentou:

—Além dos que aqui se acham mencionados ha ainda outros... uns lacaios, que serviram de instrumento aos criminosos. Estes são os ca-

beças da conspiração. Os cumplices foram uns taes Alvares e um Polycarpo de Azevedo, criado do duque de Aveiro. A justiça fará o seu dever.

—A justiça!—balbuciou el-rei commovido.—Está ahi toda a nobreza do paiz! A ignominia d'esses homens vae cobrir quasi todas as casas fidalgas do reino, a que elles estão ligados. Bem sei que commetteram um grande crime; mas ter de comdemnar á morte a flôr da fidalguia...

—Meu senhor—accudiu Carvalho—recorde-se vossa magestade que seus augustos avós por varias vezes se viram em igual situação e não hesitaram em fazer justiça. Veja o sr. D. João 4.º, illustre fundador da dynastia que vossa magestade representa. Quatro dos maiores fidalgos do reino foram degolados no Rocio, e julgando sua magestade que era preciso punir todos os culpados, mandou encarcerar o arcebispo de Braga, que pretendia assassinal-o e vender Portugal aos hespanhoes. O senhor D. João 2.º não estando ainda satisfeito com a morte do duque de Bragança, que era de sangue real, e vendo que esse exemplo de nada servira para conter a audacia da nobreza, instituiu-se elle proprio executor da regia justiça, matando o duque de Vizeu, que era, além de muito nobre, seu proximo parente.

—E a accusação está provada contra todos? perguntou timidamente D. José.

—Os tribunaes o dirão, meu senhor. Mas to-

dos os indicios os accusam.

—E que temos então a fazer?

—É necessario expedir ordens de prisão para todos, e offerecer um premio pecuniario a quem apresentar os que não poderem ser presos.

O rei não fez mais observações. Admiração, respeito, ou docilidade, facto é que D. José se subordinava submissamente á vontade de Carvalho. Dizem alguns escriptores que o monarcha estava dominado, e conta um que achando-se el-rei a jogar com alguns dos seus cortezãos, o marquez entrou na sala e D. José levantou-se convulso, a ponto de deixar cair as cartas, como uma creança ante o olhar carregado do perceptor. Parece-nos isto exageração apaixonada.

O ministro apresentou varios papeis á assignatura do rei, offerecendo-lhe ao mesmo tempo a penna humida de tinta. D. José acabou de assignar, e recostou-se outra vez na poltrona, murmurando:

—Os Tavoras! o duque de Aveiro!...

Carvalho deitou areia na regia rubrica, e voltando-se para D. José, disse:

—Vossa magestade tem mais alguma cousa que ordenar-me?

—Preciso ouvil-o ainda.

—Ás ordens de vossa magestade.

—Não receia que a nobreza faça alguma, quando vir os Tavoras e o duque presos?..

Carvalho desprendeu dos labios um dos seus costumados sorrisos, e respondeu pausadamente:

—Pois vossa magestade póde recear de alguem neste mundo?

—Andam todos descontentes; os padres da companhia tambem nos vêem com maus olhos, e quando souberem o negocio descoberto poderão tentar alguma cousa mais séria.

Carvalho tomou um ar de firmeza, que daria coragem ao mais timido.

—Nem dos nobres, nem dos jesuitas me arreceio eu... Sei que me detestam, que se podessem me haviam de indispôr no animo de vossa magestade, e minar a minha ruina... Mas, graças a Deus, em quanto tiver a confiança de vossa magestade, posso garantir a segurança do seu throno... Se houver de ser adoptada uma medida grave contra os culpados, farei com que sejam tomadas todas as precauções necessarias para a eventualidade de uma execução.

—Bom!.. bom!

—É verdade, meu senhor; ha alguns jesuitas implicados na conspiração.

—Tambem elles?!

—Tambem. Conspiram sempre, e sem treguas. Andam por ahi lançando fermento de discordia entre o povo e o rei. É preciso cercar as casas professas e agarrar os culpados.

—Decerto!—replicou el-rei.

—Sem um castigo exemplar a companhia não entra nos seus deveres. Vossa magestade sabe o que os padres de Jesus fizeram no Paraguay e Maranhão; pois a lição não lhes serviu de emenda. Estão alguns debaixo de chave e nem por isso descançam.

—Acabemos com elles de uma vez, é o melhor.

—Hade ser o expediente final a que hão de obrigar vossa magestade. São ricos e fortes. O commercio na America enriqueceu-os. A sua ambição não tem limites. A extincção da ordem seria um passo util... e glorioso.

—Mas impossivel!...

—Que ha no mundo que seja impossivel?—tornou Carvalho sorrindo. Vontade firme e pertinaz, e os obstaculos estalam como vidro debaixo dos pés.

—Seria cousa grave extinguir uma sociedade antiga, poderosa, rica...

—Tambem os templarios eram poderosos, meu senhor; eram guerreiros, conquistadores, tinham coutos, villas e castellos, possuiam thesouros, e ao aceno do rei de França desappareceram, para não mais voltarem.

—Mas os jesuitas teem Roma por si, que os templarios não tiveram. E com a curia só el-rei meu pae, que Deus tenha em gloria, se entendia bem...

—Ha meios para tudo, meu senhor. Com a alavanca de Archimedes se levantaria o mundo, se houvesse no espaço um ponto de appoio. Além d'isso vossa magestade é bastante poderoso para governar nos seus estados, independente de qualquer outra influencia...

—Devido ao seu zelo e bons serviços.

—Ao meu dever. Não sou mais que o fiel executor das ordens de el-rei. Cumpre-me fazer prosperar a nação, cujo governo vossa magestade se serviu confiar-me, e, com a ajuda de Deus, creio que tenho cumprido a minha missão. Portugal era um moribundo, em cujas veias mal corria uma gota de sangue, quando vossa magestade subiu ao throno. Vivia apenas dos reflexos do seu brilhante passado. A mão do augusto pae de vossa magestade amparou-o, cercando o cadaver com todos os rutilantes esplendores de uma mocidade ficticia. Podia ter caido talvez com o senhor D. João 5.º na mesma sepultura; mas hoje tem forças de joven e glorias de velho.

Carvalho afervorava a expressão á proporção que fallava. Era sempre com enthusiasmo que o grande homem tratava da gloria e do futuro da sua patria.

—Sabe? redarguiu o rei, animado pelas palavras enthusiasticas do ministro, o melhor é acabar com os jesuitas, como Filippe o Formoso acabou com os templarios...

—E estes tinham muita vida, haviam lançado raizes em roda do globo, a sua origem perdia-se nos primeiros tempos do christianismo, todas as glorias da cruz as tinham os templarios escripto nas terras da Palestina com o sangue das suas veias!

Depois d'estas palavras o ministro pediu licença para se retirar. D. José recommendou-lhe o processo dos conjurados, e Carvalho saiu.

Atravessou as salas entre os attenciosos comprimentos dos cortezãos, metteu-se lesto na carruagem, que, segundo diz Jacome Raton, era modestissima, e bradou ao cocheiro:

—Ao palacio do conde de S. Vicente.

O trem partiu na direcção de Lisboa.

III

O filho de um regicida

Estamos a 15 de dezembro de 1758.

É noite.

Lisboa, a perola do occidente, não ostenta aquelle ceu de saphyra das noites de maio, onde ardem engastadas mil estrellas. Grossas nuvens escurecem a atmosphera, e a chuva, caindo em torrentes, torna quasi impossivel o transito n'algumas ruas ainda cheias de sobrerodas e montes de entulho. Ao clarão amarellado dos relampagos, que de quando em quando rasgam o negrume do ceu, enxerga-se o campanario agudo de alguma egreja que o terramoto respeitou, ou divisa-se algum vultò silencioso de homem esgueirando-se cosido com as paredes para evitar o encontro dos guardas nocturnos.

O sudoeste soprava violento, e as ondas do rio vinham bater altaneiras contra a margem, produzindo ruidos surdos.

Imagine-se o horror que causaria Lisboa, ás escuras, tendo apenas aqui e alem uma pequena lampada allumiando um nicho de santo, e com os habitantes todos recolhidos, fugindo á noite e á invernada.

Pouca gente estaria a pé a taes horas e com tempo tão aspero. Algumas familias, porém, levavam a noite de vela, porque se achavam interessadas no grande acontecimento dos ultimos dias. Essas choravam a sua desdita irremediavel.

Havia-se effectuado a prisão dos conjurados. A familia Tavora, o conde de Athouguia, o marquez de Alorna, tinham visto as suas casas cercadas, e recebido ordem de el-rei para recolher á prisão.

Uma força de cavallaria fôra prender o duque de Aveiro á sua quinta de Azeitão.

O crime dos conjurados, que até então andára em segredo, fez-se publico. A simulada queda do rei, que o obrigára a receber uma sangria, explicou-se então officialmente pelos ferimentos que os tiros haviam produzido. Alguns populares foram tambem agarrados como cumplices dos fidalgos. Um só poude escapar, que foi José Polycarpo de Azevedo, criado particular do duque de Aveiro.

Não muito longe da casa dos jesuitas, na Coto-

via; hospicio destinado aos noviços da ordem, no logar onde foi depois o Collegio dos Nobres, e é hoje a Escola Polytechnica; não muito longe d'essa casa religiosa, dizemos, havia uma casinha de modesta apparencia, na qual vamos entrar, eu e o leitor.

São dois os habitantes d'este pobre domicilio; uma mulher de seus sessenta annos de idade, e um rapaz que não teria mais que dezesete, e em cuja physionomia já se revelavam uns certos lampejos de energia e altivez.

A sala onde estes dois personagens estavam era simplesmente mobilada; um bofete de pau santo, algumas cadeiras de espaldar, forradas de couro lavrado e taxeadas de amarello, serviam de unico ornamento e davam á casa um aspecto severo e sombrio.

Um retrato que pendia na parede, representando um homem de meia idade, vestido á côrte, carregava ainda mais a luz d'este quadro.

A velha, sentada defronte do painel, olhava de quando em quando para elle e enxugava os olhos innundados de lagrimas.

O rapaz encostava o braço ao bofete, poisava a cabeça na mão, e não arrancava o olhar do sobrado, como quem estava meditando profundamente. Não chorava, mas um pallor mortal lhe cobria as faces. A altivez do caracter obrigava-o a concentrar a dôr que o lacerava.

O retrato era do duque de Aveiro.

A tristeza que reinava n'esta casa, e a existencia do retrato de um dos culpados que acabavam de ser presos, são indicios sufficientes de que a velha e o rapaz se achavam de algum modo ligados á sorte dos conjurados.

—Jeronymo, murmurou a mulher, vai-te deitar, que é já muito tarde...

—Não, minha mãe, redarguiu o rapaz. Não tenho somno; e depois vossa mercê tambem não dorme...

—Eu não careço de socego; nem já o póde haver para mim!

—Oh minha boa mãe, console-se. Deus é justo, e elles estão innocentes. El-rei não hade querer roubar-nos o pae e o senhor duque, sem terem culpa que mereça castigo.

—Não, filho... Foram presos á ordem de el-rei... ou para melhor dizer do ministro... Duvido que possam escapar-se das unhas do milhafre!

—Mas se o duque é criminoso, tambem meu pae o hade ser por se achar ao serviço de seu amo e bemfeitor? Eu tenho esperança, mãe. É necessario ter fé em Deus.

—Eu já não tenho fé em coisa alguma! Querem matar teu pae, Jeronymo... e hão de matal-o. Ah! E não haver quem primeiro tirasse a vida áquelle monstro!...

—A quem, minha mãe?

—Ao ministro, por que é elle que persegue os pobres fidalgos. El-rei é bom; as ilhargas é que o perdem.

—Se eu fosse homem feito, redarguiu Jeronymo erguendo-se bruscamente, havia de ensinar aquelle malvado. Mas se elles forem comdemnados, juro-lhe, minha mãe, que heide vingar meu pobre pae...

E um soluço extenso lhe embargou a voz na garganta.

Ao mesmo tempo ouviu-se o rugido do trovão, e como que as paredes da casa se abalaram ao tremulo estampido da descarga electrica.

É preciso sabermos que Carvalho, tendo saido do paço com as ordens de prisão, se dirigira, como vimos, ao palacio do conde de S. Vicente, seu amigo e agente, a quem o ministro commettia algumas missões difficeis.

Foi o conde que se encarregou de mandar preparar tudo para a captura dos criminosos, o que se verificou, como dissemos, de 12 para 13 de dezembro.

O chefe d'esta pequena familia, com quem nos encontrámos no principio do capitulo, era o criado do duque de Aveiro, João Miguel, um dos executados na praça de Belem.

O duque, além de amo, era tambem protector e amigo d'esta familia. Apezar do seu caracter altivo tratava a velha com grande defferencia.

Ora João Miguel fôra preso no mesmo dia em que os desembargadores e corregedores do crime cercaram as casas dos pronunciados.

A voz publica dava a todos por perdidos. A culpa de que os accusavam era gravissima. Além d'isso ninguem ignorava que tanto o duque como os Tavoras faziam resistencia ao ministro e eram seus inimigos; uma vez debaixo das mãos de Sebastião José de Carvalho difficil lhes seria escapar.

Esta má nova trouxe-a á casinha da velha um padre jesuita, inimigo encarniçado do ministro, como era proprio de um membro da companhia.

O padre Vicente tinha na alma de Magdalena o ascendente que os frades, e particularmente os filhos de Santo Ignacio, sabiam exercer nos seus penitentes. Aproveitando os momentos angustiados em que a velha e Jeronymo se desfaziam em imprecações contra o ministro, excitava em ambos o odio, e no coração do rapaz o sentimento da vingança.

Em vez de exortar aquellas duas almas á resignação, ateava os rancores, fazendo-lhes acreditar que os presos estavam innocentes, mas que haviam de ser condemnados, por que Carvalho assim o queria.

Magdalena tinha por unica companhia a Jeronymo. Uma filha mais velha, que D. Thereza Paes, dama nobre d'aquelle tempo, tomára pa-

ra sua casa desde muito nova, essa mesma havia fallecido. Quando este triste acontecimento se deu Jeronymo tinha um anno, e a pobre mãe dedicou a esta creança todos os cuidados, todos os extremos do seu affectuoso coração.

A justiça roubava-lhe agora o marido. Ficava, pois, á desafortunada mulher a companhia de Jeronymo, para lhe amparar os escuros dias da vida, que já rapidamente descia para o occaso.

A noite ia muito adiantada. Magdalena não cessára de chorar, e nenhuma vontade tinha de se recolher. Mas a lembrança de que Jeronymo passaria toda a noite a pé, se ella se não deitasse, obrigou-a a fazer o sacrificio de ir para a cama.

Levantou-se da cadeira em que estava sentada e voltando-se para o moço disse:

— São horas de recolher, Jeronymo. Até amanhã. Nada remediamos em ficar aqui a chorar...

Jeronymo foi abraçar a velha, e poisou-lhe um beijo na face.

— Não te esqueças de ir amanhã á portaria de S. Roque saber se o padre Vicente tem algumas noticias de teu pae.

— Irei de manhã cedo.

Jeronymo ainda conseguiu dormir; succede isto á gente moça. Magdalena, porém, é que não pregou olho em toda a noite.

No dia seguinte, pouco depois de amanhecer,

saiu Jeronymo de casa para ir ter com o padre Vicente.

Na portaria de S. Roque já conheciam o mancebo, e deixaram-no logo entrar; mas quando elle se dispunha a subir as escadas do convento, appareceu o jesuita com o seu chapeu de aba larga, appoiando-se n'uma grossa bengala.

Era homem de mediana estatura, e mostrava não ter mais de quarenta annos, guardado o devido desconto á regularidade e poucas attribulações da sua vida.

Tinha o rosto redondo, bochecha carnuda, olhos pequenos, mas scintillantes, nariz adunco, e a ponta da barba muito saliente. Os beiços eram delgados, e o cachaço largo. Ares de finorio, acompanhados d'uns gestos de hypocrita simplicidade. Á primeira vista parecia um pobre diabo incapaz de qualquer cousa, que não fosse uma banalidade; mas reparando-se bem n'aquelle olhar penetrante e sinistro, a mascara descobria-se e a suspeita de que estava por baixo d'ella um tratante accudia logo ao mais singelo observador.

Quando chegou ao fim das escadas e deu de cara com Jeronymo, estendeu-lhe a mão, que o mancebo beijou respeitosamente.

—Bons dias, na graça do Senhor, irmão Joaquim! exclamou o frade dirigindo-se ao porteiro.

E fazendo signal a Jeronymo, saiu com elle, em quanto o porteiro respondia á saudação:

—Que Deus leve a vossa paternidade na sua santissima guarda!

Depois de se acharem na rua, o padre Vicente disse a Jeronymo:

—Vinhas ver-me?

—Venho por ordem de minha mãe saber algumas noticias...

—Noticias! atalhou o frade n'um tom de desalento, que mais desconsolou o rapaz. Ai, meu filho! São tristes e bem tristes. Ao certo pouco se sabe, mas cada qual conjectura a seu modo.

Depois de uma pequena pausa, continuou:

—A voz geral é de que os presos são commemnados á morte, e que o supplicio será cruel e infamante. Quem me dera ter a tua idade, Jeronymo! Aquelle monstro havia de ter o seu castigo, ó se havia!... Assim eu podesse...

—Mas posso eu! redargiu Jeronymo com exaltação.

O padre deixou sair pelos labios um sorriso de jubilo. Parando, e fixando o mancebo, exclamou:

—Creio em ti, meu filho. És um homem de brio, bem sei. Um dia poderá chegar em que teu pae seja vingado.

—Mas elle irá morrer?! balbuciou Jeronymo ancioso.

—É provavel que sim. Diz-se até que os acusados serão queimados, depois de mortos a garrote e tortura.

O mancebo fazia-se pallido como um defunto ao ouvir as palavras do jesuita.

—Basta! disse elle cheio de furor. O padre Vicente está-me rasgando o coração. Se meu pae fôr justiçado, heide punir quem fôr responsavel por esse attentado. Juro lh'o. Meu pae está innocente... creio firmemente que o está. Se o matarem, é um assassinato covarde que praticam. El-rei não póde querer manchar-se no sangue de quem nunca lhe fez mal.

—Mas não é el-rei, atalhou o frade, é Sebastião de Carvalho que assim o quer, por que assim convém aos seus planos tenebrosos. De pouco lhe póde servir a morte de teu pae, mas como quer chegar ao duque de Aveiro, precisa de mais essa victima, que justifique o seu estupendo crime. Mata-se o amo, e mata-se o criado, que é necessario fazer passar por seu cumplice. Dois desgraçados que esse monstro de Carvalho te rouba para saciar os seus rancores! Tu deves muito ao duque de Aveiro; tem sido o proctector da tua familia; se não fosse élle talvez tu tivesses perecido de fome. Carvalho vae matar-te tambem esse bemfeitor, esse velho amigo da tua casa... E tua mãe?! Coitada! Como terá padecido! Matam-lhe o marido e o protector! E não ha justiça de Deus contra o tyranno que se compraz em fazer tantas victimas!...

—Mas póde haver a justiça dos homens, pa-

dre Vicente! redarguiu Jeronymo em tom solemne e ameaçador.

O frade, que se regosijava com estas exaltações, e tinha mesmo o intuito de as provocar, continuou:

—O duque poderá ser culpado; mas teu pae com certeza não o é. É preciso que te faças depressa homem e que vivas para a memoria d'esse martyr. Se um dia estiver na tua mão vingal-o, não deixes fugir a occasião. Esses tiros de Belem são uma verdadeira fabula que Carvalho forjou para saciar o seu odio ao duque e á nobre casa de Tavora...

—E o rei que faz? interrompeu Jeronymo.

—O rei, meu filho, é fraco. O ministro tem tomado completa ascendencia no seu espirito. Sua magestade escuta todas as opiniões, mas segue quasi sempre a ultima; ora Carvalho, que lhe conhece esta fraqueza, trata de prender, exilar ou justiçar os que pódem dar-lhe conselho ou fazer-lhe observações. Foi com esse designio que intentou achar provas de crime aos desgraçados presos. Os Tavoras, o marquez d'Alorna, o conde de Athouguia, e o duque de Aveiro, ahi estão em ferros. O duque quiz resistir, por que estava innocente; mas foi agarrado e em breve o veremos subir ao patibulo. Ó, como elle terá soffrido, com o seu caracter levantado e orgulhoso!

Jeronymo escutava estas palavras do jesuita,

com grande attenção, e parecia que dentro do seu espirito se desencadeava uma tempestade. A estatura, que era nobre e direita, sem ser muito elevada, tomara uma posição tão sobranceira, que parecia desmentir a sua humilde origem. Na distincção das maneiras, e sobre tudo na audacia com que elle promettia tomar contas um dia a Carvalho dos actos praticados contra seu pae e contra o duque de Aveiro, manifestava-se a altivez de um caracter mais para cavalleiro, que para filho de lacaio.

Pallido, com os olhos negros e ardentes, umas ligeiras rugas cortando-lhe verticalmente a fronte, apresentava um aspecto pouco vulgar n'um rapaz de dezesete annos.

O frade, enthusiasmado a olhar para o moço, bateu-lhe com a mão no hombro, exclamando:

—Nobre rapaz! Deus permitta que esses bons sentimentos nunca se extingam no teu coração!

—Não se hão de extinguir, padre Vicente; fique certo d'isso.

Depois, reflectindo um pouco, continuou:

—Mas talvez ainda os presos obtenham o perdão...

—Não, não, descança, atalhou precipitadamente o jesuita. Da prisão para o cadafalso.

—Oh! se eu fosse soldado! murmurou o mancebo. A minha espada havia de servir para alguma coisa...

Nos labios delgados do jesuita pairava um sorrisinho diabolico. O malvado deleitava-se em exacerbar a dôr que dilacerava o coração do pobre rapaz. Revolvia de proposito as feridas para tornar mais doloroso o soffrimento e provocar a desesperação de Jeronymo.

Havia no bestunto do padre um plano tenebroso. Azedar a alma do mancebo, instigar um odio profundo contra Sebastião José de Carvalho, formar aquelle caracter á feição da sua vontade, e aproveitar como elemento a dôr que torturava o pobre moço, tal era o projecto que na cabeça do padre se andava traçando.

E uma vez senhor do espirito de Jeronymo, não lhe seria difficil dirigil-o para onde quizesse. De um fanatico é facil fazer o instrumento passivo de um crime. Era talvez este pensamento ignobil que dominava no cerebro do jesuita. A companhia sabia dirigir estas cousas com extrema habilidade, e d'esses planos monstruosos sairam os Jacques Clément e os Ravaillac.

O frade encarou fixamente Jeronymo, e disse:

—Não te será difficil ser soldado. Se quizeres sel-o, conta com o meu favor e com a protecção da companhia. É uma carreira honrosa, em que pódes ennobrecer-te...

—Pois se o conseguir, padre Vicente, verá que alguem hade pagar caras as lagrimas de sangue que tem feito verter a minha pobre mãe.

—Oxalá que um dia esse malvado seja punido como merece!

Andaram algum tempo silenciosos até chegarem ao Rocio.

—Digo-te adeus, Jeronymo, tornou o jesuita. Tenho de ir á portaria de S. Domingos. Vae para casa consolar tua mãe, e diz-lhe que logo por lá vou. Se souber algumas noticias, levar-lh'as-hei.

O rapaz beijou a mão do jesuita, e separaram-se, seguindo cada qual na sua direcção.

O padre Vicente deu a andar para o lado de S. Domingos, murmurando:

—Alguma cousa se hade fazer d'este rapaz. É orgulhoso e não lhe falta coragem. Não desmente a origem, não...

Jeronymo voltava pelo mesmo caminho, absorto nas cogitações que naturalmente lhe vinham da conversação com o padre Vicente.

—Filho de suppliciado! pensava elle. Que vergonha! Antes me matassem tambem. E heide viver todo o resto dos meus dias com esta nodoa de infamia!... Maldito homem, que zomba das lagrimas e das dôres de tanta gente para saciar os seus odios e vinganças! E se eu me vingar tambem? Seguirei o seu exemplo, e nada mais. Não posso comprar a justiça, mas posso dar cabo d'um tyranno. Todos me hão de abençoar. Tenho alma de lhe metter um punhal no coração...

E cabisbaixo, absorto n'aquelles ruins pensamentos, que o jesuita habilmente cultivava, lá ia caminho da Cotovia levar á pobre velha as tristes noticias que o padre Vicente lhe déra.

IV

O infante D. Pedro

O leitor já conhece a sala de despacho do paço d'Ajuda, onde vou novamente introduzil-o no dia 12 de janeiro de 1759.

D. José está sentado na sua cadeira de veludo, um pouco cabisbaixo e pensativo. Acabára de assignar a sentença de morte dos conjurados, que o respectivo tribunal havia pouco proferira.

Carvalho, de pé, junto ao bofete, revia varios papeis e deitava areia nas assignaturas do rei, ainda frescas.

Entretanto estavam expedidas todas as ordens para a construcção do cadafalso e mais cerimonias da execução.

Os accusadores do marquez de Pombal fazem-no responsavel por estas sentenças; os seus defen-

sores attribuem mais ao rei que ao ministro a crueldade com que foram executadas.

Affigura-se-nos que nem uns, nem outros teem razão. Isentar Sebastião José de Carvalho da responsabilidade de todos esses factos, seria annullar a iniciativa poderosa que elle mostrou em todos os actos do seu governo. A vontade de Carvalho, a energia do seu animo resoluto, sobresaem tanto em todos os actos da administração de D. José 1.º, que não é possivel retiral-os d'este acontecimento importantissimo. O ministro defendeu-se mais tarde com as ordens do rei; mas está mais que muito averiguado, que Carvalho exerceu uma ascendencia quasi illimitada no espirito do monarcha.

Se considerarmos que os interesses politicos e pessoaes de Sebastião José de Carvalho pediam um d'estes exemplos memoraveis, uma d'estas punições extraordinarias, em que fossem victimas alguns dos mais soberbos representantes da classe aristrocatica; se considerarmos que, á semelhança de Richelieu, Carvalho pretendeu exaltar o poder real e abater a nobreza, que, além de o guerrear surdamente, o desprezava por elle não ser de tão preclara estirpe; se estudarmos emfim o caracter d'aquelle homem, tão de molde talhado para ministro de um rei absoluto, forçosamente chegaremos á conclusão de que Sebastião José de Carvalho não foi mero executor das ordens de

el-rei, mas que o rei foi instrumento docil, e talvez convencido, da sua politica.

Além d'isso a creação d'um tribunal especial chamado da inconfidencia, destinado a julgar os conjurados; tribunal a que Carvalho presidia e em que tomavam parte os secretarios de estado D. Luiz da Cunha e Thomé da Costa Côrte Real, está revelando a intervenção da vontade do ministro no processo e comdemnação dos accusados.

Obtida a assignatura de el-rei na sentença, tratava-se de executal-a. Como o ministro se dispunha a sair, D. José disse-lhe:

—A execução sempre é feita em Belem?

—Sim, meu senhor, redarguiu Carvalho.

O marquez de Valença, que estava de serviço, annunciou n'essa occasião—sua alteza serenissima o senhor infante D. Pedro.

O infante, irmão de el-rei, entrou na sala com andar firme e sereno. Dirigiu-se ao monarcha e beijou-lhe a mão; depois lançou ao ministro um olhar que parecia querer fulminal-o. Carvalho correspondeu com uma reverencia.

Crêr-se-ia que D. José adivinhára as intenções do infante, por que se conservou calado, carregando o sobr'olho. Vendo, porém, que o infante aguardava a permissão real para fallar, disse:

—Que pretende de nós vossa alteza?

—Uma graça, meu senhor.

—Uma graça! tornou el-rei, sendo justa, por que não havemos de concedel-a?...

—Venho fallar a vossa magestade ácerca dos accusados de conspiração, que, segundo se diz, devem ámanhã ser justiçados.

—E que tem vossa alteza que dizer ás minhas ordens?

—Não posso, nem devo dizer nada, meu senhor. É, porém, permittido a todos os fieis vassallos de vossa magestade implorar a regia clemencia, e é isso o que eu venho pedir para um d'aquelles infelizes...

—É impossivel! disse D. José, com um gesto de descontentamento.

Carvalho ouvia as palavras do infante, vivamente inquieto. Temia que D. Pedro conseguisse alguma cousa, e tudo que elle obtivesse seria uma victoria para os seus inimigos, n'aquella lucta de morte que o ministro travara com a nobreza. Preparou-se para intervir, no caso de vêr abrandar o animo do rei.

—A clemencia, meu senhor, é o mais glorioso attributo da corôa, continuou o infante. Seja vossa magestade clemente e perdôe á marqueza de Tavora.

—Que diz vossa alteza! atalhou o monarcha dando um pulo na cadeira. A marqueza é dos maiores culpados...

D. Pedro não se assustou com a explosão do rei, e continuou humildemente:

—Assim dizem, meu senhor; ou assim querem que se diga. Vim aqui confiado no coração magnanimo de vossa magestade; mas se a minha supplica é injusta, retiro-a.

—Pois não vê que é?! tornou el-rei.

O infante viu diante de si a retirada. Guardou silencio por alguns segundos, e retomou o ataque:

—Se ao menos vossa magestade commutasse a pena...

—Não posso.

—Mas veja vossa magestade que esse supplicio é uma atrocidade...

Carvalho voltou-se todo para o lado do infante quando ouviu estas palavras. Encarou fixamente o rei, como querendo lêr-lhe na physionomia o effeito que a phrase do infante produzira.

—Vossa alteza esquece que eu já convim n'esse castigo! observou D. José.

—Ainda o duvidava, meu senhor; não queria até acredital-o. E n'esta persuasão é que vinha implorar a clemencia de el-rei para a marqueza de Tavora, cujo marido vossa magestade não ignora haver merecido a minha confiança.

—Vossa alteza parece que dá sempre a sua confiança aos meus inimigos, replicou D. José um pouco irritado.

Carvalho não poude esconder o relampago de alegria que lhe faiscou nos olhos.

—Quando o marquez de Tavora merecia a minha estima, redarguiu solemnemente o infante, ainda elle entrava n'estas salas coberto de honras, ainda era recebido por vossa magestade com a consideração que inspiravam os seus serviços na India...

O monarcha ficou um pouco confuso; e, com a colera reprimida, replicou:

—Quando D. José recebia o marquez ou a marqueza de Tavora, ainda as mãos d'elles não estavam tintas do sangue de el-rei. Agora que incorreram no crime de regicidio, D. José assigna a sua comdemnação, convencido de que cumpre um dever.

—Vossa magestade assigna uma sentença injusta... talvez uma vingança! exclamou o infante olhando para Carvalho. O tribunal comdemnou.... mas que tribunal! Essa execução é um verdadeiro assassinio, cuja nodoa cairá sobre a casa de Bragança. A Europa toda vê com repugnancia essa sentença barbara, pronunciada na segunda metade do seculo 18.º, como um ultrage á nobreza. Este supplicio, senhor, é um desaire para a corôa de Portugal.

—Vossa alteza atreve-se a fallar muito alto na minha presença! bradou o monarcha irritado.

—Meu senhor, não desejo promover o real desagrado. Persuadi-me que, appellando para o affecto paternal de vossa magestade, podia vir

implorar uma graça; mas vejo infelizmente que os meus inimigos tem sabido indispôr vossa magestade contra mim. As intrigas, as maquinações de todo o genero, tem feito com que vossa magestade veja em mim, não um irmão, vassallo fiel e respeitoso, mas... que sei eu!? um rebelde talvez, terminou elle, accentuando a phrase e encrespando os labios com um sorriso de desprezo.

Carvalho mordeu os beiços desesperado. Ia fallar; mas o infante não o deixou, e proseguiu, sem se importar com o rei:

—Deus é testemunha se eu desejo ou não o bem estar de vossa magestade e as prosperidades do seu reinado. Mas diz-me o coração que a regia assignatura vae sanccionar um acto injusto e barbaro. É tambem em nome de sua alteza real a princeza D. Maria que eu venho pedir o perdão da marqueza de Tavora, e commiseração para os comdemnados, que pertencem á nobreza d'estes reinos.

D. José calou-se.

Carvalho, vendo que havia silencio, disse placidamente ao infante:

—Sua magestade já assignou a sentença.

—E a assignatura tranca-se á ordem de el-rei! bradou o infante desesperado com a intervenção de Carvalho.

—Decerto, senhor infante, tornou o ministro

com premeditado sangue frio, se sua magestade ordenar, o perdão será concedido...

D. Pedro, julgando vêr abalada a firmeza que el-rei ao principio mostrára, continuou:

—Sua alteza real, eu, toda a nobreza de Portugal, imploramos o perdão. A magnanimidade de el-rei dá esperança aos supplicantes. Vossa magestade hade attendel-os.

Carvalho, que olhava ora para o infante ora para o rei, com apparente serenidade, exclamou com voz pausada e firme:

—Senhor infante, eu proprio ousaria aconselhar a sua magestade que fosse clemente com os criminosos...

D. Pedro fez um gesto de impaciencia; o ministro proseguiu sem se alterar:

—Mas creio que el-rei deseja dar um castigo exemplar a todos os scelerados que conspiram contra a sua soberana auctoridade. Os accusados, não direi que estão innocentes... (longe de mim a idéa de defender criminosos, que attentam contra a vida de el-rei!) mas poderão talvez merecer algum acto de benevolencia da parte de sua magestade. El-rei dirá se merecem alguma attenção esses miseraveis, que não recuam diante de nenhuma infamia para abaterem o poder real...

—Não vê que está insultando nobres e não vilões? interrompeu D. Pedro, irritado com as palavras de Carvalho.

—Os nobres, continuou o ministro com inalteravel serenidade, deixam de o ser logo que el-rei os dispa dos seus fóros e titulos...

—Ninguem póde aviltar-lhes o sangue! atalhou o infante, e soffreando a colera que as palavras de Carvalho pareciam destinadas a provocar.

—Formaram uma conjuração, proseguiu o ministro no mesmo tom, contra os augustos dias de sua magestade, que Deus guarde; e sabe vossa alteza como isso se chama?

—Um erro.

—É doce bastante, senhor. Chama-se uma tentativa de regicidio, com principio de execução, cujo effeito foi malogrado por motivos supervenientes, estranhos á vontade dos conspiradores. Ora os que incorrem n'estas culpas chamam-se...

—Infelizes! interrompeu D. Pedro com vehemencia.

—Rebeldes, meu senhor; rebeldes, que é necessario punir. Mais do que assassinos... porque o assassinio de el-rei não é um homicidio qualquer.

Depois de uma pequena pausa, continuou:

—O povo, que ama extremosamente o seu rei, pede a cabeça dos culpados; pertence com tudo a sua magestade a faculdade de perdoar. Nem por isso os seus vassallos lhe serão menos affectos, porque muitos são os bens que lhe devem. As cousas, senhor infante, não são tão feias como a

vossa alteza se affiguram. Se a clemencia é uma prerogativa elevada da corôa, tambem não fica mal ao rei deixar livre a acção da justiça.

A victoria estava ganha para Carvalho. D Pedro fulminava com o olhar o impassivel ministro.

—Mas não sabe que a voz publica é de que os presos estão innocentes? exclamou o infante.

—Se vossa alteza o não diz, decerto que o ignorava. O tribunal comdemnou, e eu posso affiançar a vossa alteza que achou provas para isso.

—O tribunal póde obedecer a alguma razão superior...

—Decerto, senhor infante; á voz da consciencia e da lei.

—Talvez que não; talvez alguma mão occulta lhe mostre abertas as portas do forte da Junqueira.

Carvalho a esta allusão fez-se pallido; todavia, respondeu, affectando a maxima serenidade:

—Tem informado mal a vossa alteza. Os assassinos punem-se com a forca, os regicidas com a morte affrontosa e infamante, como infame foi a sua culpa. Perfidos seriam os juizes, perfidos e iniquos, se não comdemnassem.

—Sem provas... tornou o infante.

D. José, que via accender-se o debate entre o infante e o ministro, atalhou-o:

—Vossa alteza falla mais do que deve. As fortalezas do reino abrem-se e fecham-se á minha ordem...

O infante sentiu subir-lhe uma onda de fogo do coração até ao cerebro. Passou-lhe diante dos olhos uma nuvem. Com os labios tremulos, redarguiu a el-rei:

—Se vossa magestade o ordena, uma d'essas prisões é para mim.

—Cale-se, senhor infante, replicou o rei enfadado.

—Não posso, meu senhor. É mister que eu falle francamente a vossa magestade, ainda que vá depois morrer no cadafalso com aquelles desgraçados. Morrerei pela dedicação que consagro a vossa magestade; morrerei por que ousei affrontar a colera real para afastar o castigo de Deus do throno portuguez; por que vim dizer a meu irmão: *sêde generoso e bom;* e ao rei: *sêde magnanimo.*

D. José estava vermelho de indignação.

—Senhor infante! bradou elle, erguendo-se da cadeira impetuosamente. Entregue immediatamente a sua espada ao capitão das guardas. Depressa, que é indigno de a trazer á cinta...

D. Pedro córou diante de tamanha affronta, e curvou-se, balbuciando:

—Tambem insultado!...

Carvalho, pretendendo acalmar a tempestade, disse brandamente a D. José:

—Vossa magestade permitte-me que falle?

—Falle.

—Atrevo-me a lembrar a vossa magestade, que a muita dedicação do senhor infante pela pessoa de vossa magestade é que faz com que sua alteza exagere tanto o seu zelo. El-rei, na sua indignação, desprezou uma espada leal...

—Perdôo a sua alteza! disse D. José, recostando-se na cadeira.

—Agradeço a vossa magestade de todo o meu coração, tornou Carvalho, fazendo uma reverencia.

—Sua alteza póde sair, disse el-rei, estendendo a mão para a porta.

O infante obedeceu, retirando silencioso. Ao sair a porta voltou-se, fez uma reverencia ao rei, e lançou um olhar ameaçador sobre Carvalho.

Seria uma promessa? N'aquelle olhar estava como que prophetisado o futuro do potente ministro.

O reposteiro caiu, tenindo as argolas douradas, em quanto o som dos passos do infante se extinguia de todo.

Nem o rei, nem o ministro se atreviam a fallar no que se acabava de passar com o infante. D. José foi o primeiro que rompeu o silencio, perguntando ao ministro:

—A que horas principia ámanhã a execução?

—Ás sete horas.

—Qual é o primeiro executado?

Carvalho pareceu meditar um pouco antes de responder.

—Não posso dizer seguramente a vossa magestade, mas talvez o duque... ou então a marqueza...

—Bem. Preciso algum descanço. Veiu sua alteza inquietar-me...

Carvalho metteu n'uma pasta os papeis que tinha sobre a meza, sobraçou-a, e disse a el-rei:

—Vossa magestade determina mais alguma cousa?

—Nada.

O ministro fez a sua reverencia e saiu.

D. José passou a mão pela testa, como para afastar algum doloroso pensamento.

A assignatura que acabava de prestar á sentença ia levar ao patibulo dez comdemnados.

Podia porventura o espirito de D. José conservar-se sereno e desassombrado?

Pódem acaso os reis sentir a consciencia em paz quando a sua mão, destinada a ser a providencia dos povos, se mancha no sangue de tantas victimas?

Não póde ser. O somno de Nero devia ser perturbado com horriveis visões. Não ha instincto feroz que consiga aniquilar os clamores d'essa voz, que todos sentem alguma vez bradar-lhe no intimo—a consciencia!

O rei que firma a comdemnação de um criminoso não póde siquer, como o juiz, justificar-se com o seu dever. Não, por que o juiz executa a lei, e não tem o poder de absolver, 'quando as provas accusam e a lei castiga; em quanto o rei tem a prerogativa de perdoar, prerogativa que é tambem um dever sagrado da corôa, por que significa a mais brilhante virtude d'ella — a clemencia.

É impossivel que a alma de D. José 1.º se não enluctasse n'aquelle solemnissimo momento. Dez victimas iam cair debaixo da justiça real. Dez desgraçados iam ser espedaçados na roda, ou garrotados, ou mortos no meio das torturas!

Foram estas monstruosidades da monarchia absoluta que lhe cavaram a ruina. Ia em metade o seculo dezoito; mas a tempestade que em Portugal devia romper cincoenta e tantos annos depois principiava a enovelar-se no horisonte.

A realeza ia accumulando os seus crimes, e os povos sentiam já todo o pezo d'elles. Além dos Pyreneus ouvia-se o primeiro rugir da tormenta. Da banda d'além do Atlantico uma nacionalidade se criara em nome de um principio novo — a soberania popular.

Os encyclopedistas francezes, e Voltaire á frente d'elles, formulavam os dogmas de um novo cathecismo dos povos. Tudo se preparava para a grande revolução, todos os elementos se iam

congregando para receber o grande seculo 19.º, destinado a trazer em si o verbo de uma nova redempção.

O supplicio de Belem, o auto de fé de Malagrida, alguma cousa foram para o capitulo das accusações que a revolução liberal lançou contra a monarchia absoluta.

Os gritos que aquelles desgraçados soltaram no meio da infernal tortura, fizeram ecco na historia, e acordaram na consciencia dos povos as noções de um direito contrario ao direito divino dos reis, que permittia a estes dispôr da vida humana a sabor dos seus caprichos, ou das suas vinganças.

Liberdade, quantas ondas de sangue não correram antes que as tuas flôres desabrochassem na terra da patria!

Por cada um dos excessos de que te accusam, praticados nas horas do delirio, quantos crimes não respondem na historia do despotismo monarchico!

Ahi está o supplicio de Belem como uma das mais tremendas comparações.

V

O supplicio

Despontou nublado e frio o dia 13 de janeiro de 1759.

Inuteis foram todos os esforços para salvar do patibulo os infelizes, accusados de um crime que ainda hoje não está completamente isento de mysterio.

O lucto e o opprobrio iam cobrir a flôr da nobreza do reino, representada no duque de Aveiro e na familia Tavora!

D. José mostrou n'este triste negocio uma decisão e firmeza inabalaveis.

Na noite de 12 para 13 construiram os operarios, no largo de Belem, o palco onde devia representar-se a lugubre tragedia.

Á luz tremula dos archotes, cujo clarão illu-

minava as aguas turbidas do rio, se levantavam os postes e se pregava o sobrado em que devia cair a cabeça da marqueza de Tavora, e haviam de expirar á força de torturas os seus companheiros de infortunio.

O cadafalso tinha sete palmos de altura, trinta e seis de comprimento e vinte e sete de largo. Assim era necessario para accommodar dez suppliciados.

A cavallaria, que viera de fóra da capital, e dois regimentos de infanteria, faziam a guarda do cadafalso. Atraz da tropa agitava-se o mar immenso dos curiosos. Toda esta massa de gente apresentava um aspecto estravagante pela desigualdade da sua superficie, e variegados trajes que exhibia. No meio da multidão appareciam vultos de physionomia sinistra e olhar sanguinario, pregado no cadafalso, onde estavam as aspas e mais instrumentos de tortura, como que esperando anciosos o momento em que principiasse o sangrento espectaculo.

E com que esforços, com que empurrões, acompanhados de blasphemias, procurava esta escoria do povo tomar o logar da vanguarda para melhor saborear os horrores da tragica scena!

Digo a *escoria* do povo, porque o povo não estava alli. O povo revela-se por impulsos generosos, ou por coleras tremendas. Aquelle instincto ferino, que se compraz em contemplar tranquilla-

mente a agonia das victimas, não é do povo. É da escoria vil, que vive no fundo de todas as sociedades, e que vem á superficie quando acontecimentos extraordinarios as agitam, como certos pós que depositam no fundo dos liquidos, sem nunca se misturarem com elles, mas que temporariamente apparecem á superficie, quando se agita o frasco que os contem.

Povo! a tua historia não se confunde com a da vasa immunda das povoações. Estavas em França, em 1789, quando o terceiro estado se constituiu em assembléa nacional e declarou que só n'elle residia o verdadeiro poder da nação; mas não estavas na possilga do sapateiro do Templo, nem nos morticinios dirigidos por Jourdan *Coupe-tête*.

Estavas tambem em Portugal, no dia 24 de agosto de 1820, quando, tranquillamente, sem violencias, nem desordens, derrocaste o governo absoluto; mas não estavas na manhã de 4 de novembro de 1836, quando a turba furiosa arrastava o cadaver ensanguentado de Agostinho José Freire á vala do cemiterio!

Tanto em França como em Portugal, a revolução agitára a sociedade, e a escoria misturou-se. O povo fez a revolução, a plebe maculou-a. O povo queria a liberdade, a plebe quiz o roubo e o assassinio vil. Não te confunda, pois, a historia, ó povo generoso, cujas paixões, por mais impe-

tuosas, tem o quer que é de grandes; não te confunda com a plebe desvairada, que te acompanha sempre na lucta, para tirar muitas vezes á victoria o seu esplendido brilho.

N'este oceano da humanidade, quando a tempestade agita e enovela as ondas, o povo é a espuma que fluctúa, a plebe o lodo que jaz no fundo, e que o movimento levanta.

Não era pois o povo que applaudia as scenas monstruosas de Belem, que assistia de braços cruzados ao assassinio legal de tantas victimas, a quem a ferocidade da justiça arrancava gritos dilacerantes.

Era a plebe infima, que n'estas occasiões se congrega e avulta, amalgama monstruoso de todos os exemplares humanos; bando de noctivagos, que a luz do sol offusca, e que atravessam os bairros escusos das cidades, arrastando os esqualidos farrapos; physionomias sombrias, cobertas de pallor bilioso; homens, emfim, de barba hyrsuta e cabellos desgrenhados, que esmolam e roubam, que não teem que comer, e vivem!

Por accaso no meio d'aquella multidão se enxergava algum vulto de outra especie. Um fanatico, um excentrico, dos que gostam de examinar tudo para poder philosofar sobre os acontecimentos. Plinio morreu na boca da cratera do Vesuvio a observar a explosão. Era um d'esses taes.

A gente miuda que cercava o cadafalso, e que fôra tomar logar antes do sol nado, mostrava já certa impaciencia pelo espectaculo.

Eram mais de seis e meia. Estava tudo a postos. Só faltava que se abrisse a porta do pateo chamado dos Bichos e d'ella saisse o lugubre cortejo.

Entretanto a multidão fazia os seus commentarios ao caso. Qual accusava o duque de soberbo, e achava justo o castigo; qual lastimava os fidalgos, sem todavia se atrever a censurar o ministro, nem o rei, que haviam ordenado o supplicio. Estes perguntavam quem seria primeiro justiçado; aquelle dava a esse respeito a sua opinião, attribuindo a preferencia ao grau de nobreza, outro ao grau da culpa.

Havia n'um dos grupos uma velha que todos ouviam com certa attenção. Era a tia Jacintha, mulher de seus setenta annos, que outr'ora tivera uma casa de adella no beco dos Frades, e depois do terramoto fôra viver para Belem, onde emprestava dinheiro a juro grosso, além de exercer outros misteres consoantes com a sua idade.

Palrava a velha muito a favor dos fidalgos, e bastante tambem a favor dos jesuitas, a alguns dos quaes o ministro lançára já a mão. Andava inspirada pelos padres da companhia, que a voz publica dizia estarem relacionados com ella, talvez n'algum commercio de consciencia, a qual,

seja dito, na tia Jacintha não era decerto muito limpida.

Um rapazote, que estava perto da velha, e que, pelo uniforme que trajava, pertencia aos algarvios da guarnição das galeotas reaes, escutava a tia Jacintha com um sorriso provocador.

Não dava a velha pelo sorrisinho do rapaz, e portanto continuava na sua lamuria a favor dos fidalgos. Mas o algarvio, que já estava farto de a ouvir taramelar, abeirou-se d'ella e disse-lhe:

—Está vossê a desenrolar o carretel ha bom quarto d'hora, sem dizer cousa com geito... Era melhor que mettesse a viola no sacco, e não atormentasse a cabeça á gente.

—Olhem o rapazola que se faz tolo! Cuidas que todos são como tu, algarvio d'uma figa!... Vae; vae lá remar nos escaleres... que não és tu que me dás quinau. Tinha que vêr se este francelho, com ares de cousa grande, me vinha desmentir publicamente...

—Ai! descance, tia Jacintha. Eu acredito em tudo que vossê disse...

E largou outro sorrisinho de escarneo.

—Muito obrigada ao seu favor! replicou a velha, simulando uma mesura.

—Nanja por isso! tornou o algarvio.

—A turba, que ouvia o dialogo, ria a bom rir, o que mais exaltava á tia Jacintha.

—Figas, demonio! vae-te lá para longe, e não

venhas aqui, no meio de gente de bem, affirmar que os padresinhos da companhia não estão innocentes da culpa de que os accusam... T'arrenego! que linguas estas, que não respeitam nem a Nosso Senhor Jesu-Christo!

N'estes colloquios se entretinha a multidão esperando, como nos circos romanos, que a primeira victima entrasse na arena.

Entretanto crescia a indignação na alta sociedade de Lisboa. Parte da nobreza saía da cidade para os distantes senhorios, afim de não assistir ao terrivel espectaculo, que ia cobrir de opprobrio e de lucto as principaes casas do reino. Outra parte, menos expansiva nas suas manifestações, continuava a residir em Lisboa, ou a exercer os seus cargos na côrte, sem mostrar o menor indicio de reprovação pelo acto que ia praticar-se.

D. José sustentava a mesma inabalavel firmeza. Não houve instancias da filha, nem do irmão, que abrandassem a inflexibilidade da sua vontade n'este triste negocio.

Carvalho convencera o rei de que o desbaste na nobreza era um exemplo necessario, por que os tramas contra a soberania de D. José eram constantes, e só podiam evitar-se com um castigo severo. El-rei via os seus dias ameaçados. Faziam-lhe crêr que o intento dos conjurados fôra assassinal-o e elevar a princeza ou o infante ao

throno. No seu proprio interesse estava extirpar a origem d'esses planos subversivos.

Estes projectos tenebrosos, que el-rei via diante dos olhos, serviam maravilhosamente os intuitos de Sebastião José de Carvalho.

A nobreza levantara-se diante do ministro como um adversario poderoso e temivel. Era preciso esmagal-o, para não ser vencido por elle.

Ao mesmo tempo que servia os seus proprios interesses, neste combate com a aristocracia, o ministro servia a causa do povo. Homem de vistas largas, comprehendia que a boa administração precisava emancipar-se do influxo da nobreza; fazer governo para o paiz e não para os nobres; fortalecer o principio da auctoridade real em proveito da causa publica. Este pensamento, decerto subordinado ao interesse particular do ministro, é todavia manifesto neste e n'outros actos da sua administração. Oriundo da classe media, levantado ao fastigio do poder só pelo valor das qualidades proprias, Carvalho representou no governo o elemento liberal, relativamente á sua época. Frente a frente com a aristocracia, com os previlegios de casta, com as distincções de religião, com todos os prejuizos emfim das sociedades antigas, arcou poderosamente com elles, e pelo valor ingente da sua fecunda iniciativa conseguiu derrocal-os. O supplicio de Belem, e depois a extincção dos jesuitas, foram a base d'esse plano,

que ficou traçado nas reformas sociaes consignadas em toda a sua legislação civil.

A execução dos conjurados é portanto o prologo d'essa administração reformadora. Abateu os nobres, mostrou que as suas pessoas não eram mais inviolaveis que as do povo, e soffreando-lhes com este castigo severo as demasias de seculos, aplanou o caminho para os governos modernos. Levantou, é certo, o poder absoluto da corôa, fortaleceu o direito divino, mas á sombra d'elle poude transformar as condições do paiz. N'aquelle tempo era talvez o unico meio de levar a effeito o seu pensamento governativo. Pôz o governo absoluto a serviço das reformas liberaes. Sem a força de um, não houvera talvez realisado tão facilmente as outras. O que os povos conseguem pela soberania propria, fel-o Carvalho com a sua unica vontade, servida pela monarchia despotica.

Quando observamos, pois, o supplicio de Belem, não vemos exclusivamente a crueldade do castigo; consideramol-o tambem pelos seus resultados; do mesmo modo que as execuções da guilhotina em França, depois de 1789, devem ser julgadas em relação ás suas consequencias sociaes e politicas. Quando o sangue verte, o coração decerto se confrange, mas a critica da posteridade tem muitas vezes de pôr de parte a sensibildade, para analysar os factos em presença dos seus resultados.

Entretanto, para sermos fiel á narrativa, descreveremos aqui, a largos traços, a funebre cerimonia.

Os comdemnados foram conduzidos em cadeirinha da prisão do pateo de Belem para o cadafalso.

O cortejo era precedido de um esquadrão de dragões e dos corregedores e escrivães do crime.

A primeira victima foi a marqueza de Tavora D. Leonor. Seguiu-se-lhe D. José Maria de Tavora, e depois o marquez de Tavora filho, o conde de Athouguia, Manoel Alvares Ferreira, Braz José Romeiro e João Miguel; e por ultimo, depois de um curto intervallo, o marquez de Tavora pae, o duque de Aveiro e Antonio Alvares Ferreira.

Os maiores culpados, o duque de Aveiro e Antonio Ferreira, que disparara o tiro sobre a carruagem, foram os ultimos justiçados.

A marqueza de Tavora fôra escolhida para encetar a sangrenta hecatombe; e a alguns escriptores temos visto assegurar que esta preferencia fôra determinada por Carvalho, receando que elrei á ultima hora se deixasse commover pelas instancias da princeza D. Maria.

A marqueza foi tambem a unica victima que teve as honras de ser decapitada. Todos os outros comdemnados foram mortos por meio da tor-

tura. Eram estendidos n'uma aspa e ahi garrotados; ao mesmo tempo lhes quebravam as canas dos braços e pernas com massas de ferro.

Antonio Alvares Ferreira, como mais criminoso de todos, teve ainda mais cruel supplicio. Foi amarrado a um poste sobre o cadafalso, e queimado vivo. O desgraçado soffreu dôres atrozes antes que as chammas o envolvessem completamente e o ultimo alento de vida se lhe escapasse.

Depois de finda a execução, o cadafalso foi incendiado, e as cinzas da immensa fogueira, onde dez cadaveres desappareceram, lançadas ao rio.

José Polycarpo de Azevedo, que não podera ser agarrado, foi queimado em estatua no mesmo patibulo.

Assim desappareceram completamente os restos d'essas infelizes victimas, cujo execrando supplicio é uma grande nodoa no reinado de D. José e no consulado do marquez de Pombal.

Consummado o sangrento sacrificio, os espectadores foram retirando silenciosos e em debandada pela estrada de Lisboa.

Era quasi noite. O supplicio accabara muito depois das quatro horas. A gentalha assistira ainda ao incendio do cadafalso, para que do espectaculo nada ficasse por vêr.

A punição dos conjurados não ficou na pessoa d'elles. Estendeu-se a toda a sua descendencia.

O appellido dos Tavoras foi riscado da nobreza do reino. O marquez de Gouvêa, filho do duque de Aveiro, foi encarcerado; a duqueza mettida no mosteiro de religiosas do Rato. Os bens de uns e outros foram confiscados; e os seus palacios demolidos. Em Belem, no logar onde o duque tinha uma casa, que tambem foi arrasada, levantou-se a columna, que ainda lá existe, commemorando o triste acontecimento, e decretando para as gerações futuras, que nunca mais n'aquelle terreno se fizessem construcções.

Á furia justiceira de D. José não escaparam tambem outros parentes da casa de Tavora, como foram o marquez e marqueza d'Alorna e suas duas filhas; D. Manoel de Souza Calhariz, e os padres da companhia Gabriel Malagrida, João de Mattos e Alexandre, afóra os que ficaram reclusos nos proprios collegios.

O marquez foi encerrado no forte da Junqueira e D. Manoel de Souza na torre do Bugio. A marqueza e as duas filhas foram enviadas debaixo de prisão para o convento de Chellas.

Houve ainda outras prisões, que não vale a pena memorar aqui. A junta da inconfidencia desinvolveu largamente a sua alçada, e as fortalezas tiveram hospedes em abundancia.

A marqueza de Tavora, D. Thereza, continuou no mosteiro de Santos, tratada com todas as attenções e desvelos, em quanto no Rato a infeliz

viuva do duque de Aveiro soffria toda a sorte de privações; em quanto em Chellas a espoza e filhas do marquez d'Alorna eram tratadas como prisioneiras!

Foi a correspondencia do velho marquez para a familia, escripta com um liquido vermelho, que fez suppôr, e geralmente se espalhou, ser escripta com o sangue das proprias veias do prisioneiro. Parece porém averiguado, que raspando o tijolo e diluindo o pó na agua, o marquez arranjava a tinta para escrever aquellas sentidas cartas.

Uma d'estas prisioneiras de Chellas, filha do marquez d'Alorna, foi depois a celebre poetisa portugueza, que na Arcadia Lusitana teve o nome de Alcipe.

Todos éstes acontecimentos fizeram ruido na Europa. O nome de Sebastião José de Carvalho, que o terramoto tornára já muito conhecido nas nações estrangeiras, tomou certa celebridade com o supplicio de Belem. A expulsão dos jesuitas, logo depois, devia tornal-o universalmente conhecido.

Surgia cá no extremo occidente um vulto com as proporções do grande ministro de Luiz 13.º Como Richelieu, quizera vêr a nobreza dobrada a seus pés; e ao supplicio de Chalais, de Cinq-Mars, de Montmorency, respondia em Portugal a execução do duque de Aveiro e dos marquezes de Tavora!

Não tardou muito que a munificencia real viesse recompensar o zelo do ministro no serviço da corôa. A povoação de Oeiras foi elevada á cathegoria de villa, e Sebastião José de Carvalho criado conde de Oeiras.

Ainda outras mercês lhe foram concedidas.

Dest'arte dava el-rei D. José, por um acto publico, approvação solemne á actividade do ministro na execução dos conjurados e na expulsão dos jesuitas que pela mesma occasião realisou.

VI

Os jesuitas

Havia mais de dois seculos que a celebre companhia de Jesus se estabelecera em Portugal. Sobejara-lhe tempo para se engrandecer, e tornar-se amada do povo e respeitada pelos soberanos, cujas consciencias dirigia.

Trouxeram os jesuitas por muito tempo fechado na mão o poder real. Confessores dos reis, e educadores do povo, estribavam ahi a sua poderosa influencia: na consciencia dos monarchas pelo confessionario; no coração das gerações pela escola. Governavam a corôa; e assenhoreavam-se da mocidade. Tinham na mão a auctoridade e o futuro. E ninguem podia disputar-lhes este dominio estupendo, a que a intriga, a astucia e a

obediencia passiva da *limam in manibus fabri* serviam de fundamentos.

Pois no fim de duzentos annos encontrou a companhia um homem, que ousou fazer-lhe a mais tremenda guerra, destruindo afinal uma das mais queridas instituições que o piedoso rei D. João 3.º introduzira em Portugal.

Este homem foi Sebastião José de Carvalho e Mello.

A companhia encontrou no ministro portuguez um adversario digno d'ella, que oppondo a astucia á astucia e a intriga á intriga, soube dirigir o raio do extirminio ao coração da sociedade.

Ao omnipotente poder que outr'ora exercera, succedia uma decadencia progressiva. Carvalho minava os alicerces do edificio com a sagacidade de inimigo intelligente e pertinaz. A influencia do ministro não se limitava a despojar os jesuitas de todos os previlegios, nem a prohibir-lhes a residencia no paiz; levava a má vontade contra elles até Roma, e a todas as côrtes estrangeiras.

Expulsa do paço, prohibida de prégar e confessar, a companhia esperava a todos os momentos novas aggressões.

Havendo-se installado no Maranhão e Paraguay, como missionaria destinada a levar á America a civilisação europea com a religião de Christo, approveitava esse officio digno dos santos martyres para crear influencia no espirito dos indige-

nas, trazel-os subjugados ao poder moral que sabia adquirir por meio da religião, e á sombra d'essa influencia astuciosamente adquirida, explorar todas as relações commerciaes, e obter riquezas e poderio.

Carvalho, porém, que via a companhia com pretenções a querer fundar um estado para si n'aquellas regiões do novo continente, tratou de extinguir as missões.

Alguns destacamentos, apoz uma intimação que foi rejeitada, invadiram as povoações das tribus indigenas; mas depararam com uma robusta e desesperada resistencia por parte dos selvagens, que os astutos jesuitas haviam feito seus tenazes defensores.

As escaramuças começaram, e os padres da companhia, em vez de influirem a favor da paz, provocavam os indigenas ao combate.

Correu o sangue; e esta especie de guerra foi o principio de hostilidades declaradas contra a companhia.

A diplomacia de Carvalho junto da Santa Sé, foi então quasi exclusivamente occupada em exigir providencias contra os jesuitas. O papa nomeou um visitador e reformador da ordem em Portugal, que foi o cardeal Saldanha, creatura affecta ao ministro.

O cardeal, com o pretexto de corrigir os abusos da companhia, ia-lhe preparando a ruina.

É certo que os jesuitas tinham prevertido completamente o fim da sua instituição. As suas casas pareciam estabelecimentos commerciaes onde se fazia toda a qualidade de negocios. O cardeal reformador fulminou publicamente estes abusos, prohibindo que a ordem continuasse a occupar-se nos misteres, que pertenciam aos mercadores e negociantes.

Logo depois o patriarcha de Lisboa prohibiu aos jesuitas que prégassem e confessassem dentro do patriarchado.

Pouco a pouco se iam quebrando todas as armas com que a companhia conquistara e mantivera o seu poder.

Não poupou o ministro portuguez nenhum dos elementos que se lhe offereceram para aniquilar a sociedade de Jesus. O dinheiro correu ás mãos cheias na Curia, afim de que não faltasse alli a condescendencia indispensavel para se obterem os breves necessarios. Não regateou Carvalho os presentes aos cardeaes, e decerto lhe valeram bastante para encontrar por algum tempo, e designadamente no pontificado de Benedicto 14.º, o auxilio que a Santa Sé lhe prestou contra os jesuitas.

A corrupção de Roma era já bem conhecida. E por algumas cartas do ministro ao embaixador portuguez junto do papa, se vê como ambos tratavam estes negocios; Carvalho enviando joias e

objectos de valor para os cardeaes, o embaixador sollicitando novas remessas para obter votos e influencias.

Abalada estava já a companhia quando surgiu o attentado da noite de 3 de setembro de 1758. Como era natural, espalhou-se logo que os jesuitas não tinham sido estranhos a este acontecimento. As casas professas foram cercadas e alguns padres presos. Este golpe era profundo, e se até aqui os jesuitas tinham ido resistindo, não lhes seria facil fazel-o agora. El-rei já os expulsara do paço; e sabendo que elles tinham cumplicidade no attentado, não hesitaria decerto em exterminal-os.

Não se enganavam.

É n'esta crise tormentosa para a sociedade que vamos entrar em S. Roque, a principal casa que os jesuitas tinham em Lisboa.

A situação era grave. Presentiam que a existencia da ordem estava por pouco; que os duzentos annos de poderio e grandeza entravam já no seu occaso.

Os padres difinidores tinham sido convocados a sessão. Malagrida, Alexandre, Mattos, e o padre provincial já se achavam debaixo de chave. Os collegios estavam guardados com tropa. Imagine-se por tanto que afflictiva devia ser a situação.

Presidia ao difinitorio, na ausencia do provincial, um frade bastante idoso.

Nos rostos de suas paternidades havia o maior desconsolo.

O provincial estava fallando. Pintava com as mais negras côres a dolorosa situação da companhia. Fez a resenha das violencias de que ella tinha sido victima, e quando terminou não poude conter um suspiro profundo e dolorido.

Os padres difinidores manifestavam por gestos expressivos a sua indignação.

Depois de um curto silencio o padre, que substituia o provincial, tornou:

—Conhecem vossas paternidades o estado em que nos achamos. Esse homem jurou a nossa desgraça. Depois de expulsos, onde iremos arrastar o nosso triste destino?! Sem patria... sem recursos!... A maldição de Deus caiu sobre a companhia. Resta-nos Roma, a patria da christandade, que nunca fechou as suas portas aos fieis que a servem. Já communiquei a nossa resolução ao Geral e aguardo a sua resposta. E hade ser-nos favoravel, posso dizer-vol-o. Felizmente nada nos peza na consciencia; iremos desassombrados á presença de sua paternidade reverendissima. Fizemos quanto estava ao nosso alcance, e até fóra d'elle, para conservar á ordem a sua antiga gloria e prosperidade. Mas os esforços foram inuteis. Isto não é uma guerra de homens, é uma guerra de idéas. Já não vamos bem com ellas. Quizemos oppôr-lhes um dique, mas a corrente affluiu cau-

dalosa e venceu-nos. Vem lá de França a tempestade que acossou as ondas. Está á frente do governo um homem que a chamou em seu auxilio, em vez de a combater; as victimas fomos nós, e esses desgraçados fidalgos que irão brevemente ao patibulo. Fomos ricos, poderosos; e eis-nos perdidos e arruinados!...

O velho pronunciou as ultimas palavras com o accento doloroso de um pae sobre o tumulo da filha. A voz do pobre homem tinha lagrimas. Os padres estavam tambem silenciosos e immoveis, como mumias egypcias. A consternação fulminava todos.

O provincial enxugou á manga da roupeta uma lagrima que lhe vinha correndo pelas faces pallidas e magras. Depois continuou:

—Um homem appareceu para nosso castigo. Não quiz aniquilar-nos pela força, pela violencia; não, irmãos. Foi minando sagazmente o edificio do nosso poder, e quando o viu de todo abalado caiu de chofre sobre elle. Tirou-nos o direito de confissão, que nos dava a influencia espiritual, expulsou-nos do paço, onde podiamos seguir el-rei de perto. Feriu-nos no coração.

Um dos frades fez uma pequena reverencia ao provincial e disse:

—Posso annunciar a vossa reverencia que se trata de nos desterrar.

Todos os olhos se voltaram para o jesuita. Só

o provincial ficou inalteravel, como se a noticia lhe fosse já conhecida.

—Amigos que tenho no paço affiançaram-me que já se está preparando um navio para nos conduzir á Italia. Dar-nos-hão a escolher entre a partida para os estados da Santa Sé, e a conservação em Portugal como simples seculares.

—Já o previa, padre Francisco, tornou o provincial. Se nos offerecerem a escolha, alguns hão de ficar. Assim convém aos interesses temporaes e espirituaes da ordem. A ruina da companhia é infallivel, já nada póde evital-a. Mas como os tempos pódem mudar, é necessario não abandonar o campo das observações. El-rei não é eterno, o ministro tambem não, e quando o throno de Portugal estiver occupado pela virtuosa princeza que hade succeder ao senhor D. José, é possivel que a companhia encontre appoio na côrte.

O padre Vicente, que tambem tinha logar no difinitorio, pediu a palavra para negocio importante.

Todos os frades se voltaram para elle, por que a sua opinião tinha uma certa auctoridade. Este prestigio adquirira-o pelo seu extraordinario zelo a favor da companhia, e pela sagacidade com que apreciava sempre os acontecimentos, ou propunha quaesquer expedientes proveitosos á ordem.

O padre Vicente principiou gravemente o seu discurso:

—A companhia está irremediavelmente perdida, diz o padre provincial? Pois eu creio que ainda podia salvar-se, se Deus se amerceasse de nós, chamando a si o nosso inimigo mortal. Estamos desconceituados, não temos entrada no paço; mas ainda lá nos ficaram amigos que nos serviriam de muito, se não fosse Carvalho. Desapparecendo este homem, as cousas mudariam, e a companhia seria salva, creio-o firmemente.

Os frades fizeram todos com a cabeça um signal de assentimento. O padre Vicente continuou:

—Existe o filho de um dos conjurados, cujo rancôr contra Carvalho eu tenho alimentado. É de crêr que a execução, que se espera breve, atiçe ainda mais esse rancôr. O rapaz é enthusiasta, orgulhoso e audaz. Sente-se ferido profundamente com a prisão do pae, e com a provavel comdemnação que o tribunal lhe inflingirá. Não digo que seja cousa facil aproveitar estes sentimentos em nosso favor, mas tambem não seria cousa impossivel. Tenho explorado bem o caracter d'este rapaz, e muito me honraria se podesse fazer d'elle um instrumento docil, e ao mesmo tempo firme, dos nossos desejos. Se podessemos retardar a expulsão...

—Retardar! atalhou o provincial. Como assim?! O nosso irmão Francisco Nunes acaba de nos informar que o negocio está decidido, que até

já se prepara o navio que nos hade levar de Portugal. Como é possivel retardar essa medida, se porventura Carvalho a concebeu? Não é homem para hesitações, nem delongas.

—Mas ensaiemos algum meio, padre provincial. Vossa reverencia sabe que o nosso dever é aproveitar todos os meios de salvação. Aparece-nos esta pequena taboinha, agarremo-nos a ella.

—Decerto, padre Vicente. Mas que plano lhe suggere a sua intelligencia?

—No collegio da Cotovia ha muitos irmãos noviços, que aspiram á profissão, mas que por em quanto são livres. Ordene-lhes vossa reverencia, que no caso de apparecer a ordem de expulsão peçam a sua magestade um mez de espera para se decidirem a partir, ou a ficar. Assim demoraríamos a nossa partida, e é possivel que n'esse espaço de tempo alguma cousa se fizesse...

—E assentaria sua magestade no pedido d'aquelles nossos irmãos? observou o provincial.

—Creio que Carvalho quererá levar tudo com moderação.

O caso foi ainda discutido por algum tempo, e todos os padres difinidores emittiram a sua opinião. Venceu, como era de esperar, o alvitre apresentado pelo padre Vicente.

O provincial mandou logo ordem ao collegio da Cotovia, para que viessem a S. Roque os dois noviços mais antigos, que eram João Telles e

Luiz Martins. Do noviciado á casa professa é um pulo, e os noviços dentro em pouco entravam na portaria de S. Roque.

A casa onde o difinitorio celebrava as suas sessões era vedada aos profanos; nem mesmo a communidade lá podia entrar. Esse privilegio só pertencia aos difinidores da ordem, aos visitadores, ou a outras auctoridades. Mas na situação extraordinaria em que se achava a companhia até a disciplina cessara de existir. As circumstancias eram tão anormaes, que os padres já não cuidavam das cerimonias e preceitos da ordem, senão dos meios de se esquivarem á desgraça que estava eminente sobre elles.

Os noviços foram levados ao difinitorio e introduzidos á presença do provincial e dos outros padres reunidos.

Eram dois mancebos, ambos na flôr da sua idade. Um, o Martins, tinha o aspecto sereno dos resignados, para quem o habito era uma verdadeira vocação. Rosto redondo, bochecha grossa e rubicunda, testa estreita, olhar pouco firme, tudo isto estava indicando o embryão de um frade, que no refeitorio devia ir procurar os celicios da penitencia.

O outro, contraste singular! era magro, pallido, feições nobremente accentuadas, olhar firme e ardente, porte altivo; e uma vaga melancolia lhe ensombrava o rosto. Os cabellos negros e cur-

tos, conforme o uso monastico, eram macios e ondeados. A physionomia tinha uma expressão a um tempo doce e severa.

Fizeram ambos uma respeitosa reverencia aos difinidores, e ficaram de pé, um junto ao outro, com as mãos mettidas nas mangas da roupeta.

O provincial diligenciou dar um tom austero á palavra, para inspirar maior respeito aos noviços, e dirigiu-se a elles n'estes termos:

—Mandei-os chamar, irmãos, para os encarregar de uma missão de confiança, que póde salvar a companhia.

O provincial fitou os noviços, principalmente João Telles, para ver bem o effeito que aquellas palavras lhes haviam produzido.

João era estimado no convento pela sua muita intelligencia. O seu caracter altivo e reservado grangeara-lhe a affeição do outro provincial, que algumas vezes lhe disse: «Assim deviam ser todos os filhos de santo Ignacio.»

Notavam porém os noviços a habitual tristeza do seu companheiro. Parecia que o ralava algum profundo desgosto. Muitas vezes o iam espreitar á porta da cella, e mais de uma occasião tiveram de o surprehender com a cabeça encostada ás mãos, em posição meditativa.

Que segredo se escondia no coração do pobre moço? Era o que ninguem sabia dizer. Seria repugnancia pela vida monastica? Mas então que

vontade superior o obrigava a abraçar uma carreira para que não tinha vocação?

Não era cousa estranha ouvir fallar d'estes sacrificios impostos por circumstancias de familia, por exigencias de vaidade aristocratica, até por promessas feitas junto do leito de um pae moribundo.

A clausura tinha d'estas victimas. Os mosteiros esconderam debaixo das suas abobodas dramas intimos, que ficaram para sempre occultos, ou mal revelados por uma phrase, por uma palavra, escriptas na parede de alguma cella, ou na margem branca de algum livro.

João Telles parecia ser uma d'essas victimas. A resignação com que aceitava e cumpria os preceitos do noviciado; resignação que não era voluntaria, que mostrava bem ser o cumprimento de um sacrificio, estava denotando que a vocação do moço frade nascia, não da sua vontade espontanea, mas de alguma obrigação superior, que lhe era necessario respeitar.

Quando o provincial fez a pergunta que acima repetimos, o noviço olhou firme para o ancião, e respondeu-lhe pausadamente, como se estivesse contando as syllabas de cada uma das palavras:

—Que não farei eu para bem da companhia?

—Gosto d'essa resposta, irmão, tornou o provincial. Podia-se esperar de um homem que ainda não está indissoluvelmente ligado á nossa au-

gusta ordem, e que, vendo-a abalada, podia querer affastar-se da orbita d'este astro meio apagado, para não ficar sujeito ao seu desastrado influxo. Mas a sua humildade e obediencia ás ordens da companhia, honram-no, irmão Telles. Está, pois, disposto a cumprir o que lhe fôr determinado a bem da ordem?

—Vossa reverencia costuma ordenar e não propôr. É essa a regra da companhia, creio eu.

O provincial córou ligeiramente e replicou:

—Diz bem. A companhia precisa que os noviços da ordem representem a sua magestade sobre um negocio que interessa a todos nós.

—Farei o que me ordenarem, quando isso me não desdoure...

—Essa restricção é desnecessaria, atalhou o provincial. Trata-se de representar a el-rei para, no caso de sermos expulsos de Portugal, nos conceder quinze dias de espera, afim de meditarmos sobre a resolução que devemos tomar.

—Se el-rei quizer! atalhou o noviço.

—Para que queira é que eu vou confiar essa missão a um irmão intelligente e sagaz.

O noviço fez uma reverencia respeitosa, e o provincial continuou:

—Está disposto a ir com alguns dos seus companheiros de noviciado pedir uma audiencia a el-rei afim de obter a espera que se deseja?

—Obedeço.

—Muito bem. E empregará todos os esforços?...

—Todos.

—Escolherá então no collegio da Cotovia os noviços que devem acompanhal-o.

E voltando-se para o outro noviço, o provincial continuou:

—Irmão Martins, fica ás ordens do irmão Telles. Volta com elle para a nossa casa da Cotovia, e ahi receberá as intrucções necessarias.

O noviço Martins cruzou as mãos no peito, fez uma reverencia ao provincial, e deu a andar para a porta. João ficou no mesmo logar, sereno e immovel.

O provincial dirigiu-lhe a palavra:

—Póde retirar-se, irmão Telles. Temos que deliberar...

O moço pareceu hesitar na resposta, mas por fim replicou com voz firme:

—Se depende disto a salvação da companhia, eu, como filho da ordem, não podia saber de que modo esse milagre se realisará?

—Que quer dizer com isso? atalhou o provincial estupefacto.

—Que estimava ser instruido nos resultados que hão de provir da missão que me foi commettida.

—Nada menos que a conservação da companhia em Portugal.

O noviço deixou correr nos labios um sorriso de incredulidade.

—Padre provincial, esse milagre não o fará Deus! exclamou elle, abanando a cabeça. A companhia está perdida, irremediavelmente perdida. Não é Portugal que conspira contra nós, é a Europa toda.

—Pois é mister resistir-lhe, seja porque modo fôr!

A estas palavras do provincial os olhos do noviço lançaram um relampago.

—Não percebo, padre provincial! exclamou elle.

—Nem é preciso!

—Pois é! Vossa paternidade falla mysteriosamente de mais para a occasião. A companhia acabou; estamos aqui apenas alguns homens, reunidos pelo amor que temos á instituição, e mais nada. Preciso, pois, entrar no conhecimento dos projectos de vossas reverencias.

Os frades estavam assombrados. O noviço fallava mais em tom de auctoridade, que o proprio provincial. Que pio horror isto causava aos reverendos! Fazia cada um gestos de espanto e de indignação, que fariam rir muito o curioso que os observasse.

O provincial não se illudiu tanto com a situação. Comprehendeu que a companhia tinha desapparecido, e que o noviço podia impunemente

fallar daquelle modo. Pareceu-lhe que era melhor resignar-se ás circumstancias, e transigir.

—Tem rasão, irmão Telles. A occasião não é para distincções, nem para segredos. Todos somos igualmente interessados na gloria e prosperidade da companhia. Vae ouvir-me...

Os frades fizeram um novo gesto de espanto. O provincial proseguiu:

—Trata-se de retardar o nosso exilio para dar tempo a que alguem execute uns certos projectos contra Sebastião José de Carvalho...

O noviço carregou as sobrancelhas, cortando a fronte com uma profunda ruga vertical. Passou-lhe sobre o rosto uma sombria nuvem.

—Mas isso parece-me um crime! murmurou elle pausadamente! Vossa reverencia propõe-me a cumplicidade nelle? Nunca!

A firmesa com que o noviço pronunciou a ultima palavra fez estremecer os frades.

Como um raio que, descendo subitamente do ceu, viesse lascar e incendiar a arvore onde se acoutava um grupo de viajantes, deixando-os assombrados e exanimes; tal aquella ultima palavra do nocivo eccoou debaixo do tecto da sala, deixando a todos como que possuidos de estupor.

O quadro era pitoresco. O provincial, no alto da cadeira, dextra erguida, olhar chammejante, parecia querer fulminar com o anathema o impas-

sivel noviço. Os frades, por um impulso geral, e que parecia combinado, recostaram-se no espaldar das pezadas e largas cadeiras. Todos lançaram um olhar furibundo ao moço, voltando-se depois uns para os outros. As vistas dos reverendos cruzaram-se na mesma occasião e com expressão igual. Um d'elles, que usava grandes oculos, levou a mão ao nariz e levantou as pezadas lentes até á testa. Outro estendeu o punho fechado, em ar de ameaça. O padre Vicente sentiu um tremor convulsivo agitar-lhe os membros, e engatilhou um sorriso diabolico, um d'estes sorrisos peores que o gesto severo e carrancudo.

O provincial sentiu um impeto de colera, e bradou com voz cavernosa:

—Cale-se, peccador! O carcere castigará a sua desobediencia!

—É tarde! murmurou o noviço.

Isto bastou para recordar n'um momento aos frades a situação da companhia, que no furor haviam esquecido.

—Sim, é tarde! balbuciou o provincial.

Depois, em tom mais brando, tornou:

—João Telles, abusa da nossa fraqueza para nos injuriar. Já não é nosso irmão...

—Sou filho da companhia, mas não para entrar nos seus planos tenebrosos.

—Isto é de mais! bradou o padre Vicente no auge do furor. Não ha de ser tarde para punir

um insolente. Se ninguem aqui se atreve a corrigil-o, tomo eu a responsabilidade do castigo!... Um miseravel destes não deve ficar impune!

O sangue subiu todo ás faces do noviço. Rodou nos calcanhares, para o lado de onde surgira a voz impetuosa do padre Vicente e disse:

—Que é isso, irmão? Vossa paternidade julga que eu sou alguma criança...

—Eu te direi o que és, miseravel! bradou o padre, cego de colera, arquejante, precipitando-se de punho fechado sobre o mancebo.

O provincial ergueu-se da cadeira e gritou:

—Falta-me ao respeito, padre Vicente!...

Ao ouvir esta phrase do superior, o jesuita recuou, e foi sentar-se, roendo entre os dentes algumas injurias grossas.

—Perdôo-lhe, irmão Telles, o conflicto a que deu origem com a sua obstinada resistencia. Retire-se da nossa presença, e vá com os seus remorsos arrepender-se diante de Deus do peccado enorme em que incorreu, vá!

—Padre provincial, eu não me recuso a obedecer-lhe em tudo quanto póde concorrer para o bem da nossa augusta ordem; mas deixe-me ter os meus escrupulos de consciencia...

—Basta! nem mais uma palavra! Não vê que está offendendo o ceu com as suas blasphemias? Sáia da minha vista, e vá ajoelhar penitente diante do altar.

— Sim, sim! exclamou o padre Vicente. Sáia já da nossa presença!

Os frades fizeram um signal affirmativo com a cabeça e estenderam todos a dextra para a porta.

João correu rapidamente um olhar por todos os reverendos, e os labios encresparam-se-lhe com um sorriso cheio de amarga ironia.

N'este momento bateram á porta umas pancadas compassadas e significativas. Os frades cruzaram a vista uns com os outros; um d'elles levantou-se e foi direito á entrada. Houve silencio de alguns segundos.

O frade voltou ao meio da sala, e disse em voz alta e um pouco sobresaltada:

— Um enviado de Roma.

— Ah! exclamaram unanimemente os reverendos padres.

— Fazei-o entrar, irmão, replicou o provincial.

— Aberta a porta, surgiu entre os humbraes um homem coberto de poeira, vestido de cavalleiro. As botas grandes chegavam-lhe ao joelho; tinha as esporas ensanguentadas. Empunhava um chicote grande, que trazia enrolado no cabo.

O superior fez-lhe um aceno para que se approximasse. O enviado avançou com passo firme, deitando um olhar audaz a todos os circumstantes, ainda mal dispertos do espanto que lhes causara tão inesperada visita.

O estrangeiro era um homem de 50 a 60 an-

nos; alto, de boa presença, physionomia agradavel e insinuante. Não usava barba, o que n'aquella época era cousa vulgar. Os cabellos annelados, e ruços, pareciam revelar a existencia da cabelleira, cujo rabicho terminava na indispensavel bolsa e laço de seda preta. Tambem não era cousa estranha a cabelleira.

Tinha as feições bem pronunciadas. O nariz um pouco grande e aquilino, os olhos pardos e vivos, a bocca ligeiramente comprimida, tornavam a physionomia deste homem de uma expressão poucovulgar.

—Tem que dizer-me alguma cousa confidencial? perguntou o provincial, tanto que viu o estrangeiro aproximar-se.

—Trago uma carta do Geral para vossa reverencia, respondeu elle em portuguez, mas com uma pronunciada entoação italiana.

O superior pôz-se em pé e recebeu respeitosamente a carta, que o enviado sacou da algibeira da casaca e lhe apresentou. Era um papel grande, dobrado, e sellado com o annel de Lourenço Ricci, recentemente eleito 18.º Geral da companhia de Jesus.

O provincial rompeu o sello, e, sempre de pé, leu o conteudo da carta, primeiro em voz baixa, depois em tom alto, para ser ouvido de todos.

Era uma ordem do Geral da companhia, em que conferia ao padre Luiz Meridanti todos os poderes necessarios para governar superiormente

a provincia de Portugal, prover a tudo que fosse necessario, tanto no temporal como no espiritual, e exercer em nome do proprio Geral a soberania da ordem; devendo todos os jesuitas portuguezes respeital-o e obedecer-lhe como se o proprio Geral fôra.

Tanto que a leitura acabou, o superior desceu do estrado, e offerecendo o logar ao italiano, disse-lhe:

— Aqui tem vossa reverencia a minha cadeira. Queira interrogar, que eu responderei.

— Não é preciso. Estou largamente informado do estado em que se acha a companhia em Portugal. Venho de longe, e colhendo noticias por toda a parte. A situação é triste, padre provincial; e que Deus se amerceie dos que nos levaram a ella. O Geral conhece que a provincia portugueza não guardou, com aquelle respeito com que devera fazel-o, as velhas tradicções da ordem. As paixões do seculo poderam mais que os exemplos dos santos padres, que tanto illustraram os fastos da companhia com a fama de suas virtudes. Este descaminho da nossa ordem serviu de pretexto aos nossos inimigos, e com elle arrancaram ao chefe da egreja esses breves que foram a nossa vergonha, e que o Geral, apezar da sua influencia e dos seus esforços, não poude supprimir. Entretanto alguma cousa se fez, e mais se ha de fazer com a ajuda do Senhor.

Acabadas estas palavras, o italiano precorreu a casa com os olhos, e fixou os dois noviços, que se conservavam de pé, proximos da porta.

—Aquelles irmãos não são ordenados! disse elle, dirigindo-se ao provincial.

—Não, senhor.

—Então que fazem aqui?

O superior contou-lhe tudo que se tinha passado com João. Depois da narrativa, o enviado, carregando a expressão da physionomia, disse ao moço:

—Está resolvido a seguir os seus irmãos no exilio?

—Farei o que me ordenarem.

O italiano mudou de tom, e com um sorriso benevolo tornou:

—Se quizer ficar em Portugal prestará tambem bons serviços á companhia.

—Se me dão a escolher, prefiro então ficar.

—É natural. Pois bem; uma vez que o seu noviciado ainda não terminou, só podemos exigir-lhe actos de dedicação e não cumprimento de deveres. Expulsa a companhia, extincta em Portugal, o irmão fica completamente desligado de nós. É um secular; mas como secular nos póde prestar auxilios, se o prende algum amor á instituição a que ia ligar para sempre a sua vida. No nosso exilio precisamos tambem de amigos sinceros n'esta terra.

—Exilados! balbuciou o provincial, quando ouviu as ultimas palavras do italiano. É decididamente certo que somos exilados?!

—Certissimo. Nem ha poder que o comsiga impedir.

—Quem sabe?! murmurou o padre Vicente.

—Tudo é inutil, repetiu o italiano.

O provincial deixou cair os braços com um desconsolo que compungia.

—Não desanime, padre provincial, tornou o enviado. Um filho de Santo Ignacio deve ter coragem para encarar os revezes, e palavras só para louvar a Deus, mesmo quando elle lhe manda as maiores provações. E' o nosso preceito, padre provincial: *Ad majorem Dei gloriam*. Pela gloria de Deus, tudo; elle é justo até quando pune. Vossas paternidades hão de conhecer que as provações porque a companhia está passando são ainda a justiça de Deus. Todos temos peccado muito, muito. Perderam-nos as paixões do seculo, como já lhes disse. Os preceitos foram esquecidos; a humildade, tão recommendada pela nossa regra, desprezámol-a. Fizemo-nos ambiciosos e soberbos. Vossas paternidades bem o sabem.

Os padres cruzaram as mãos no peito e abaixaram a cabeça, como quem reconhecia a verdade das palavras do enviado. Este continuou.

—Se o Geral quizesse restaurar a ordem em todo o seu antigo esplendor tinha muito que re-

formar. Seria obrigado, sobre tudo, a substituir as auctoridades, que é dellas que provém esta relaxação de costumes a que chegámos.

O superior córou e disse:

— Eu não sou provincial; exerço este logar interinamente. É encargo muito pezado para as minhas forças.

O italiano continuou, sem replicar ás palavras do padre:

— Irmãos, dentro de oito dias apparecerá o decreto que nos expulsa de Portugal. É uma repetição do que já nos fizeram na Bohemia, em Veneza, na Russia, etc. Hão de dar-nos a escolher a residencia em Portugel, fóra da communidade, e como simples seculares, ou a partida para o exilio. É necessario que alguns fiquem; mas a maior parte deve seguir o seu destino. Roma ha de recebel-os de braços abertos. O que trair os nossos segredos, conte com a punição. O braço da companhia ainda chega onde quer chegar. Ai do que provocar a sua justiça, porque ella será inexoravel! Para o traidor ha de haver uma mão vingadora que lhe fará expiar a culpa!

Trovejava a voz do italiano quando soltava esta ameaça, e os seus olhos parecia que despediam raios.

Os frades estavam tremulos. João olhava para o enviado, e sentia que n'aquelle homem havia uma superioridade tal, que chegava a fascinal-o.

Depois de alguns segundos de silencio, o italiano perguntou ao superior:

—Qual dos irmãos presentes é aquelle que dirige esse moço, filho de um dos conjurados?

—Aproxime-se, padre Vicente, disse o provincial ao nosso conhecido frade.

O jesuita avançou até proximo do italiano. A colera passára-lhe, e o rosto sereno, com uma expressão banal, não offerecia ao observador o menor indicio do que era aquelle precioso caracter.

O enviado mediu-o com um olhar curioso, que o padre supportou com a mesma impassibilidade.

—Conhece bem esse mancebo? perguntou-lhe o italiano.

—Como a mim proprio.

—E tem confiança no amor que elle professa á companhia?

—Toda.

—Crê vossa paternidade poder influir bastante no caracter d'esse rapaz para o levar até onde os interesses da companhia o exigirem?

—Creio que sim.

—Elle tem ainda mãe?

—Tem. É minha, ainda mais que o filho.

—Isso é bom. Faça, pois, o seu dever, padre Vicente. Cultive essa influencia, e lembre-se que a companhia hade apreciar os seus serviços. Se a expulsão vier, prefira ficar em Lisboa; assim é necessario.

—Decerto.

—Entrego á sua sagacidade a causa da nossa augusta ordem.

O padre Vicente fez uma venia e sorriu orgulhoso por ver que o italiano lhe conhecia os dotes.

—Padre provincial, continuou o enviado, temos muito que trabalhar estes dias. É preparar a consciencia para a derradeira hora. Precisamos distribuir a alguns dos nossos irmãos umas certas missões... Algum de vossas paternidades sabe escrever correctamente uma lingua estrangeira?

—O padre Jacques conhece perfeitamente a franceza, atalhou o provincial.

—Pois ficará tambem em Lisboa. É necessario escrever muito a bem da nosssa ordem. A companhia recompensará os seus serviços, padre Jacques. O nosso combate agora tem de ser simulado; mas havemos de combater com firmeza. Todos se unem contra nós; é preciso que nos unamos tambem contra os nossos adversarios. Conquistemos a consciencia publica, e o triumfo hade chegar a final. Ás vezes depois da tempestade rompe mais esplendido o sol. Depois do infortunio, póde ainda a companhia levantar-se mais cheia de força. A desgraça é escóla, e nós, seja dito com sinceridade, precisavamos uma lição severa. A imprensa hade ser um dos nossos auxilia-

res. A companhia conta comsigo, padre Jacques.

Annos depóis publicaram-se folhetos, que se diziam escriptos e impressos em França, mas que o eram em Portugal por influencia dos jesuitas, nos quaes se defendia a companhia e accusava energicamente Sebastião José de Carvalho.

Os frades ouviam com espanto o italiano. A precisão com que elle dispunha tudo, denotava uma actividade de espirito que os assombrava; a elles, que se haviam deixado enervar nos prazeres do luxo e da abundancia, esquecidos, entre os placidos estofos das poltronas, da humildade, dos celicios e da penitencia.

O italiano, levantando a voz, dirigiu-se ao grupo dos reverendos:

—Vossas paternidades hão de guardar o mais rigoroso silencio em todos os actos que se praticarem contra nós. Nem uma queixa contra o rei ou contra o ministro. Resignação e paciencia evangelicas!

Os frades fizeram com a cabeça um signal de que comprehendiam.

—A companhia quer homens prudentes, continuou o enviado Meridanti; homens que tenham mais cabeça que coração. Na crise que atravessamos mais do que nunca esses dotes se tornam necessarios. Por falta de prudencia estão alguns dos nossos irmãos presos por cumplices da conjuração. Muito mal se cumpriam na provincia

de Portugal as recommendações e preceitos da nossa augusta ordem. Em quanto a companhia foi rigorosa observadora da sua regra, floresceu e prosperou. Inspirava-a o espirito do patriarcha Santo Ignacio. Desde que a disciplina affrouxou, principiou a ruina da ordem. Agora havemos de soffrer as consequencias!

E apontando para um crucifixo, que existia sobre uma banqueta no fundo da sala, acrescentou n'um tom reprehensivel e cheio de superioridade:

—Irmãos, orai a Deus pelos vossos peccados!

VII

Ainda os jesuitas

Os acontecimentos do Brazil, a que alludimos no principio do capitulo antecedente, não concorreram pouco para a ruina da companhia.

Todas as auctoridades coloniaes se queixavam amargamente das extorsões que os jesuitas faziam aos povos, com a ambição de accumular grandes riquezas, e olvidando completamente a obrigação que tinham de missionar, e converter os selvagens á religião christã. Com este pretexto se haviam estabelecido no Brazil, na India, em Angola; mas em vez de cuidarem na salvação das almas, tratavam de fundar, como dissemos, estabelecimentos de todo o genero. Até em escravatura negociavam!

Era impossivel que o governo portuguez vis-

se com bons olhos esta sociedade corrompida, que se mantinha, verdadeiro *statum in statu*, á sombra da religião, e dispondo de forças consideraveis em todos os pontos da monarchia.

Teve a companhia de Jesus origem em 1534, fundada pelo hespanhol Ignacio de Loyola, que a egreja canonisou em 1662, por influencia da propria companhia.

Ia quasi em meio o seculo 16.°, tão notavel por tantos acontecimentos extraordinarios. A Europa ouvia a voz de Luthero. O velho catholicismo tremia diante da palavra de fogo d'esse novo apostolo, que em nome da consciencia humana e do livre exame, pretendia derrocar o mundo das tradicções catholicas.

Esta rebellião do espirito religioso contra as velhas crenças apostolicas da Roma dos papas, ateara uma lucta formidavel em toda a Europa.

Era preciso á egreja sustentar uma resistencia poderosa contra a conquista que as novas idéas iam fazendo no velho mundo catholico. Foi com o intuito de defender o principio da auctoridade papal, e manter illesas as tradicções romanas, que Ignacio de Loyola fundou a ordem de Jesus. O papa Paulo 3.° approvou-a com enthusiasmo. O fundador offerecia-lhe uma milicia organisada com o espirito de auctoridade e de obediencia, tão necessario então para resistir á liberdade da consciencia e da razão. Esta milicia tinha nos

seus estatutos o preceito de propagar a fé, converter os herejes, e educar a mocidade. Com esta ultima obrigação contava ella como elemento importante para sair victoriosa do combate que ia travar. E o andar dos tempos mostrou até onde podia ir uma sociedade de homens desligados por meio do celibato dos affectos mundanos, subordinados a uma regra de obediencia passiva, dispondo do confessionario, do pulpito e da escóla; sobre tudo da escóla, onde as gerações recebem as primeiras impressões do espirito. Viu-se então até onde tal sociedade levou o seu poder.

Não tardou portanto, que este desinvolvimento de força produzisse receios aos governos de muitos estados. No mesmo seculo em que a companhia fôra instituida, principiou a guerra contra ella. Baniram-na a França e Inglaterra; mas no seculo 17.º tornou ella a conquistar a antiga influencia, e foi então essa a sua época de prosperidade.

Organisada de modo que uma só cabeça dirigia toda a numerosa milicia de que a sociedade se compunha; tendo por preceito a obediencia cega; seguindo o principio do *quum finis est licitus etiam media sunt licita;* predispondo cada um dos seus membros com um noviciado de dois annos; distribuindo a educação pelo povo; contando no seu gremio sabios, prégadores notaveis,

homens de genio emfim; regulando-se por um estatuto, que tirava a cada um dos seus membros a independencia individual, para os tornar simples molas de um grande maquinismo, cuja chave estava em Roma; inimiga do livre exame; auxiliar poderosa das tradicções theocraticas da Curia; influindo mais ou menos directamente na politica dos estados; dirigindo a consciencia dos reis, a quem dava os confessores, e cuja direcção espiritual estava sujeita ás indicações superiores da ordem; tendo regras e preceitos secretos, que só os professos conheciam; recebendo os membros mais esclarecidos, n'essa *Monita secreta*, instrucções como esta, por exemplo: «*Conatus omnis ad hoc in primis adhibendus, ut principum et primariorum ubique locorum aures et animos obtineamus, ne sit qui innos andeat, insurgere, quinimó omnes cogantur à nobis dependere;*» dispondo de grandes riquezas; tendo por familiares muitos dos personagens mais importantes de cada paiz; representando emfim, como os templarios seus antecessores, um estado no estado; a companhia foi durante o seculo 17.º o maior potentado da christandade.

O seculo 18.º, porém, destinado a ser o precursor da redempção politica dos povos, devia necessariamente cuspir esta excrescencia monstruosa, que se aggregara aos hombros da sociedade, pezando enormemente sobre elles; e tolhendo

os movimentos com que ella procurava ensaiar os primeiros passos no caminho das reformas.

De um lado a philosophia a irromper por meio dos seus novos problemas sociaes; de outro lado a companhia a diluir-se pela corrupção dos seus costumes, tornaram fatal e inevitavel a queda d'esse colosso das instituições religiosas.

No trabalho de ruina que foi preciso empregar para o derrubar, Portugal tornou-se um dos mais meritorios obreiros, guiado pelo espirito audaz de Sebastião José de Carvalho.

Ás hesitações de Roma, que ora concedia os Breves de reforma, e o que auctorisava a relaxar ás justiças seculares os jesuitas implicados na conjuração; ora restringia essas concessões, por meio de protestos e queixas contra Carvalho, respondeu o ministro com a lei de 3 de setembro de 1759, que expulsava a companhia de Jesus dos estados de Portugal; e na noite de 15 para 16 d'esse mez, eram os jesuitas mettidos a bordo dos navios que os deviam conduzir a Civitta-Vecchia. As casas da companhia estavam já evacuadas, e os bens da ordem tinham sido sequestrados por cartas regias de 19 de janeiro do mesmo anno, dias depois dos successos narrados no capitulo antecedente.

Assim acabára Sebastião José de Carvalho com a companhia de Jesus, que tinha mais de duzentos annos de residencia no paiz, e fôra a

ordem religiosa mais rica e mais poderosa, não só de Portugal, como de todo o mundo christão.

O combate em que o ministro se empenhou para aniquilar a companhia levou tempo a decidir; mas quando a vontade energica de Sebastião José de Carvalho se punha 'a serviço de um projecto qualquer, a victoria era quasi segura.

Á extincção dos jesuitas foi um passo formidavel no caminho da liberdade. A consciencia humana libertou-se de um jugo pesado, que lhe era imposto pelo confessionario. As gerações emanciparam-se da influencia preniciosa d'aquelles perceptores. Foi o primeiro edificio antigo derrocado pelo influxo liberal, que já então se manifestava abertamente em França. Foi a primeira amputação necessaria de um membro gangrenado, que o espirito humano praticou no velho corpo social.

Pena foi que outras se não fizessem tambem; que uma instituição odiosa, a inquisição, coeva com a introducção dos jesuitas em Portugal, não expirasse tambem na mesma agonia, e sobrevivesse ainda á companhia de Jesus por espaço de sessenta annos!

Sigamos o fio da nossa historia.

VIII

Tres annos depois

Quasi tres annos tem já decorrido depois da execução do dia 13 de Janeiro.

O leitor vai novamente commigo á casa da Cotovia, onde o supplicio de Belem deixara a viuvez e a orfandade.

A pobre velha arrastava chorosa a misera existencia. Nada podia consolal-a da perda do marido. Tinha os olhos encovados, a tez macilenta, as faces rugosas e os cabellos todos brancos. Encanecera completamente em quatro mezes. Tambem a razão soffrera transtorno, por que caira n'uma especie de pasmaceira, repetindo sempre a meia voz o nome do marido suppliciado.

O mancebo assistia quotidianamente a este espectaculo de dôr e desalento, que lhe ia formando o

caracter sombrio. Não via ao pé de si senão lagrimas e miserias; como havia de ser alegre e risonho? O rosto, apezar dos vinte annos, não se illuminava com os roseos clarões da aurora juvenil; era pallido, macilento até; ninguem poderia encaral-o sem dizer que estava alli um espirito taciturno.

Lá tinha os seus projectos o rapaz. Engendrava-os na propria imaginação, e o padre Vicente se encarregava de os animar. Odiava profundamente o que suppunha auctor de todos os seus males, o conde de Oeiras. E no intimo sentia referver um desejo ardente de vingança.

Na casa de Magdalena estavam, na occasião em que entrámos, tres pessoas: a velha, Jeronymo e o padre Vicente.

Como, o padre Vicente! dirá o leitor assombrado, sabendo que os jesuitas haviam sido expulsos de Portugal. Pois era elle, elle em pessoa. A mesma cara, com a differença que as faces haviam perdido aquella nedea apparencia de outro tempo. O cachaço tambem derretera o toucinho que outr'ora lhe servia de espessa cobertura. Em vez da roupeta de Santo Ignacio vestia traje do seculo, de fazenda ordinaria, a saragoça nacional, que depois do terramoto teve honras a que até ahi não aspirára.

O padre já não tinha o conchego da cella do seu convento; nem a rica e variada livraria, on-

de espairecer os quotidianos ocios; nem o abundante refeitorio, onde cevar as tentações do quinto peccado mortal. Vivia só, n'uma pobre casinha, escondido ás vistas da multidão, com um nome supposto, para não ser reconhecido da intendencia da policia, recentemente criada, e recebendo para seu alimento uma escassa mesada que lhe enviavam de Roma, a troco de serviços de baixa diplomacia, que elle prestava em Portugal á companhia de que era membro.

O alvará que expulsou os jesuitas só deu aos que não fossem professos, e tivessem nacionalidade portugueza, a faculdade de ficarem no paiz, mediante certas prescripções que o mesmo alvará de 3 de setembro estabelecia. Os que houvessem recebido a profissão solemne teriam de sair forçosamente do reino e seus dominios, sob penas severas para quem lhes désse couto no territorio patrio.

O padre Vicente, que pertencia ao numero dos ultimos, teve de embarcar no dia 16 de setembro no brigue *S. Nicolau* e seguir viagem até Civitta-Vecchia. Mas quando alli chegou recebeu uma ordem escripta do Geral da companhia, que o mandava partir immediatamente para Portugal, onde receberia instrucções ácerca do que lhe competia fazer, e uma mezada para sua subsistencia.

É claro que o jesuita não podia entrar em Portugal com a roupeta de Santo Ignacio, nem com

signal algum que o descobrisse. Tomou o nome de Angelo das Neves, deixou crescer o cabello, vestiu á secular, e marchou para o destino que lhe era indicado na ordem. A obediencia passiva, regra em que se estribava o principal elemento de força da companhia, obrigava-o a cumprir immediatamente as indicações de Roma. Não philosofou sobre o caso; arranjou mala, preparou os novos vestidos, e partiu. Para quê, sabel-o-ia depois, ou não o saberia nunca: era o mesmo. O bom jesuita procedia assim. O padre Vicente era dos bons, dos melhores exemplares d'esses manequins de roupeta, sem consciencia nem opinião, que abdicavam aos pés da auctoridade suprema da ordem a sua dignidade de homens, a sua superioridade de seres racionaes e intelligentes.

De volta em Lisboa, o padre Vicente foi habitar para os lados de Belem, onde ficava mais affastado do centro da cidade, e ao mesmo tempo mais proximo do palacio real e da habitação do conde de Oeiras, que era na calçada da Ajuda.

Quando entrámos em casa de Magdalena estava Jeronymo dizendo ao jesuita:

—Amanhã serei soldado, padre Vicente. Terei uma espada...

—Que has de sempre honrar, meu filho, atalhou o jesuita.

—Pela memoria de meu pae lhe prometto que cumprirei o meu dever.

—Póde ser, filho; póde ser que ainda chegue occasião em que tu possas vingar as cinzas de teu infeliz pae.

O mancebo deixou cair a cabeça. O frade continuou:

—Olha, Jeronymo; tenho ainda bem presente aquelle triste dia em que teu pae foi justiçado no largo de Belem. Já lá vão quasi tres annos, e parece-me que ainda ouço os gemidos d'aquelles desgraçados, a quem a barbaridade do conde de Oeiras fez tanto soffrer.

O jesuita não deixava passar um dia sem avivar com insistencia na memoria de Jeronymo a recordação daquellas scenas de sangue, em que o pae do rapaz havia figurado como victima. Era a maneira de conservar aberta a chaga, para que a sensação dolorosa d'ella não deixasse cair no esquecimento aquelles projectos de vingança que o altivo moço tantas vezes formára, e para os quaes o jesuita nunca olvidava de prestar materiaes.

A companhia de Jesus não hesitou em tempo algum diante destes tenebrosos planos, quando elles serviam aos seus interesses. A historia poderá fazer-lhe offensa, poderá calumnial-a; mas não hesita já hoje em attribuir á influencia dos jesuitas a punhalada com que o frade Jacques Clemente feriu Henrique 3.º, nem as tentativas de Barriere, de João Chatel e Ravaillac contra Henrique 4.º Não hesita tambem em affirmar que

o projecto de assassinio formado por Damiéns contra Luiz 15.º lhe não era estranho; e que na morte de Clemente 14.º tambem não faltou a influencia criminosa da sociedade, que elle exterminára com o breve *Dominus Redemptor*.

Como póde o juiso da posteridade, ordinariamente imparcial, desaffrontado das paixões contemporaneas, sustentar a desconfiança, senão a certeza, de que a companhia interveiu n'esses crimes, se realmente não houvera indicios para o suppôr?

A maxima machiavelica de que os fins justificam os meios, maxima que os doutores da ordem acceitavam como doutrina corrente, mais corrobora a opinião estabelecida de que os jesuitas usavam de todos os meios para conseguir os seus fins; de todos, desde a espionagem, a denuncia, a violação do sygillo do confessionario, até ao assassinato!

O padre Vicente exercia por tanto ao pé de Jeronymo uma d'essas missões tenebrosas, que os filhos de Santo Ignacio costumavam desempenhar. E de tal arte se tinha o frade insinuado no espirito do moço, que este nada fazia sem o ouvir, e todos os seus pensamentos eram inspirados pelos do jesuita.

Imagine-se, por tanto, como o frade cultivaria cautelosamente o coração de Jeronymo! Preparava-o pouco a pouco para a lucta que devia um

dia travar-se entre a sua influencia e os instinctos naturalmente bons do mancebo, quando chegasse a occasião de lhe dizer abertamente: «É tempo de cumprir um dever. Assassina o ministro, e o ceu é teu.»

Este trabalho meditado, a que o frade ha tanto tempo prestava um cuidado e uma preseverança inalteraveis, não era simplesmente um serviço á companhia, era um repasto aos seus maus instinctos.

Estes esforços do jesuita deviam encontrar um obstaculo no desejo cada vez mais vivo que Jeronimo mostrava de assentar praça. Não era da vontade do padre Vicente que elle lhe saisse debaixo da mão. Receava bem que a vida dos acampamentos conseguisse transformar o coração de Jeronymo, que tanta astucia lhe custara para o conquistar. Mas só nisto o mancebo se mostrára decidido; só nisto offerecera resistencia á vontade do jesuita. Julgou por tanto o frade que era melhor auxilial-o, e aproveitar ainda essa vocação para servir aos seus projectos.

Quando eu e o leitor entrámos em casa de Magdalena fallava Jeronymo de ir alistar-se, e estava-se preparando para partir para o exercito.

Depois de algumas palavras trocadas ainda entre o padre e o moço, este dirigiu-se á velha e, beijando-lhe a mão, disse-lhe:

—Adeus, minha mãe; chegou o momento fatal.

Não ha remedio senão deixal-a... mas olhe que não me hei de esquecer de si um só momento.

A velha ficou immovel, como se estas palavras pouca impressão lhe houvessem feito. Deitou as mãos á cabeça de Jeronymo e beijou-o sofregamente na testa e nas faces.

O moço ajoelhou diante d'ella, abraçando-a tambem pelo pescoço. As lagrimas desta vez saltaram-lhe das palpebras, grossas, abundantes. Magdalena, conservando a mesma indifferença parva, tirou um lenço do bolso e enxugou-lhe os olhos carinhosamente, murmurando entre dentes:

—Deus te abençoe, meu rico filho!

—Hei de vôltar cedo, minha mãe, disse Jeronymo levantando-se.

—Sim, sim! bem cedo, replicou a velha. Esta vida está por pouco, e é necessario que tu me vejas ainda antes que Deus me leve para si. Tenho muito que contar-te... é um segredo... um grande segredo...

—Magdalena! exclamou o jesuita interrompendo-a bruscamente.

A velha olhou para o frade, depois uniu as mãos e levantou-as ao ceu.

O jesuita tirou do bolso uma cruz e foi pôl-a defronte dos olhos de Magdalena. Ella uniu-a respeitosamente aos labios, e murmurou:

—Seja feita a sua divina vontade!

Jeronymo imprimiu ainda um ultimo beijo na

testa da mãe; abraçou o jesuita e saiu soluçando.

—Já lá vai, Magdalena, disse o frade. É altivo e valente como seu pae...

—Que Nossa Senhora o leve na sua santa guarda, replicou a velha.

—Amen!

O jesuita arrastou uma cadeira para o pé de Magdalena e sentou-se.

—Agora ficarei eu a acompanhal-a. Foi-se elle, mas eu aqui estou para tudo. Que o nosso patriarcha Santo Ignacio nos dê forças a ámbos para esta vida de trabalhos!

Jeronymo ia alistar-se.

Portugal estava em lucta armada com a França e a Hespanha, e organisavam-se batalhões para acudir em defeza da patria.

A Europa ardia em guerra. A Allemanha, a França e a Inglaterra disputavam pelas armas, a primeira a questão da Saxonia, as outras duas a do Hanover. Batiam-se tambem a Austria, a Suecia e a Russia. Frederico o grande sustentava o pezo dos exercitos colligados, vencendo os russos em Zorndorff, os austriacos em Hohenkirchen e Lowositz, os saxonios em Pirna, e os francezes em Rosbach. A estas victorias correspondiam alguns revezes, e a guerra europea prolongou-se, arrastando por fim a Hespanha, e depois Portugal, á contenda.

A França e a Hespanha, pelo tratado a que

deram o nome de *pacto de familia*, colligaram-se contra a Inglatèrra, que accusavam de querer dominar os mares, e adquirir o exclusivo do commercio maritimo.

Luiz 15.º e Carlos 3.º intimaram Portugal a que entrasse na alliança contra os inglezes, fechando os portos ao commercio britannico, e unindo as suas forças ás das nações alliadas.

O conde de Oeiras repelliu energicamente a intimação, justificando a sua recusa com os antigos tratados entre Portugal e a Inglaterra, e com o desejo que el-rei tinha de conservar o seu reino alheio á lucta e observando a mais completa neutralidade.

Renovaram os alliados as suas propostas, ameaçando com a guerra; mas o governo portuguez insistiu na recusa.

Estava, pois, acceita a guerra por parte de Portugal. Os embaixadores de França e Hespanha pediram os seus passaportes, e o conde de Oeiras mandou igualmente retirar os nossos ministros de Paris e Madrid.

Decretou tambem o conde de Oeiras a saida de todos os subditos francezes e hespanhoes, dentro do prazo de quinze dias, sob pena de sequestro nos seus bens, mandou fechar os portos aos navios das duas nações, e prohibiu o uso e introducção de mercadorias e productos dos paizes inimigos.

As hostilidades principiaram, entrando pelo reino o general Sarria á frente das tropas de Castella, e apoderando-se de algumas praças transmontanas; pilhando e destruindo tudo.

O nosso exercito estava desorganisado. Esta guerra achou-nos desprevenidos, e se não estivera no governo um homem como o conde de Oeiras, bem grandes teriam sido os desastres.

Mas á energia, á resolução prompta do grande ministro, deveu Portugal um milagre. N'um momento se levantou um exercito aguerrido. Um tributo lançado a todas as classes do paiz acudiu ás despezas do armamento. Um militar notavel, principalmente pelo seu genio organisador, o conde de Lippe, foi chamado a Portugal, e encarregado de dirigir a campanha e organisar a defeza do paiz. Foram contractados dois batalhões suissos. A Inglaterra mandou-nos tambem oito mil homens de todas as armas.

As victorias dos hespanhoes principiaram então a declinar, e a fortuna a sorrir ao nosso exercito.

No meio d'esta actividade militar que se desenvolvia no paiz, muitos mancebos corriam a alistar-se, avidos de glorias e adiantamentos, e cheios de enthusiasmo pela independencia da sua patria, que os estrangeiros vinham atacar.

Jeronymo achou-se n'essa multidão de enthusiastas. Apresentou-se, e foi alistado no regimen-

to de cavallaria de Bragança, que fazia parte das forças commandadas pelo conde de S. Thiago.

Assim realisava os seus sonhos dourados, que eram vestir a farda e ganhar [illegible] postos em combate.

De feição aos seus desejos se havia preparado esta guerra, que para Portugal foi tambem um incentivo para que o exercito e a organisação militar do paiz recebessem um impulso energico e efficaz.

IX

Os espiões da companhia

Permittiu a lei da expulsão dos jesuitas, como nos parece havermos já dito, que os particulares da companhia, nascidos no reino, ainda não solemnemente professos, continuassem a residir em Portugal, uma vez que lhe fossem relaxados os votos simples.

Muitos aceitaram esta faculdade que lhes concedia a *benignissima clemencia* do soberano, como diz a lei; e o noviço João Telles foi um dos que mais depressa a aproveitaram.

Entretanto os professos partiram para Italia. Mas como a companhia precisasse de agentes em Portugal, não tardou muito tempo que alguns d'esses padres voltassem ao paiz, um a um, e disfarçados. O padre Vicente, como vimos, veiu logo

depois da chegada do brigue *S. Nicolau* a Civitta-Vechia.

A companhia não perdêra ainda a esperança de uma restauração. A morte de D. José levaria ao throno a devota princeza, de cujo animo religioso esperavam poder obter favores.

A existencia de alguns individuos de confiança, que espiassem os acontecimentos e dessem relação d'elles ao Geral, tornou-se pois necessaria á companhia, e ninguem melhor que os proprios membros da ordem podia desempenhar esse serviço.

Foi o padre Vicente o encarregado em Portugal d'essa missão delicada. As suas participações eram entregues a um negociante romano residente em Lisboa, que as enviava com a sua correspondencia commercial para Roma, onde o Geral as recebia. Estas precauções eram necessarias por que a policia, depois da creação da Intendencia, era activa, e costumava interceptar a correspondencia quando desconfiava d'ella.

Vamos, pois, a casa do padre Vicente, em Belem.

O jesuita está sentado ao pé do bofete, n'uma grande cadeira de pau santo. Por traz d'elle eleva-se uma estante cheia de grossos *in-folios*. Em frente, sobre uma banqueta, uma pequena lampada allumia um crucifixo. Á roda do bofete estão cinco homens, dois dos quaes promptamente

reconheceremos: o padre Jacques, e o noviço João Telles.

Jacques tinha aberto na sua frente um manuscripto, que lia em voz alta. O original era francez, mas o frade traduzia-o. Escutavam-no todos com grande attenção.

— «Carvalho, lia elle, pretendendo apoderar-se de alguns bens que os pobres frades possuiam, para sua sustentação e encargos das missões, intentou levar a cabo a obra immerita da extincção da ordem.

«A companhia de Jesus, admittida em Portugal havia dois seculos, não procurou em todo este espaço de tempo senão propagar o christianismo, á custa de perigos e sacrificios. Principiou Carvalho por prohibir aos padres a confissão e a prédica, como se a palavra do Evangelho podesse nunca ser prohibida na bocca de um sacerdote! Os portuguezes receberam com indignação estas perseguições contra a companhia. O terror das masmorras é que os sustinha, para se não revolucionarem contra as prepotencias de que os padres eram victimas. As proprias auctoridades por obediencia, e por não poderem perder os seus empregos, é que executavam tão execrandas ordens.»

— Muito bem, muito bem! atalhou o padre Vicente, esfregando as mãos.

O leitor proseguiu:

—«Os serviços que a companhia prestou na Europa, no Brazil, na Africa e nas Indias, foram completamente esquecidos por um governo egoista, despotico, e que era movido em toda esta perseguição sómente pela cobiça.»

Jacques calou-se; o padre Vicente exclamou:

—Isso está o melhor possivel!

—É a metade do capitulo; guardaremos para amanhã a outra metade.

—Assim seja.

O padre Vicente abriu a gaveta do bofete e tirou d'ella varios papeis, que principiou a examinar; depois dirigiu-se a João Telles, o antigo noviço, e disse:

—Está disposto a prestar um serviço importante á companhia?

—Cumprirei o que vossa reverencia me ordenar.

João, desligado dos votos, por que estava n'esta conferencia de frades? Parecia decerto á primeira vista cousa extravagante, que o noviço houvesse aproveitado a dissolução dos votos simples, permittida na lei da expulsão dos jesuitas, e ficasse em relações mysteriosas com a companhia.

Havia uma razão, que o leitor vae já conhecer.

Depois dos acontecimentos que se passaram em S. Roque, e de que informámos o leitor, o padre Meridanti entrou em communicação directa com

frades e noviços. D'aqui proveiu nascerem certas relações de estima entre o enviado e João Telles. Este admirava o talento e a prespicacia do italiano; aquelle sympathisava com o caracter inflexivel do noviço.

João prendeu-se a Meridanti por um affecto verdadeiro, e quando a companhia se extinguiu, o noviço declarou ao italiano que se desligava dos votos, mas que estaria sempre prompto a prestar-lhe todos os serviços de que elle carecesse.

O padre Meridanti pediu-lhe então que se não esquecesse da companhia, e que de Lisboa lhe mandasse informações dos negocios de Portugal, que a companhia o havia de considerar sempre como seu filho dilecto.

Ahi está o motivo por que João Telles se achava em casa do padre Vicente.

O noviço não parecia o mesmo. A sua estatura elegante realçava debaixo dos vestidos seculares. A tristeza que lhe ensombrava as feições dissipára-se.

O padre Vicente, que nunca sympathisára com João, e que depois d'aquella scena violenta a que assistimos em S. Roque ainda menos affeiçoado lhe ficára, procurava todos os meios de o affastar de Lisboa. Conhecia, porém, que o ex-noviço não queria sair da cidade, e desconfiava que elle tinha ahi algumas ligações, d'essas que costumam prender o coração da gente moça.

Achara, porém, um pretexto para provocar um conflicto entre elle e João, que era convidal-o a ir para o exercito, em missão secreta junto de Jeronymo.

O mancebo havia de resistir, e rôtos assim os laços da obediencia, teria pretexto para expulsar o ex-noviço das conferencias da ordem.

Disse, pois, a João:

—É mister que um de nós vá juntar-se áquelle mancebo de quem tenho aqui fallado muitas vezes, com o convencimento de que elle hade ser a gloria da companhia. Está no exercito, e o abandono em que o deixamos póde trazer maus resultados. Lembra-me que João Telles está no caso de desempenhar bem essa commissão...

—Está enganado, padre Vicente, retrucou o ex-noviço. Não sirvo para ella, e peço-lhe até que designe outra pessoa.

—É impossivel. A sua idade é curta, dá-lhe força para os trabalhos. É indispensavel que parta. Levará uma recommendação minha, e eu lhe darei instrucções sobre o modo por que hade alimentar no espirito d'esse rapaz as idéas de vingança, que elle d'aqui levou... Se levar a cabo a missão de que o encarrego, conte com as generosidades do Geral.

—Padre Vicente, já uma vez em S. Roque, disse ao padre provincial, diante de vossa reverencia que me não prestava a papeis indignos. O

que disse repito-o. Se acceitasse a commissão, seria mais facil não resistir aos meus sentimentos e perder os projectos da companhia.

—Pois é necessario que parta.

—É impossivel, padre Vicente!

—Exijo-o eu em nome do Geral, e para bem da nossa augusta ordem! exclamou o padre Vicente, já rôxo de colera.

—Nada me obriga a obedecer-lhe, replicou o mancebo com um gesto de impaciencia.

—Pois ha de fazel-o! bradou o jesuita, erguendo-se da cadeira.

—Se presiste na sua teima, padre Vicente, sáio, para não mais voltar. Se pertenço a esta commissão é por estima e respeito pelo padre Meridanti...

—Olhe que eu posso esmagal-o! interrompeu o jesuita furioso.

João sorriu-se, deitou um olhar ameaçador ao frade, e disse-lhe:

—Primeiro o faria eu! Lembre-se que uma palavra minha os faria encarcerar a todos.

—Ai do traidor que tal fizesse! exclamou uma voz por traz de João.

Todos conheceram aquella voz, pelo agradavel accento italiano.

—João, disse o recem-vindo, olhando fixamente para o ex-noviço; ainda uma vez appareço na occasião em que obstinadamente se recusa a obe-

decer. Quer abandonar-nos? A companhia só deseja adhesões voluntarias; e não será uma de menos que lhe fará falta.

O leitor já conheceu o padre Meridanti.

—Senhor!... replicou João confuso.

—Já lhe disse, tornou o italiano; quer deixar-nos... póde fazel-o.

—Se o desejasse, quem me privava de o fazer ha mais tempo?!

Um sorriso amavel succedeu ao tom severo com que o italiano pronunciára as primeiras palavras.

—Uma unica coisa peço, continuou o ex-noviço; é que me não mandem sair de Lisboa.

—Se houvera dito isso ao padre Vicente, elle decerto não instaria tanto pela sua partida.

—Mas tenho-o dito mil vezes...

—Sim!?

O padre Vicente mordeu os beiços e deitou sobre o mancebo um olhar de profunda raiva.

O enviado continuou, dirigindo-se ao jesuita:

—Vossa reverencia bem sabe que já não podemos exigir obediencia, como outr'ora. É preciso transigir com tudo e com todos. Louvo o seu zelo, padre Vicente; mas louvaria muito a sua prudencia, se soubesse tel-a sempre que é necessaria. Oxalá que ainda estivessemos no tempo em que os superiores da companhia podiam dizer aos seus subordinados: obedeça! Mas não estamos. Padre Vicente, os nossos deveres agora são outros...

—Pois se eu sou inutil... observou o jesuita com fingida serenidade.

—Não dissimule, irmão. Dê largas ao seu resentimento.

O jesuita não respondeu; o italiano proseguiu:

—Moderação, padre Vicente; sempre moderação!... A proposito, como vão os nossos negocios?.... Tem-se escripto muito, padre Jacques?...

—Está prompta a primeira parte do livro...

—Bem! vel-a-hei... padre Vicente, temos muito que conversar em particular. Os nossos irmãos pódem retirar-se...

Todos agarraram nos chapeus, fizeram uma venia ao italiano e sairam. João foi o ultimo.

—Venha cá, disse Meridanti ao mancebo, attrahindo-o para o vão de uma janella. Nunca mais o hão de forçar a sair de Lisboa. Eu tomarei providencias. Não gosto de ver desintelligencias entre os amigos da companhia. Seja tambem moderado, peço-lh'o eu. O que não podér fazer em proveito da nossa ordem, faça-o pelo amor de mim.

—Senhor, replicou João fazendo uma reverencia.

—Conto então comsigo?

—Para tudo, padre Meridanti.

—Muito bem, redarguiu o italiano, apertando entre as suas as mãos do mancebo. Adeus. Póde retirar-se.

O mancebo saiu.

—Padre Vicente, continuou Meridanti encaminhando-se para o fundo da sala; estes conflictos fazem-nos mal. Não me torne mais a provocal-os. João Telles é um amigo, que nos póde ser util; é necessario affeiçoal-o cada vez mais á companhia. Nas nossas circumstancias carecemos mais de persuasão, que de violencia. Usa-se do poder, mas não se abusa d'elle.

O rosto do velho jesuita, de pallido que era, tornou-se livido. Não podia supportar as censuras do italiano. Attribuia-as todas a João, e no fundo d'aquelle coração, susceptivel só de más paixões, crescia o rancôr ao mancebo.

Principiou a vêr em João um adversario que o incommodava. Por causa d'elle soffrera humilhações. As censuras do enviado não tinham outra origem. Sempre João! Se o jesuita podesse desfazer-se d'elle, fal-o-ia n'aquelle momento. Assim se gerava um d'esses odios terriveis, a que hoje em toda a parte se chama—odio de frade.

O enviado conferenciou largamente com o jesuita ácerca dos negocios de Portugal. Fallaram do casamento da princeza D. Maria com o infante D. Pedro, da expulsão do nuncio, por não haver posto luminarias; caso este que ambos celebraram por ser um motivo de dessidencia entre Portugal e o papa.

Veio tambem á conversa o supplicio do jesuita

Gabriel Malagrida, que fôra queimado vivo em setembro de 1761, n'um auto de fé, na praça do Rocio. O nome de Jeronymo foi pronunciado mais de uma vez n'esta conferencia, e o do conde de Oeiras mais de cem vezes.

No fim da conferencia, que foi larga, como dissemos, o italiano despediu-se do padre Vicente e saiu da sala.

O jesuita tocou a campanhia, e accudiu um rapazote, que lhe servia de criado.

—Como entrou aqui esse homem? perguntou o frade.

—Disse-me que precisava fallar a vossa reverencia, e como é já conhecido da casa...

—Para a outra vez quando alguem quizer entrar, vem primeiro annunciar...

—Não me deu tempo.

—Já lá vae?

—Não senhor, ainda lá está na escada.

O padre Vicente deu um pulo.

—Ainda não, padre Viceute, mas não tarda! gritou uma voz da casa immediata.

Era a do italiano, que ouvira as perguntas do jesuita.

O bater da porta da rua annunciou emfim ao padre Vicente que Meridanti se retirava.

X

Revelação

Estamos em 1765.

Havia já tres annos que em Fontainebleau fôra assignada a paz geral, no dia 3 de Outubro, entre a França, a Inglaterra, a Hespanha e Portugal.

Pelo tratado de 16 de fevereiro de 1763 as condições da paz foram ractificadas, recebendo Portugal as praças de Almeida e Chaves, que os hespanhoes haviam conservado.

Perto de dois annos durou esta guerra com a nação visinha, na qual se provou o valor dos nossos soldados.

O conde de Lippe, habil general e excellente organisador, fizera o milagre de levantar um exercito aguerrido e de sustentar a lucta com os hes-

panhoes, sempre em boas condições, sendo as suas forças muito inferiores em numero ás do paiz inimigo.

Apezar de terminada a guerra, o conde de Lippe continuou em Portugal a tratar da organisação do nosso exercito, que effectivamente chegou a ser respeitavel em numero, e sobre tudo em disciplina e instrucção militar. O conde obrigava os regimentos a exercicios em campos de manobras; chegando a acampar perto de Villa Viçosa, n'um terreno destinado para esse fim, nove regimentos de infanteria, quatro de cavallaria, e um de artilheria.

Em outro sitio, proximo da Moita, tambem por outra occasião reuniram em exercicios treze regimentos de infanteria, seis de cavallaria e um de artilheria. Por aqui se vê as forças de que dispunhamos e a attenção que merecia ao conde de Oeiras a organisação militar do paiz.

Jeronymo fizera toda a campanha, e a bravura com que sempre se portára fôra-lhe grangeando distincções, de modo que em 1765 era já alferes de cavallaria.

Não melhorára o caracter taciturno do mancebo, que já então tinha os seus vinte e quatro annos de idade. O estygma, que sobre elle pezava, de filho de um suppliciado, posto que Jeronymo sempre occultasse a sua origem, ensombrava-lhe o espirito. As cartas que recebia constantemente

do padre Vicente tambem não concorriam pouco para derramar o fel no coração do joven official. O frade nunca se esquecia de fallar do supplicio de Belem, de avivar sempre a ferida, para que não cicatrizasse.

E a par d'esta pertinaz insistencia em refrescar a memoria de Jeronymo, não se esquecia o jesuita de cobrir o conde de Oeiras de todos os improperios, de o accusar de todos os crimes, para que o mancebo tambem não perdesse um só momento o horror que elle soubera inspirar-lhe pelo sabio ministro.

Explorava o frade todos os acontecimentos a favor dos seus projectos. O supplicio do padre Malagrida; a prisão do bispo do Grão Pará; a interrupção das relações com o papa, tudo servia ao padre Vicente para inspirar a Jeronymo o odio ao conde de Oeiras.

Rôtas as relações de Portugal com a curia! Que monstruosidade! Resistir ás ordens emanadas de sua santidade, tornando inexequiveis as bullas e breves pontificios! Ordenar aos prelados portuguezes que os não cumprissem sem o *placet* regio! Era tudo um verdadeiro horror!

E tocar n'um bispo! Encarcerar um ungido do Senhor! Mettel-o entre quatro paredes, n'um ermo, até acabar a attribulada vida no fim de um anno de padecimentos! Vejam se ha infamias maiores do que estas, que o conde de Oeiras praticava!

Tudo isto era pintado com as côres mais vivas aos olhos de Jeronymo. O frade empregava todos os recursos da sua eloquencia, na descripção d'estes factos, que fulminava com indignação bem representada.

D'este modo ia empregando materiaes na sua querida obra. Era quanto podia fazer nas circumstancias em que mestre e discipulo se achavam. As medidas de rigor do conde de Oeiras não consentiam mais. Ao frade não faltavam desejos de se ir juntar a Jeronymo, para o vigiar de perto e não deixar fugir o dominio que exercia na alma do moço; mas as providencias contra os jesuitas eram muito apertadas, a ponto de ser um crime admittir ou receber alguem um d'esses frades; e no Brazil foi preso e remettido para Lisboa, onde morreu enforcado, um coronel chamado Osorio, por ser accusado de ter em casa um jesuita secularisado. Estes casos inspiravam respeito ao padre, que temia ter de offerecer o cachaço á corda. Ia-se contentando em viver encerrado na sua casinha de Belem, e em fazer o officio de conselheiro ao pé de Jeronymo só por meio da escripta.

O frade bem sabia que o conde de Oeiras não era homem de escrupulos, e que se o descubrisse decerto o não deixaria continuar a gosar os ares livres da patria. Ora o jesuita, que tinha muito amor á sua pelle, preferia comer as magras sopas

sentado na sua larga poltrona, que ir beber o caldo nas prisões da Junqueira, ou seguir atraz de Malagrida e do coronel Osorio, o caminho que conduz a um mundo que se não conhece, e de que o velhaco do padre não fazia muito bom conceito, apesar da theologia e dos sagrados canones.

Jeronymo achava-se com o seu regimento em Castello Branco. Vamos ter com elle. Está o mancebo no seu quarto com mais tres officiaes; dois alferes e um capitão. Este é homem de idade mais avançada, cujos cabellos estavam já muito mesclados de branco.

Divagava a conversação sobre assumptos variados, como é natural entre homens que se encontravam reunidos para gastar as horas de ocio, que o serviço ás vezes lhes deixava.

N'aquella época pouco se fallava de politica, mesmo por que a politica era outra cousa bem diversa do que hoje é. Hoje temos partidos, e cada um advoga as idéas d'aquelle a que pertence, se os partidos em Portugal tem idéas; n'outro tempo havia só uma politica, por que o partido era só um, o do rei. Punha e dispunha o soberano do seu direito de governar, sem que os seus vassallos tivessem observações que fazer. A politica girava nas espheras superiores e circumscrevia-se, para assim dizer, ás relações de paiz com paiz. Dentro de Portugal podia o povo não

gostar do rei, ou detestar um ministro, que nem se queixava do rei, nem fazia uma revolução contra o ministro. Acceitava-os como obrigação, e quando queria soltar uma queixa, media primeiro as paredes que o cercavam, e mirava os rostos dos que o ouviam.

Ó liberdade, como são admiraveis as tuas conquistas!

Os nossos officiaes, depois de conversarem largamente sobre diversos assumptos, fallaram de Lisboa. Todos tinham saudades da capital. Acontecia que o capitão e um dos alferes haviam obtido licença para vir a Lisboa, o que ainda mais avivava o desejo dos outros.

—Quando marchas tu, Ricardo? perguntou o capitão ao alferes.

—Talvez ámanhã.

—Faremos então a jornada juntos, não te parece?

—Com certeza.

—Vão, vão! disse o outro alferes, a quem chamavam Ribeiro. Vão, que nós cá ficâmos assistindo de longe á sua felicidade...

—Que diabo! pois não pódes tambem pedir uma licença? exclamou o capitão.

—O commandante já me torce o nariz, quando lhe fallo n'isso.

—Então, meu amigo, atalhou Ricardo, resigna-te a passar sem a vêr, e contenta-te com as noticias...

—É verdade. Matam-se as saudades com as epistolas, disse o capitão rindo.

—Ahi está! redarguiu Ribeiro. Já não póde um homem receber cartas dos seus parentes e amigos, sem que uns mal intencionados vejam cousas secretas n'essa correspondencia.

—Alto lá! tornou o capitão. Cousas secretas! Se a policia o sabe, estás arranjado...

—Estão a sonhar, Ribeiro! disse o alferes Ricardo. Deixa-os fallar. Eu é que sei de onde as taes cartinhas vem; e posso affiançar que se não trata de segredos de estado.

N'este momento alguem pediu licença para entrar, e um soldado foi apresentar uma carta a Jeronymo.

O mancebo dirigiu-se para o vão da janella e rompeu o sello.

A leitura parecia produzir-lhe uma grande impressão, por que as mãos tremiam-lhe e a expressão do rosto era espantada e afflicta.

Os outros officiaes disseram adeus a Jeronymo e sairam do quarto. Ricardo retardou um pouco mais a saida, e parecia querer devorar com os olhos as letras escriptas n'uma outra carta que o mancebo conservava na mão, ainda fechada, e que vinha dentro da que acabára de lêr. Os esforços do curioso alferes foram, porém, inuteis, e teve de retirar-se sem colher resultado da sua investigação.

Quando se viu só, Jeronymo foi cair sobre uma cadeira, onde ficou por algum tempo immovel, com os braços pendentes, e os olhos pregados no chão.

—Que fatalidade meu Deus! murmurou elle por fim, ao mesmo tempo que um longo soluço lhe embargava a voz e algumas lagrimas se lhe desprendiam das palpebras.

A carta aberta, que o mancebo conservava n'uma das mãos, era do padre Vicente, e dava-lhe uma triste nova. Vejamos o que ella dizia:

«Dos entes que te estimaram só resto eu. Uma enfermidade, cujos principios ainda tu observaste, acaba de roubar ao teu amor a velha Magdalena.

«N'esta occasião sou obrigado por um compromisso solemne a revelar-te um segredo. Magdalena não era tua mãe.

«Foi, é bem certo, para ti mais que a mãe verdadeira, por que te amou muito, por que te educou; e todos os desvelos, todos os carinhos empregou em ti. Mas não lhe deves o nascimento. Esse está envolto n'um mysterio, que afinal virá a descobrir-se.

«A filha de Magdalena, como tu sabes, foi criada em casa de D. Thereza Paes. Esta senhora teve uns amores illegitimos, dos quaes nasceu um filho, o qual foi entregue a Magdalena para tratar da sua criação. Esta, grata ao acolhimento

que D. Thereza sempre fizera á filha, tomou conta da criança, e foi para ella, como te disse, mais que a verdadeira mãe.

«Passou um anno, e a filha de Magdalena morreu. D. Thereza principiou então a cuidar menos de seu filho. Raras vezes appareciam em casa de Magdalena noticias de D. Thereza. Por fim o abandono foi total. D. Thereza saiu de Lisboa, e só mais tarde viemos a saber que tinha casado com outro homem, que não aquelle com quem commettera o erro.

«Magdalena resignou-se e disse: Deus levou-me a filha; ficarei com esta criança, como se fôra filho meu. E cumpriu a promessa.

«Mais tarde, porém, em resultado de acontecimentos que é desnecessario repetir, porque tu os conheces bem, perdeste teu pae. Pouco antes da hora da sua morte encarregou-me elle de te entregar a carta, que remetto inclusa, quando Magdalena fallecesse, para que com ella procurasses tua mãe. Com essa carta, pois, te pódes apresentar a D. Thereza Paes.

«Ahi tens o meio de encontrar tua mãe. Quanto a teu infeliz pae, foi uma d'essas victimas que o conde de Oeiras sacrificou aos seus odios.»

Tal era o theor da carta do padre Vicente.

Jeronymo sentia tumultuar na mente mil confusos pensamentos.

A revelação do padre Vicente transformava

completamente a sua condição. Já não era filho de um lacaio. Sua mãe era uma dama nobre, e seu pae nobre talvez! Não era cousa insignificante n'aquella época passar de plebeu a fidalgo. E elle acabava de sentir de chofre essa transformação.

Pensava depois quem teria sido seu pae. Um presentimento vago lhe dizia que fôra talvez o duque de Aveiro; mas não tinha provas d'isso; eram apenas conjecturas sem fundamento.

Ora censurava D. Thereza por se ter esquecido d'elle; ora lhe perdoava. É verdade que ella o abandonára; mas emfim, sempre era sua mãe. E que nome dulcissimo este! Que direitos á estima de um homem não deve ter sempre a mulher que o trouxe nas suas entranhas! E quem sabe? Talvez ella nunca se tivesse esquecido delle. Talvez que a pobre mulher soffresse muito por não o poder vêr e abraçar. As leis do mundo são inexoraveis, e quantas vezes obrigam a praticar acções que o coração rejeita. Era filho do erro, e D. Thereza tinha necessidade de encobrir esse erro. Para dar satisfação á sociedade, sabe Deus que martyrios soffreria aquella alma!

A sociedade fizera talvez duas victimas, a mãe e o filho. Não ha mulher alguma tão desnaturada que de motu proprio abandone seu filho, se não é que a vergonha a obrigue a fazel-o.

Jeronymo sentia crescer-lhe a anciedade no co-

ração. Queria poder correr logo, logo, aos braços de sua mãe e dar-lhe n'um osculo o perdão do abandono em que o deixara. Sempre tivera Magdalena por mãe, e agora, sem ainda conhecer aquella que realmente o era, já sentia que a amava mais, com um affecto mais terno.

Ha muito tempo que em casa de Magdalena se não fallava em D. Thereza. Lembrava-se Jeronymo de que a filha de Magdalena fôra criada por aquella nobre dama e morrera em sua casa. Mas depois, nunca mais ouvira pronunciar o nome de D. Thereza. Tinha, pois, de indagar onde ella habitava, se é que ainda existia.

Esta idéa, que subito lhe accudira, fizera-o estremecer. Deus não seria tão injusto que lhe quizesse roubar o gozo de conhecer sua mãe. Tinha fé que a havia de encontrar. N'aquella prece silenciosa, que se faz do intimo d'alma, e que só Deus escuta, pedia elle ao ceu que lhe facilitasse a consolação de achar sua mãe e abraçal-a.

As sensações por que Jeronymo estava passando facilmente as comprehende o leitor. A revelação do mysterio que lhe cobria o berço, o conhecimento de que era filho de nobres, a duvida sobre o nome do pae, a esperança de achar sua mãe e de ouvir d'ella a confissão d'esta ultima parte do segredo que o padre Vicente lhe não revelara, todos estes pensamentos lhe preocupavam o espirito.

Jeronymo mirava e remirava a carta que o padre lhe enviara para entregar a D. Thereza, como querendo adivinhar pela letra quem fôra a mão que a escrevera. Convencido de que era inutil o esforço, levou o papel aos labios e beijou-o com fervor. Impulso natural do coração, que presentia sobre aquelle papel as ultimas lagrimas do desgraçado antes do supplicio!

XI

Mãe e mulher

Alfama, esse antigo e triste bairro, situado na parte oriental de Lisboa, e onde parece não haver entrado ainda a acção civilisadora, que em todos os outros pontos da capital tem assignalado a sua passagem; esse bairro composto de estreitas viellas, de beccos e escadinhas, foi outr'ora o bairro opulento e elegante da cidade.

Ainda por alli se vêem, no meio das esguias e acanhadas construcções que o povôam, alguns restos de bons edificios, muitos dos quaes eram palacios de habitação de familias nobres.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 respeitára o velho bairro de Alfama. Em quanto o resto da cidade tremia e se desmoronava, Alfama resistia ao abalo! E ella ahi está ainda no mesmo estado, indicando-nos o que era nesse tem-

po, conservando todos os vestigios das eras anteriores ao terramoto, até que uma vereação mais provida de recursos pecuniarios consiga arrazar todos aquelles casebres, para construir no seu logar um bairro moderno, com todas as condições exigidas pela vida actual.

A sua situação, perto da margem do Tejo, e visinha de um ponto de movimento commercial e operario, está de certo indicando a utilidade de ser convertido n'um bairro para operarios, onde as casas de habitação sejam pequenas, mas aceadas, e em boas condições hygienicas, e onde não faltem os melhoramentos e as commodidades necessarias a uma população laboriosa, mas pouco abastada, como estabelecimentos de banhos, créche, escola nocturna, bibliotheca popular, monte de piedade, etc.

Na época em que se passaram os acontecimentos narrados neste romance, Alfama é ainda o centro onde habita uma parte da população mais graduada de Lisboa.

É a um d'esses palacios de Alfama que eu levo agora o leitor.

Entremos juntos n'uma sala do primeiro andar. Está a familia reunida. Não muito longe da janella o pae, homem de edade bastante avançada; sentada ao pé d'elle a filha, uma formosa rapariga de vinte annos; mais longe a mãe, senhora de apparencia respeitavel; passeando ao comprido da

casa um rapaz, que parece não ter mais de desoito annos, filho do ancião, e irmão da gentil rapariga.

O velho está reclinado n'uma grande poltrona. Vê-se que soffre, porque as faces têem um pallor doentio, e a respiração é agitada.

A rapariga, que se chama Ignez, é uma formosa e loura criança, em cujos labios brinca quasi constantemente um sorriso. Os olhos azues escuros, da côr do ceu, têem uma meiguice que toca no coração de quem consegue fixal-os.

Lembram-se das cartas que o alferes Ribeiro recebia em Castello Branco? Eram estas mãosinhas de serafim da sympathica Ignez que as escreviam. Porque a gentil rapariga e o official amavam-se, e a familia d'ella não ia longe da idéa de um casamento proximo. Ribeiro tinha algumas propriedades no Algarve, e outros bens de valor, e era além d'isso um excellente moço e de familia illustre.

Muito de industria deixo para o fim fallar da mãe de Ignez. Figura de grande dama, um pouco severa no gesto, altiva no porte, mas coração excellente, cheio de bondade para todos, de extremos ardentes pelos filhos. Chamava-se D. Thereza Paes.

Temos, pois, o conhecimento travado com a mãe de Jeronymo. Vamos vêr o que um e outro teem feito para se encontrarem.

D. Thereza dirigiu a palavra ao filho, que passeava:

—Sebastião, vae ver se já deram onze horas. Teu pae tem que tomar o remedio...

Sebastião chegou-se a uma pendula que havia na parede da sala e disse:

—Falta um quarto para as onze.

Ignez debruçou-se sobre o vulto do pae, que jazia quasi immovel na poltrona.

—Está melhorsinho?!

—Até que Deus queira! murmurou o velho com a voz quasi inintelligivel.

Ignez olhou para D. Thereza e fez um gesto de afflicção.

Houve silencio outra vez na sala. O ancião repousava na grande cadeira de espaldar, com os olhos meio cerrados, e os pés enterrados n'uma almofada de veludo rôxo.

Um raio de sol que penetrava os vidros, vinha por entre as cortinas de damasco, franzidas em largas pregas, projectar-se no chão, proximo da poltrona do velho.

Uma criada entrou na sala trazendo uma carta, que foi entregar a D. Thereza. Esta recebeu o papel das mãos da mulher que lh'o trazia, sem que o seu rosto trahisse a mais ligeira commoção; mas logo que aproximou dos olhos o sobrescripto uma subita pallidez lhe cobriu as faces.

D. Thereza mirou e remirou a carta, por um

e outro lado, como que hesitando em abril-a. A final fazendo um esforço sobre si, quebrou o sello.

—Quem trouxe esta carta? perguntou ella á criada.

—Um official de cavallaria, que espera na primeira sala uma resposta da sr.ª D. Thereza.

A criada, vendo que Thereza se perturbava, perguntou-lhe:

—Está incommodada, minha senhora?

Ignez levantou-se de ao pé do velho e disse tambem inquieta:

—Tem alguma cousa, minha mãe?

—Nada, não tenho nada. É uma pequena commoção, por um caso bem extraordinario que agora me succede. Depois t'o contarei.

D. Thereza fechou novamente a carta, e com a voz tremula disse baixinho á criada:

—Dize ao portador desta carta, que ella não é para mim. Ha uma coincidencia de nome, e mais nada. Existe outra pessoa com o meu nome, agora vejo. Pede-lhe desculpa de eu ter aberto a carta; mas diz-lhe que fique descançado, que ninguem mais conhecerá o segredo que ella contém.

D. Thereza acabou fatigada do esforço enorme que fizera.

—O que é, minha mãe? perguntou Sebastião.

—É uma cousa bem extraordinaria, já te disse.

E voltando-se para a criada, continuou:

—Vae, vae depressa entregar esse papel. Não te esqueças de tudo o que te disse.

A criada saiu; D. Thereza seguiu-a.

A pobre mulher ia convulsa, afflicta, cheia de dôr e de contentamento; dôr, por ter de repellir aquelle querido filho, que n'uma hora de apaixonado amor concebera; contentamento, por saber que elle vivia e que podia agora vel-o, depois de homem feito.

Anciosa, ardendo n'aquelle santo amor de mãe, que a sociedade muitas vezes obriga a suffocar, mas que não consegue extinguir, D. Thereza correu a um gabinete contiguo á sala onde Jeronymo se achava, e por uma fenda da porta poz-se a examinal-o.

O alferes da cavallaria de Bragança estava um moço gentil. D. Thereza sentiu um sobresalto no coração quando os seus olhos conseguiram vêr, vêr bem, o elegante mancebo. As lagrimas saltaram-lhe dos olhos, e ao mesmo tempo um sorriso lhe veiu aos labios. Eram de ternura aquellas lagrimas; o sorriso era a expressão da vaidade materna, ao ver tão gentil, tão perfeito o filho das suas entranhas.

Porque todos os amores tem vaidade, até o amor de mãe, amor que se exalta ouvindo os louvores que tecem ao filho, assistindo ás suas glorias, admirando os seus dotes! D. Thereza estava orgulhosa. Com que ardor, com que enthu-

siasmo ella voaria a abraçar Jeronymo, o seu filho, o filho do seu amor. Toda a exhuberante ternura do seu coração de mãe propendia para o mancebo. As mulheres têem sempre predilecção pelos filhos que o amor lhes fez conceber. Não admira. Ao estremecido beijo, que Deus abençoára tornando-o fecundo, associára-se Thereza com todo o seu enthusiasmo de amante. O pae de Jeronymo fôra o seu unico amor. No filho se compendiava esse mundo de recordações apaixonadas, de que a mulher faz até ao fim da vida a idolatria da sua alma. Ao mesmo tempo que lhe representava um erro da sua mocidade, representava-lhe as dôces horas de embriaguez e de delirio, em que o seu coração, trasbordando de affecto, dava ao homem querido tudo quanto podia dar-lhe; essas horas, a um tempo fugazes e immensas, que passam rapidas, mas que duram sempre; que decorrem quasi instantaneas, mas que a memoria conserva até á morte!

Tudo isto pensava D. Thereza quando a criada entrou na sala para entregar a carta a Jeronymo.

O mancebo passeava ao longo da casa, com a cabeça caida, ancioso pelo resultado. Ora julgava vêr abrir-se uma porta e uma mulher entrar precipitadamente, lançar-se-lhe nos braços, e cobril-o com as suas lagrimas, ora suspeitava que seria repellido. O abandono em que a mãe por

tanto tempo o deixára, dava azo a taes suspeitas. Quando sentia alguns passos na direcção da sala o coração batia-lhe, e esperava anciado que elles se avisinhassem. Se se affastavam e ninguem apparecia, proseguia no seu passeio, e as duvidas e os receios continuavam egualmente.

Cogitava tambem Jeronymo sobre a posição de D. Thereza Paes, que sabia ter casado. Realmente a apparição delle na propria casa de sua mãe, quando ella estava obrigada a tantos deveres, parecia-lhe que devia produzir alli grande sensação. Seria de certo esse um motivo para que ella o affastasse. Mas Jeronymo não aspirava senão a ser reconhecido por sua mãe, pouco lhe custaria guardar o segredo da sua posição n'aquella casa. Seria um amigo da familia, e mais nada. Os laços que o prendiam a D. Thereza estavam no coração, e este ninguem tem o poder de o devassar. Prescindir d'ella é que não podia. Uma vez que lhe tinham dito — não és filho de Magdalena, tua mãe é outra mulher; e lhe haviam indicado quem era, queria conhecel-a, queria chamar-lhe mãe, queria empregar nesse santo amor tudo quanto a sua alma, inscia de qualquer outra affeição, era capaz de sentir.

Tal era o que se passava no espirito de Jeronymo, quando a criada de D. Thereza entrou na sala trazendo a carta, e o recado que lhe fôra particularmente recommendado por sua ama.

XII

Um desengano

Promettemos dizer como Jeronymo chegara até a casa de D. Thereza Paes.

Depois que recebeu a carta do padre Vicente lembrou-se de se dirigir a alguem para obter noticias d'aquella senhora. Mas o receio de promover qualquer suspeita trouxe-o por algum tempo calado. Como o desejó instasse, resolveu fallar ao seu coronel, e dizer-lhe que por negocio de familia tinha de procurar em Lisboa uma dama chamada D. Thereza Paes, e que se valia da sua protecção para lhe conceder licença, e dar-lhe algumas informações a esse respeito.

A licença foi logo concedida; quanto aos esclarecimentos não poude o coronel dar-lh'os. Mas escreveu-lhe uma carta para um amigo de Lisboa,

homem de muitas relações na cidade, e o qual mais facilmente poderia auxiliar Jeronymo na busca.

Partiu o mancebo para Lisboa, e a sua primeira visita foi ao padre Vicente. O jesuita mostrou-se commovido quando o viu, e deu-lhe um abraço apertado. Com um pequeno esforço conseguiu puchar uma lagrima á flôr das palpebras. O homem tinha industrias para tudo.

Tratou Jeronymo de lhe pedir que lhe confessasse o nome de seu pae; mas o padre não lhe satisfez o desejo, dizendo-lhe que era isso um segredo que só a D. Thereza Paes pertencia descobrir.

O jesuita ignorava tambem onde habitava D. Thereza, e por isso Jeronymo foi procurar o amigo do coronel.

Andava n'uma anciedade impaciente. Cada dia que passáva era um novo tormento para o mancebo.

Proximo do meio dia apresentou-se Jeronymo em casa de D. Luiz de Athayde, que era o individuo para quem o coronel lhe dera a carta.

Mandaram-no entrar n'uma sala de espera.

Logo depois d'elle, entraram tambem na mesma sala um homem e uma senhora, que pela riqueza dos trajes denotavam pertencer á mais elevada nobreza da época.

Sentaram-se ambos, e Jeronymo em frente delles.

Fez impressão ao mancebo a formosura da dama, que os esplendidos adornos mais faziam realçar.

Em quanto esperavam que os mandassem entrar para outra sala, Jeronymo examinou á vontade os seus dois companheiros. O homem brincava distrahidamente com os sinetes do relojio. Parecia irmão da senhora, ou então um marido cheio de confiança, como muitos que todos conhêcemos, que não se occupam em investigações para não encontrar cousa que os contrarie.

Mulher ou irmã, a dama a que nos referimos parecia não desgostar da admiração com que Jeronymo a contemplava. *Por bem!* como a lenda das pegas, diremos nós. As mulheres gostam de produzir impressão, e esta tinha percebido que a produzira. Ora a honestidade, por mais escrupulosa que seja, não exclue este galanteio platonico, que seduz o espirito, o espirito sómente, e que nada tem com o peccado mortal, nem se confunde com um dos inimigos do homem, nem offende a moral e as leis convencion aes do mundo.

Austeridades das mais irreprehensiveis temos nós visto dobrarem-se ligeiramente ao brando impulso de uma lisonjasinha seductora. Agradar é o supremo enlevo das mulheres. A essa fascinação que as attrae, como a chamma á borboleta, sacrificam ás vezes bastante. Não vale a pena accusal-as por isso. Tambem nós os homens temos

eguaes fraquezas, e mais somos feios, grosseiros, desastrados! O que hão de ellas fazer, sendo assim formosas, delicadas, a flôr, a obra prima da criação? Accusam-n'as os tolos; sómente os tolos. Esses não vêem a mulher com olhos de artistas, mas de burguezes chatins e rançosos, que a não comprehendem senão pondo os cueiros aos filhos, ou ponteando as peugas ao marido.

Esta divagação foi necessaria, porque a nossa gentil dama póde sair-nos casada, e eu temo já de ouvir uma caterva de despeitosos cobrindo-me de improperios a pobre senhora, só por que gostava de se deixar admirar de Jeronymo.

O mancebo principiava a enthusiasmar-se de mais com a sua observação. Duas vezes o desconhecido levantou os olhos para elle, e duas vezes o viu fixando sem pestanejar a sua gentil companheira.

Tambem não lhe causou isso desgosto, e continuou no seu innocente brinquedo com os sinetes do relogio.

Perto de um quarto de hora estiveram os tres reunidos na sala, até que um criado appareceu e mandou entrar os desconhecidos. Um instante depois Jeronymo foi tambem introduzido.

O mancebo julgou que teria occasião de estar outra vez com os seus companheiros, mas enganou-se. D. Luiz de Athayde recebeu-o só n'um pequeno gabinete.

Expoz-lhe Jeronymo a que ia, e achou logo esclarecimentos os mais positivos. D. Luiz indicou-lhe a morada de D. Thereza, disse-lhe de quantas pessoas se compunha a familia e o nome de cada uma d'ellas; estava, emfim, perfeitamente informado.

Por mais de uma vez tentou Jeronymo perguntar-lhe quem era a formosa desconhecida que elle vira entrar; mas quando ia pronunciar a primeira palavra faltava-lhe a coragem. Saiu portanto de casa de D. Luiz ignorando quem fosse a mulher que tão vivamente o impressionára.

As suas esperanças voltaram-se então para sua mãe. Seria ella quem havia de dar-lhe os esclarecimentos que desejava.

Voltou Jeronymo para casa do padre Vicente, e no dia immediato dirigiu-se ao palacio de D. Thereza. Foi então que se passou o que vai narrado no capitulo anterior.

Jeronymo quando recebeu a carta da mão da criada, e ouviu o recado que D. Thereza lhe mandava, fez-se pallido como um defuncto. As pernas vacillaram-lhe, cuidou que ia cair. O golpe era cruel, e por mais que o seu espirito estivesse cheio de suspeitas, a certeza só agora a obtinha. Acreditou desde logo que não havia tal confusão de nomes, que havia só da parte de D. Thereza vontade de o negar. Comprehendia que a sua apparição e a sua presença n'aquella casa eram

uma viva recordação do passado, que D. Thereza d'este modo aniquilava. A immensa ternura que trazia no coração volveu-se quasi em odio. Sentia repugnancia por essa mulher culpada, que commettera um crime e lhe fugia á expiação por meio de outro crime. Affigurou-se-lhe que D. Thereza devera ter peccado por vicio e não por amor, por que mulheres assim não têem coração; experimentam sensações e não sentimentos.

Estes rapidos juizos passaram-lhe a correr no perturbado cerebro. E todavia eram injustos. Thereza lá estava atraz da porta vendo-o, devorando-o com os olhos sequiosos, com o coração cheio de sobresaltos, e offerecendo a Deus mais esta provação para resgate do seu erro. A desgraçada soffria talvez mais que Jeronymo. O remorso, a saudade do passado, um lampejo de amor que ainda ardia no seu coração, a anciedade de abraçar o filho, juntavam-se para a fazer soffrer mais.

Mas os homens são egoistas e injustos. Bem sabia Jeronymo que D. Thereza tinha marido e dois filhos; que devia a ambos respeito e considerações a que não podia faltar; que a revelação d'este grande segredo da sua vida iria envergonhar a mulher diante do esposo, a mãe diante dos filhos. Tudo sabia Jeronymo, e não queria avaliar a situação da pobre mulher como ella era, para só attender a si e aos seus desejos.

Depois de receber a punhalada, e cobrar alento, Jeronymo disse, cheio de indignação, á criada:

—Tambem eu tenho um recado para tua ama.

A rapariga fez uma reverencia; Jeronymo poisou-lhe a mão no hombro, e continuou:

—Dize a D. Thereza que recebo a affronta sem me espantar. Dize-lhe que ha um tribunal supremo onde estes procedimentos se julgam, depois da morte. Dize-lhe que se ha alguem que fica n'este mundo coberto de infamia e ignominia... é ella!

Sentiu-se rumor na casa contigua. Jeronymo e a criada voltaram os olhos para aquelle lado, mas a porta estava cerrada e o rumor não continuou.

As palavras tinham sido barbaras, e a desolada mãe ouvira-as. Encostada á porta, escutava ella com toda a attenção o que se dizia na sala. Para nada perder, até a respiração supprimia, receosa de que o mais pequeno rumor lhe deixasse escapar uma palavra. O seio arquejava-lhe com ancia extrema. As lagrimas saltavam-lhe abundantes dos olhos. Quando ouviu a ultima phrase de Jeronymo, sentiu faltarem-lhe as forças e caiu de joelhos contra a porta. Foi então que o rumor se ouviu na sala. A infeliz mãe sentia que lhe entravam espinhos no coração.

Jeronymo ainda repetiu á criada:

—Vae, vae dizer a tua ama tudo isto. Ella ha de gostar de te ouvir. Mas affirma-lhe que é ver-

dade, por que ella sabe do officio de mentir, e póde julgar que tu a enganas.

D. Thereza perdeu de todo o acordo. Era de mais o que estava ouvindo, a angustia por que estava passando. Caiu exanime no chão, derramando copiosas lagrimas. Mas sempre mulher e sempre mãe, os seus labios murmuravam ainda uma palavra de misericordia, de amor, de ternura por Jeronymo.

Se o seu erro fôra grande, estava bem punido. O filho que d'elle nascera era o proprio que a injuriava, que a cobria de affrontas!

Jeronymo saiu precipitadamente de casa de D. Thereza, e foi direito para Belem a contar ao padre Vicente tudo o que se passara.

Quando entrou estava o jesuita acompanhado por João. Não se julgue que o frade se reconciliara com o noviço. Pelo contrario; o odio cada vez estava mais inveterado. Mas a necessidade, o serviço da ordem, obrigavam-o a toleral-o, e a tratar com elle os negocios da companhia.

—Então?! perguntou o jesuita, quando viu entrar o mancebo.

—Nada... respondeu este tristemente.

—Quasi que o adivinhava! tornou o padre Vicente.

João chegou-se para Jeronymo e principiou a fallar-lhe de resignação. O mancebo aceitava bem as ponderações do ex-noviço. Eram feitas com

muita doçura, e cheias de extraordinario bom senso. As consolações agradam quando se soffre muito, como Jeronymo soffria, e João sabia consolar.

O padre Vicente é que não gostava de ver este ascendente que João ia tomando no espirito de Jeronymo. Nos poucos dias que o mancebo passára em Lisboa, João conseguira pela brandura das suas maneiras captar-lhe a sympathia. A influencia do padre Vicente estava, pois, contrabalançada pela do ex-noviço. Nós que conhecemos um e outro, podemos chamar a João o anjo da guarda e ao frade o genio do mal. A lucta entre os dois ateava-se cada vez mais. As indisposições antigas fortaleciam-se agora. O jesuita criava Jeronymo para seu instrumento, e João podia-lhe atrazar o trabalho. Se o frade podesse, esmagava o noviço debaixo dos pés, como quem mata um insecto. Mas o rancoroso velho já não tinha forças senão na intriga, no odio e na malvadez dos instinctos, já de sua natureza preversos, e aperfeiçoados na escóla do mal pela iniqua associação a que pertencia, e aonde fizera a sua educação moral.

Concentrava pois todo o fel no coração. E essa accummulação de odio só procurava occasião de romper os diques e extravasar-se.

Quando uma alma damnada, como a do jesuita, promette, não costuma faltar.

O padre Vicente promettera ha muito tempo. Esperava a opportunidade.

Essa, quando apparecesse, não a rejeitaria.

O frade tinha animo para aguardar as occasiões, sem precipitação, nem imprudencia.

XIII

O jesuita perde terreno

Acabavam de dar quatro horas da tarde no convento dos Jeronymos.

No largo de Belem passeavam o alferes de cavallaria e o padre Vicente, escondido nas suas vestes de Angelo das Neves.

Pouco diziam um ao outro. Andavam alli a matar tempo, como vulgarmente se diz.

Jeronymo quizera voltar logo para o regimento depois do que passára com D. Thereza; mas o padre, que estimava mais tel-o ao pé de si, instou com elle para que se demorasse, visto durar-lhe ainda a licença.

Nunca mais se apagou da memoria de Jeronymo a lembrança d'aquella mulher, que passara rapidamente diante d'elle, como uma verdadeira

visão. E era justamente n'ella que o mancebo pensava, quando o jesuita, parando de subito, exclamou:

—Foi aqui, Jeronymo, foi aqui n'esta praça que teu pae morreu de garrote...

Jeronymo teve um ligeiro sobresalto, e replicou:

—Bem sei, padre Vicente.

—Foi bem desgraçado, continuou o frade. E ahi vive impune esse monstro que o mandou assassinar!

—Para que está sempre a atormentar-me com essas evocações a um acontecimento passado e irremediavel?...

—Passado! Irremediavel! que querem dizer essas palavras na tua bocca, Jeronymo?!

—Querem dizer que o supplicio dos fidalgos foi um facto atroz, mas que já não tem remedio.

—Não tem remedio, sim, dizes bem. Mas as suas almas estão lá de cima bradando vingança. Acovarda-te a idéa de desaffrontar a memoria de teu pae?!

—Não, padre Vicente; mas são tantos os meus desgostos, que podia bem o padre Vicente esquecer-se de m'os aggravar com a sua insistencia sobre cousas que já lá vão.

—Tenho percebido, Jeronymo. O teu animo é outro. Eras altivo, valoroso, e honrado como teu pae; mas perdeste todos esses dotes superiores,

que justificavam a tua illustre linhagem. Só o filho de um lacaio responderia assim.

O frade tinha direito para dizer tudo que quizesse. Jeronymo ouvia-o com grande respeito.

—Mal de Magdalena, se ainda vivesse! continuou o padre Vicente.

—Porque?! perguntou Jeronymo.

—Porque morreria de dôr se visse o seu brioso Jeronymo tão depressa transformado.

—Se Magdalena vivesse havia de ser mais generosa commigo do que o padre Vicente.

—É que ella não viu, como eu vi com estes olhos, o espectaculo que aqui se celebrou, n'este mesmo sitio. Nunca poderá haver sentimento de compaixão para ninguem, quando se assistiu, coma eu assisti, á tortura e ao martyrio do pobre marquez de Tavora e do desgraçado duque de Aveiro; quando se viu uma pobre velha de sessenta annos ser decapitada, quando se sente ainda nos ouvidos os lamentos d'aquellas infelizes victimas, assassinadas por ordem do conde de Oeiras.

—Tem muita razão, padre Vicente, e juro-lhe que se estivesse na minha mão rehabilitar a memoria de meu pae o faria promptamente. Mas não está. A historia é que lhe hade fazer justiça.

O frade mordia os beiços desesperado. Via fugir-lhe a preza, nada havia que o consolasse d'esta illusão perdida. Passou-lhe n'um instante pela idéa

a necessidade de ganhar o terreno perdido. Mas como? Como poderia elle readquirir aquella influencia, que outr'ora exercera no espirito de Jeronymo?

Passando para um tom mais brando, o jesuita continuou:

—Meu pobre Jeronymo! desculpo o teu desalento. O mundo está sendo tão mal governado, que é quasi uma loucura querer corrigil-o. Mas emfim, ha deveres a que um nome obriga, e tu tens um nome que precisas honrar. Houve um homem que cobriu de ignominia a tua familia, que encheu de affrontas teu pobre pae. O teu dever, Jeronymo, é exigir d'esse homem uma reparação. Como t'a não póde dar, precisas tirar d'elle o desforço que fôr possivel.

Uma carruagem voltou n'este momento da calçada da Ajuda para o lado de Belem. Jeronymo olhou e viu n'ella os dois desconhecidos que encontrára em casa de D. Luiz de Athayde.

O padre Vicente, experimentado em todas as sensações, percebeu logo que esta apparição não fôra indifferente a Jeronymo. A dama que ia na carruagem deitára a cabeça pela portinhola e fixara o alferes. Este parou de repente, como que assombrado por aquelle encontro inopinado.

O jesuita ficou tambem ligeiramente perturbado. Olhando firme para Jeronymo, disse-lhe:

—Conheces aquella dama?

—Vi-a uma vez. É bem formosa...

—Não sabes então quem é?

—Não, padre Vicente. Sei apenas que gosto muito d'ella.

—Fazes bem!

—Por que, padre Vicente? Não tenho eu coração para amar uma mulher?

—Mas não poderás amar esta, tornou o jesuita. Seria a maior das tuas desgraças.

—Mas quem é ella?

—Não posso dizert'o.

—Sempre mysterios, padre Vicente!

—Mysterios necessarios, que eu conservo só para teu bem.

—Obrigado, meu padre. Mas preferia que me não deixasse ancioso. Se me não diz quem seja, monto rapidamente a cavallo, vou no seguimento da sege, e sabcrei onde ella mora, e quem é.

—Eu é que não consentirei que faças tal! exclamou o padre Vicente tomando uma posição sobranceira diante de Jeronymo.

Ao mancebo, por muito que respeitasse o jesuita, custava-lhe supportar os modos imperativos com que elle queria insinuar-lhe a sua vontade. Ordinariamente calava-se e não reagia. Mas agora estava menos pacificamente disposto; por tanto replicou:

—Mas eu iria...

—Que dizes? bradou o frade purpuro de co-

lera. Pois tu atreves-te a desobedecer á minha vontade?

—Padre! retrucou o mancebo meio enfadado. É necessario que comprehenda que eu já não sou a criança da casa de Magdalena. Sou um homem, e tenho vontade propria. Acceito gostosamente os seus conselhos e as suas advertencias, mas não posso acceitar ordens dadas n'esse tom despotico, que destôa com a posição de nós ambos.

O jesuita estava cada vez mais assombrado. Não podia conformar-se com a perda d'aquella alma. Tanto tempo a tivera segura, e bastaram dois annos de ausencia para esse dominio desapparecer! A companhia tinha artes para subjugar os espiritos, mas carecia de exercer sem interrupção a sua influencia, insinuando-se, e alimentando com grande cuidado o fogo sagrado accezo no coração dos seus pupillos. Jeronymo affastara-se do padre, fizera vida de campanha; saccudira por tanto, contra a espectativa do jesuita, a preponderancia que elle conseguira exercer no seu animo.

Acabrunhado por uma certa tristeza, que não poude esconder, o jesuita exclamou:

—Jeronymo, assim pagas a divida que tens contraido commigo. Comprehendo tudo. Tu já não pódes vêr ao pé de ti quem te falle do dever, quem se recorde de teu pae, quem se lembre de Magdalena. Tudo isto é triste e feio, e póde ir perturbar os teus prazeres! Eu me affastarei, an-

tes que me expulses; eu irei viver para bem longe de ti, por que um dia a minha presença póde contrariar-te e quereres denunciar-me á policia. Tambem se fôr enforcado ahi, n'esse largo, não me custará muito. Seria o termo d'esta vida de tempestades e trabalhos. Mais depressa iria juntar-me aos infelizes que ha seis annos foram infamados e torturados sem culpa, nem erro. Vae, denuncia-me! Por que esperas?

Jeronymo ouvia meditativo estas exclamações do jesuita, e via-se que ellas o angustiavam.

Quando o padre acabou de fallar, disse-lhe:

—Padre Vicente; bem sabe que o amo e respeito. Não quero que me chame ingrato; não o sou, nem espero vir a sel-o. Mas o padre Vicente abusa muitas vezes dos direitos que tem á minha veneração. Se por um lado me dá provas de affecto, por outro cobre-me de sarcasmos, de offensas que não mereço. É preciso que ambos comprehendamos as nossas posições, e quando assim aconteça, verá que seremos amigos e viveremos sempre em boa paz.

O jesuita media com a vista o alferes de alto a baixo. Da scintillante pupilla saiam-lhe faiscas, que teriam fulminado o mancebo se para isso houvessem poder. Os labios delgados e um pouco comprimidos abriam-se e agitavam-se n'uma especie de crispatura nervosa. O rosto ora se fazia vermelho, ora livido, apresentando aspectos cam-

biantes muito curiosos. O frade, apesar de jesuita, não sabia conter os impetos de furor. Já o vimos em S. Roque deixar-se levar pelo impulso de uma colera explosiva; depois vimol-o quasi perdido com João Telles dentro da propria casa de habitação do jesuita; agora encontramol-o dominado pelo mesmo sentimento de furor contra Jeronymo.

Por mais prudencia e dissimulação que a companhia aconselhava aos seus filhos, o padre Vicente não podia ser superior á sua indole irascivel e turbulenta.

N'este momento João Telles, que atravessava o largo de Belem, enxergando o jesuita dirigiu-se para elle. Nada lhe disse o padre, mas lançou-lhe um olhar furibundo.

João Telles conheceu que alguma cousa se passára entre o frade e Jeronymo. Vendo que este estava com a physionomia um pouco transtornada deu-lhe o braço, dizendo:

—Venha d'ahi, Jeronymo. Parece-me que o padre Vicente lhe disse cousa que o desgostou...

Jeronymo deixou-se arrastar pelo ex-noviço.

O jesuita, tanto que viu João e Jeronymo affastarem-se, murmurou entre dentes:

—Ah! patife! És tu que me roubas esse rapaz. Juro que te hasde arrepender...

O padre Vicente procurava na mente um meio

de se vêr livre do ex-noviço. Aquella imaginação, fertil em expedientes malvados, alguma cousa devia afinal produzir.

E cabisbaixo, com andar vacillante, foi-se dirigindo para casa, em quanto João e Jeronymo pelo braço um do outro caminhavam na direcção do rio.

XIV

Luiza

É ao cair de uma tarde de maio de 1767.

Pela estrada que de Lisboa conduz a Bemfica seguia a cavallo um homem, que nós muito bem conhecemos, desde os primeiros capitulos d'este romance, o ex-noviço João Telles.

O cavallo caminhava a passo. João parecia abandonar-lhe as redeas e ir embebido n'esse sonhar acordado, como lhe chamou Garrett, que os francezes denominam *rêver*.

Era quasi noite cerrada quando João chegou ao termo do seu destino. O cavallo, já conhecedor dos sitios, parou em frente da porta de ferro de uma quinta, á beira da estrada. O ex-noviço apeou-se, empurrou o portão, e seguiu com o cavallo pela redea por uma rua da quinta.

O vento, que fazia susurrar as arvores e ondear o trigo na planura, abafava com esses brandos ruidos o som dos passos do caminhante e do animal que o acompanhava.

No fim da rua da quinta enxergava-se uma boa casa, de construcção elegante para vivenda campesina. Algumas janellas do primeiro andar estavam illuminadas por dentro. A porta da entrada, aberta para traz, deixava ver o vestibulo, que tambem era allumiado por uma lampada suspensa no tecto.

João conduziu o cavallo a um telheiro proximo e prendeu-o a uma argola que havia na parede. Depois voltou á entrada da casa, subiu a escada e abriu uma porta.

Um frouxo raio de luz saiu da sala e allumiou a escada. Vejamos o que se passava na sala.

Era simples a mobilia, como pede uma casa de campo. Algumas cadeiras, um bofete no meio da casa, um contador entre as janellas, e sobre o bofete um candieiro.

A sala era grande e nos angulos d'ella havia uma penumbra, que os reflexos da luz não podiam penetrar.

Envolta n'essa meia tinta, e placidamente reclinada n'uma grande cadeira, estava uma mulher. Cobriam-na vestidos amplos e escuros. Apesar da frouxa claridade que a allumiava podia-se-lhe ver o rosto. Era formosa, d'essas formosu-

ras delicadas a que os homens de sentimento dão inestimavel apreço.

Delgada quanto era preciso para ser esvelta. Pallida, excessivamente pallida até, realçavam-lhe os olhos grandes e negros, que as olheiras fortemente pronunciadas guarneciam da rôxa côr dos lyrios. Os cabellos castanhos, abundantes, cobriam-lhe a cabeça, presos em opulentas tranças e laços caprichosos. O perfil correctissimo do rosto desenhava-se no fundo branco da parede.

Quando João entrou na sala os labios da mulher sorriram e uns dentes admiraveis pela brancura e regularidade appareciam a completar aquelle formosissimo conjuncto de tantas perfeições.

João atravessou a sala com os olhos na direção do sitio onde estava a gentil creatura. Esta não se levantou, nem se moveu. Apenas os seus olhos procuraram os de João, com a anciedade que o amor costuma dar.

João Telles approximou-se, pegou-lhe na mão e beijou-lh'a. Depois arrastou uma cadeira para junto d'ella e sentou-se.

Chamava-se Luiza esta gentil apparição. Tinha apenas vinte annos, e era já viuva! Como vemos, estavam aqui as cadeias que prendiam João a Lisboa.

Era interessante a historia d'esta mulher.

Aos quinze annos saira de um convento onde

os paes a mandaram educar, com o intuito de lhe fazer crear amor ao claustro e tornal-a uma serva do Senhor.

Não era cousa rara destinarem os paes as filhas para freiras e os filhos para frades. E para satisfazer á vontade paterna, n'essas épocas muito mais soberana do que hoje, não faltaram victimas para taes holocaustos.

Luiza, porém, resistira sempre aos desejos da familia. Não sentia em si disposição alguma para se encerrar dentro dos muros de um mosteiro, e condemnar a sua vida á perpetua solidão.

Tinha, além d'isso, a rapariga uma organisação pouco propria para se entregar ás contemplações do amor mystico, em que as religiosas ardiam aos pés do Christo crucificado.

A sua resistencia teve exito, por que os paes dissuadiram-se do proposito e Luiza foi retirada do convento.

João Telles era sobrinho do capellão da casa de Luiza. Morrera-lhe o pae, deixando-o ainda criança, e o tio padre recebera-o. Ora a circumstancia de ser sobrinho do capellão dava-lhe entrada constante em casa de Luiza.

D'ahi nasceu, por parte do moço, um sentimento ardente pela gentil rapariga.

João era um rapaz intelligente, enthusiasta, uma imaginação de fogo. Alma de artista, principiou por extasiar-se diante das raras perfeições

de Luiza. Esta admiração enthusiastica de um homem por uma mulher, facilmente se converte em amor. Foi o que aconteceu a João.

Calava o moço no fundo da sua alma o sentimento que sentia gerar-se e tomar dia a dia maiores porporções. Via-se orfão e pobre. Luiza era rica, e não lhe faltava côrte de muitos cavalheiros nobres e abastados. O incenso que elle queimava nos seus altares nunca passaria de um subtil perfume, que iria perder-se e confundir-se no meio de tantos outros. Conhecia a sua posição em casa de Luiza, e sabia que a manifestação dos seus sentimentos podia dar em resultado a expulsão do tio do logar de capellão da casa.

Todas estas considerações o obrigavam a recalcar dentro do coração esse amor infeliz.

As mulheres, porém, têem presentimentos que poucas vezes erram. É um instincto d'ellas conhecer quando são amadas. Por mais que João dissimulasse, trahia-se na cousa mais simples e insignificante. Se Luiza manifestava um desejo, elle corria pressuroso a cumpril-o Na estação das flôres, quando a familia de Luiza retirava para o campo, e elle ia tambem em companhia do tio, todos os seus cuidados eram applicados á cultura do jardim, onde Luiza gostava de passear e colher flores. Quando ás vezes ia de espingarda ao hombro divagar pelos campos, e por lá caçava alguma ave, voltava contente para casa e

mandava-a offerecer a Luiza. Estes nadas, que muitas vezes passam desappercebidos para toda a gente, não escapavam á rapariga.

A's vezes Luiza descia ao jardim, nas horas melancolicas da tarde, quando o sol se esconde no occidente. Encontrava alli João vigiando cuidadosamente as plantas, tratando das roseiras, mondando os craveiros, cuidando emfim do que elle sabia ser predilecção de Luiza.

Conversavam então um com o outro sobre tudo quanto podia accudir-lhes á memoria; de amor nunca. João guardava, com uma fortaleza incrivel, o seu segredo. Luiza conhecia-o, mas não se atrevia a tocar-lhe. Desconfiaria ella de si?

Luiza era bastante sensivel para que esta adoração silenciosa não lhe fizesse impressão. Depois João era um rapaz gentil, e a sua conversação tinha um certo encanto, que as mulheres intelligentes apreciam. O habito de vêr o mancebo, a gratidão pelos cuidados que lhe prestava, a propria physionomia agradavel que elle tinha, o prazer que sentia em ouvil-o conversar, tudo isto produzia n'ella uma d'essas impressões de sympathia, que tambem facilmente se convertem em amor.

Assim se ia passando o tempo, sem que João e Luiza adiantassem cousa alguma. Ella tinha dezesete annos e estava formosissima; não talvez de uma formosura tão insinuante e tão voluptuosa

como agora; mas com a frescura dos primeiros annos, com o perfume que a virgindade e a adolescencia exalam.

Foi então que os paes de Luiza pensaram em casal-a..

Resistira a rapariga á clausura; poderia resistir tambem ao matrimonio?

Apresentára-se a requestar a sua mão um fidalgo já adiantado em annos, mas de alta nobreza e senhor de uma grande casa.

O casamento foi tratado, não entre os noivos, mas entre o pretendente e o pae da pretendida. Quando Luiza foi advertida de que o seu casamento se achava justo, já as bases do contracto estavam acceites pelo pae e pelo noivo.

Que fazer n'estas circumstancias?

A vontade paterna era decidida, por que o casamento se apresentava muito vantajoso para Luiza.

Para resistir segunda vez a ella, necessitava-se de forças superiores ás de que dispunha a pobre donzella. Vendo que tudo estava resolvido, e que a sua recusa pareceria um segundo acto de desobediencia, disse ao pae que faria o que fosse da vontade d'elle.

Annunciou-se o casamento.

Imagine-se como esta noticia iria dilacerar o coração de João Telles. Encerrado no seu quarto, levou largas horas chorando e maldizendo a in-

justa providencia, que o não fizera rico e nobre para poder aspirar á mão de Luiza.

Teve, porém, o mancebo a força precisa para occultar a sua dôr. Continuava a apparecer a Luiza, sem que as suas palavras trahissem o soffrimento intimo; apenas a tez mais pallida, os olhos arroxeados em roda, indicavam as noites mal dormidas, e as luctas do coração.

Luiza tambem andava triste. Poucos dias antes do casamento surprehendeu-a João no jardim, passeando distrahida ao longo de uma rua de rozeiras, e desfolhando um malmequer.

Os passos eram incertos, e a mão arrancava tremula as folhas do malmequer, como quem consultava cheia de receios o augur do seu destino.

Quando João se apresentou em frente de Luiza, esta parou e levantou a cabeça, lançando ao mancebo um longo e angustioso olhar. Duas lagrimas se lhe desprendiam das palpebras e rolavam mansamente pelas faces descoradas.

João não disse palavra. A sua physionomia estava muito transtornada. Trazia o cabello meio desgrenhado, os olhos encovados, e o rosto perdera de todo a côr. Luiza percebeu a tempestade que ia na alma do moço.

Com uma ternura, que as lagrimas tornavam ainda mais doce, estendeu-lhe a mão. João hesitou um instante, mas não podendo resistir ao impulso do coração caiu de joelhos, e convulso foi

cobrir de osculos a mão que se lhe estendia. Os soluços suffocavam-no.

—Perdão, Luiza, murmurou elle, perdão!

—Perdão... por que? respondeu a rapariga assustada.

—Por que tive a ousadia de levantar os olhos para quem não podia nunca pertencer-me. Mas o coração não se domina. Os sentimentos geram-se espontaneos e independentes da nossa vontade...

—Não tenho que perdoar-lhe, João. Eu é que devia pedir perdão de o ter feito desgraçado. Mas que quer? O destino não se vence. Juro-lhe que nunca na minha vida me esquecerei do seu nobre caracter, e do seu grande coração.

—Obrigado, Luiza, obrigado! Essas palavras bastam para minha consolação.

E beijando-lhe outra vez a mão com o mesmo fervor, desappareceu rapidamente, como quem fugia de uma tentação a que não sentia forças para resistir.

Dias depois o tio de João celebrava na capella de casa o matrimonio de Luiza.

Foi então que João Telles, dilacerado por tanto soffrimento, perdida toda a esperança de felicidade, declarou ao tio que queria ser frade. O velho capellão recebeu contente esta declaração do sobrinho, e fel-o entrar na companhia de Jesus.

Durava dois annos o noviciado na companhia,

e, como vimos, os jesuitas foram expulsos de Portugal antes que João Telles tivesse completado esses dois annos.

João nunca apagara do coração aquelle amor immenso que votara a Luiza. Desfeita a ordem, recolheu-se outra vez a casa do tio. Alli era-lhe facil vêr Luiza; e readquirido outra vez o ensejo de a encontrar, custava-lhe muito voltar á vida religiosa, posto que a vontade do tio fosse essa.

Deu-se, porém, neste intervallo de tempo um acontecimento, que mudou completamente a face das cousas.

O marido de Luiza, seis annos depois de casado, succumbiu a uma doença repentina. Luiza ficou, pois, viuva e livre.

Extinctos os motivos que os separavam um do outro, João e Luiza principiaram a aproximar-se.

A resolução tomada pelo mancebo de se fazer frade, logo depois do casamento da donzella, ainda mais vulto dera ao amor que ella sentia encher-lhe o coração.

Senhora dos seus actos, acceitou francamente o affecto de João, e é no periodo d'esses amores, que o tempo e as difficuldades haviam ateado e não enfraquecido, que nós mostramos ao leitor o encontro dos dois amantes.

O que elles disseram n'aquella entrevista póde facilmente imaginal-o quem alguma vez, ao pé

da pessoa amada, sentiu com o mesmo ardor, amou com igual ternura.

João ia de dias a dias vêr a formosa viuva. Passava uma ou duas horas ao pé d'ella, na conversação agradavel de dois entes que se querem, e que têem a delinear mil projectos de felicidade.

Não perturbemos com a nossa curiosidade esse arrulhar de dois pombos enamorados. O silencio é o companheiro dos amantes. Não devassemos os segredos que elle costuma esconder. Onde ha amor ha cousas do ceu, que só Deus póde vêr, e que seria uma profanação entregar aos olhos do mundo.

Quando dois amantes, verdadeiramente amantes, se aproximam, e de mãos unidas, olhar enternecido, promettem um ao outro tanto e tanto, cobrem-nos as azas de um anjo, para que o sanctuario onde essas duas almas se enlaçam, não seja devassado pela vista dos profanos.

O angulo da sala continuava obscuro. João estava sentado ao pé de Luiza. Fallavam baixinho, como quem receia que as proprias paredes os escutem e denunciem. Apenas aquelle murmurio das suas vozes era interrompido pelo som de um beijo.

O que elles pensavam e o que diziam, havemos de sabel-o pelos factos que virão á luz no seguimento desta historia.

XV

Amor maternal

Pelo mez de setembro do mesmo anno de 1767 estava D. Thereza Paes em Oeiras, para onde algumas familias costumavam ir tomar banhos nò Tejo.

O marido de D. Thereza continuava enfermo. Definhava lentamente, e já poucas esperanças dava de viver muito tempo.

Thereza estava sentada ao pé da janella, occupada n'um trabalho de tapeçaria. O marido jazia quasi exanime na mesma poltrona, com os pés sobre a almofada e os joelhos cobertos com uma pelle.

Abriu-se a porta, e o capitão Paes entrou. O leitor decerto se não esqueceu d'elle, desde que o viu em Castello-Branco, no quarto de Jeronymo.

—Boas tardes, Luiz! disse D. Thereza sorrindo-se para o capitão.

—Como vae o doente? perguntou o militar, aproximando-se da cadeira onde o velho repousava.

—Mal! muito mal! murmurou Thereza a meia voz.

Luiz arrastou uma cadeira para o pé da irmã e sentou-se.

—João Telles veiu tambem comtigo, não veiu? Pareceu-me tel-o visto apear-se á nossa porta.

—Veiu. É um bom companheiro, e nosso amigo deveras. Está lá em baixo com Sebastião... Morrem um pelo outro.

D. Thereza guardou silencio por alguns segundos. Depois tornou:

—Precisava bem fallar-te com descanço, Luiz. Tenho cousas muito graves a dizer-te, e careço dos teus conselhos e do teu appoio.

—Bem sabes que sou todo teu.

—É verdade, Luiz. Mas o assumpto é difficil... póde inquietar-te... Promettes não te zangar?

—Falla.

—Não. Sem prometteres que me has de ouvir tranquillamente, nada te digo.

—Prometto.

D. Thereza pareceu meditar um instante. Depois com a voz um pouco tremula, e pronunciando a custo cada uma das phrases, disse:

—Olha, Luiz, é necessario que recordemos um passado, já bastante longinquo, mas cuja memoria conservo bem firme no coração.

Luiz Paes córou ligeiramente e redarguiu:

—Mas para que recordar cousas passadas?! Tudo morreu já.

—Não morreu, não; nem morrerá jámais para mim.

—Mas que queres dizer com isso?

—Quero dizer, Luiz, que os erros não se apagam nunca, quando ficam vestigios vivos...

—Como?! bradou o capitão sobresaltado.

—Luiz, alguem ha n'este mundo que tem comsigo metade do meu coração.

O capitão carregou o sobr'olho, e redarguiu:

—Fujo de comprehender o que as tuas palavras pretendem dizer-me. O que desejas? despacha. São inuteis rodeios...

—Principias tu a alterar-te! Julguei que depois de tantos annos passados os teus furores abrandariam...

—Mas emfim, que queres tu de mim?

—Quero, Luiz... quero um grande sacrificio. Essa criança não tem culpa dos meus erros, nem dos de seu pae. Ambos os têem expiado; eu nas minhas eternas noutes de remorsos, elle nas torturas do patibulo. Essa criança ha de participar tambem do castigo? Não é justo, Luiz.

—Mas esse rapaz vive? E onde pára?

—É official, e serve no teu proprio regimento.

O capitão deu um pulo na cadeira, inteiramente assombrado com a revelação.

—Quem é elle? Como se chama? perguntou ancioso o capitão.

As lagrimas saltaram dos olhos de D. Thereza. O capitão commoveu-se, e disse-lhe:

—Vamos, irmã; não chores. Para tudo n'este mundo ha remedio. Que queres tu de mim?

D. Thereza contou então a Luiz Paes tudo que se passara com Jeronymo. O capitão ficou espantado, quando soube que o filho de Thereza era o alferes Jeronymo.

Acabando a sua narrativa, D. Thereza disse ao irmão:

—Agora aconselha-me tu o que devo fazer.

N'este momento o enfermo suspirou. D. Thereza levantou-se e foi ao pé d'elle perguntar-lhe se desejava alguma cousa. O doente fez com a cabeça signal de que nada queria, e Thereza voltou a sentar-se junto á janella.

—Quereria, continuou a infeliz mãe, que elle não soffresse privações de nenhuma especie. Tu és seu superior no regimento, pódes protegel-o, e sobre tudo vigial-o.

—Farei por elle tudo que podér. Mas ha de ser com a condição de que elle ignorará tudo.

—Como quizeres; com tanto que o protejas.

—Tudo farei, mas elle não porá os pés n'esta

casa, nem tu te darás a conhecer como sua mãe. D'esse modo consinto em servir-lhe de pae.

—Aceito todas as condições, Luiz. Farás o que entenderes, mas pelo amor de Deus ama-o e protege-o. Elle não tem culpa do que seu pae fez.

—Seu pae, seu pae! murmurou o capitão com um sorriso cheio de amargura. Seu pae felizmente está morto. Expiou no cadafalso todos os crimes. Era um infame, um vil seductor.

—Mas de Jeronymo serás amigo, sim?

—Prometto; que amigo d'elle já eu o sou ha muito tempo.

—Ainda bem, Luiz. Não imaginas o bem que isto me faz. Tenho soffrido tanto, tanto! Nem tu imaginas as lagrimas que tenho chorado desde esse dia em que elle veiu procurar-me... Doia-me ha muito tempo o remorso; mas agora mais viva ainda se tornou a dôr, desde que me neguei a vêl-o. Mas que havia eu de fazer? Havia de chamal-o, de confessar a meus filhos a minha vergonha? Oh, isso não! Aprenderem os meus queridos filhos a desprezar sua mãe... com esse desgosto não podia eu! Pratiquei uma má acção, é verdade; mas salvei o respeito que inspiro aos meus filhos. A culpa foi minha; por conseguinte o soffrimento deve ser tambem só meu. Fiz um sacrificio, que me levou o coração; mas fil-o, como uma mulher forte que julga cumprir um dever.

—Fizeste bem, Thereza. Qualquer outro procedimento seria insensato.

Sentiu-se o rodar pesado de uma carruagem, que passava pela estrada.

Thereza aproximou o rosto da janella e olhou para o lado de Lisboa.

—Deve ser o conde, disse ella. Conheço já o rodar da carruagem.

Uma criada entrou na sala trazendo na mão uma salva e um copo, que levou ao doente. Era o remedio. O enfermo abriu os olhos, que conservara sempre cerrados, saccudiu ligeiramente a cabeça coberta de cabellos todos brancos, estendeu a mão convulsa e resequida para o copo e levou-o aos labios.

Ao mesmo tempo um grito partiu do lado da janella. O enfermo deu um pulo, e o copo caiu-lhe dos dedos, indo rolar sobre o pavimento. Com os olhos espantados, a respiração arquejante, estendeu a cabeça para a banda de onde viera o grito. Quiz levantar-se, mas as forças faltaram-lhe, e caiu exhausto sobre a cadeira, deixando pender para traz a fronte pallida e ligeiramente humedecida por um suor frio.

O grito dera-o D. Thereza. Qual seria a origem d'elle? É o que havemos de ver.

O capitão sustentava nos braços a irmã desmaiada. Elle proprio estava transtornado e pallido. Fez um gesto á criada, que accudiu á ama,

abandonando o enfermo no deliquio, que parecia o percursor da agonia.

Luiz Paes largou a irmã nos braços da criada, atravessou precipitadamente a sala, e saiu.

XVI

As exhortações do jesuita

Apezar do padre Vicente e Jeronymo se haverem separado no largo de Belem, depois de uma discussão cheia de azedume, a reconciliação fez-se depressa, por que o moço foi procural-o a casa e pedir-lhe desculpa das palavras asperas que pronunciara. Como é de crêr, achou logo perdão, e recebeu como sello da reconciliação a benção do jesuita.

Mas no dia immediato novos acontecimentos se prepararam para accender outra vez a discordia entre o padre e o official.

Jeronymo jantou com o jesuita, e ao acabar foi sentar-se junto da janella.

Como a tarde estivesse serena e quente, sentiu desejo de dar um passeio a cavallo pela margem do rio. Disse portanto ao padre Vicente:

—Vou mandar apparelhar o cavallo e sair.

—Aonde vaes?

—Sem destino. A tarde está muito boa, e deve ser agradavel ir por ahi fóra, á beira do rio, esperar a noite.

—Tambem eu vou, Jeronymo.

—Muito melhor. Conversaremos, e gosaremos o passeio em commum.

Joronymo desceu á cavallariça. O padre seguiu-o.

Estava á manjedoura o cavallo de Jeronymo, e ao pé d'elle um machinho, propriedade do padre Vicente, no qual o jesuita costumava ir á cidade.

O rapaz que servia o frade apparelhou as cavalgaduras e trouxe-as á redea para fóra da porta.

Montaram os dois, e foram pela estrada de Oeiras, trotando o cavallo de Jeronymo para alcançar o passo travado do mulo.

Poucas palavras trocaram entre si os cavalleiros. Jeronymo fallava pouco, e o jesuita ficara um tanto sorumbatico depois da scena da vespera.

Iam na altura de Caxias quando o padre, sofreando o macho, exclamou:

—Mas aonde vamos nós n'este andar, Jeronymo? São horas de voltarmos.

—É muito cedo, padre Vicente. Olhe, ainda agora o sol principia a desapparecer no horisonte. Podemos ir até Paço d'Arcos.

Ouviu-se o rodar de uma carruagem na direcção de Lisboa. Os dois cavalleiros olharam, e viram descendo o combro da estrada, antes do palacio de Caxias, uma sege puchada por dois bons muares. Cada um dos cavalleiros se encostou á margem do caminho para deixar seguir o trem.

A carruagem passou rapidamente. Jeronymo assim que a viu chegou a espora ao cavallo, fazendo-o dar um galão para o meio da estrada, onde o jesuita viera atravessar o machinho.

—Viste quem alli vae? perguntou o frade sobresaltado.

—Vi. A mesma mulher de hontem! Diga-me quem ella é.

—Não penses n'essa creatura; tenho-t'o dito e repito-o. É rematada loucura a tua insistencia.

—Por que hade ser loucura?! observou Jeronymo enfadado.

—Por que essa mulher...

—Essa mulher?... interrompeu o mancebo estendendo ancioso a cabeça, como querendo ir receber as palavras que deviam sair dos labios do padre Vicente.

—É casada.

—Casada! exclamou Jeronymo empallidecendo.

—Sim, casada. Vê agora se queres tambem commetter um adulterio!

—Não póde ser, padre Vicente! redarguiu o moço, depois de um instante de reflexão.

—Affianço-t'o eu.

—E como se chama?

—Não precisas saber mais. Conheces quanto basta para não pensar mais n'ella.

—O padre engana-me! bradou Jeronymo, esporeando o cavallo e partindo a galope pela estrada fóra, na direcção que a carruagem seguira.

—Onde vaes, Jeronymo? gritou-lhe o padre.

O mancebo não respondeu; continuou a andar.

O jesuita tocou tambem a cavalgadura e partiu atraz d'elle.

A carruagem já se avistava. Atravessara Paço d'Arcos, e seguira para a villa de Oeiras. Os dois cavalleiros foram-lhe na esteira.

Á entrada de Oeiras a carruagem parou, e alguem que ia dentro d'ella fallou para a janella de uma das casas que bordam a estrada.

Jeronymo e o jesuita estavam já proximos do trem; affrouxaram o galope e passaram-lhe adiante, olhando ambos para o interior da carruagem, onde vinham um homem e uma senhora.

—Vistel-os? perguntou o padre ao mancebo.

—Vi.

—E conheceste o homem que acompanha aquella mulher?

—Não, padre Vicente.

A carruagem continuou a rodar, descendo a estrada. Jeronymo seguiu-a.

O jesuita estava furioso e esporeava o macho, afim de acompanhar Jeronymo. De repente, como se lhe houvera accudido uma grande idéa, a nuvem sombria que lhe cobria o rosto desfez-se, e um sorriso verdadeiramente diabolico lhe encrespou os beiços.

A carruagem parara á porta do palacio do conde de Oeiras. Jeronymo teve um aperto de coração, e sofreou o cavallo.

Alguns criados correram a abrir a portinhola do trem, d'onde sairam um homem e uma senhora, sendo ella moça e elle já pezado de annos.

—Conhecel-o agora? perguntou o padre Vicente aproximando-se do mancebo. Ahi o tens! É o assassino de teu pae...

—E a rapariga quem é? perguntou tristemente o mancebo.

—É sua filha D. Thereza Violante, casada com Antonio de Sampaio.

—Sua filha! murmurou o moço desconsolado.

—Que pretendes agora da filha do assassino de teu pae? Falla, quero ouvir-te.

Jeronymo não respondeu, e deixou cair tristemente a cabeça.

O jesuita dirigiu-se para um canto da rua e apeou-se, deixando o macho liberto a roer a erva que crescia abundantemente ao pé das paredes.

Jeronymo apeou-se tambem, e foi sentar-se n'uma pedra com a redea do cavallo na mão.

—Agora, Jeronymo, é que tu podias bem dar cabo d'esse malvado.

—Que quer dizer, padre Vicente?! redarguiu o mancebo, olhando espantado para o jesuita.

—Que quero dizer? que se eu tivesse menos idade iria agora atraz d'aquelle monstro, pediria licença para lhe fallar, e cravar-lhe-ia no coração este punhal...

E com a mão tremula tirou do seio um ferro agudo e polido.

—Se eu podésse! continuou elle, rangendo os dentes.

Depois, voltando-se bruscamente para Jeronymo, accrescentou:

—Por que o não fazes tu, Jeronymo?

—Isso não, padre Vicente! replicou o mancebo com um gesto de horror.

—Covarde! replicou o jesuita, crescendo sobre Jeronymo. Alma de barro, sem valor, nem energia! Quem dirá que pertences a uma linhagem illustre!...

E apertando nas mãos o punhal continuou, brandindo o ferro no ar:

—Só eu heide ser velho! Só eu não heide poder vingar as victimas d'aquelle monstro, e salvar a companhia!

Pouco distante do sitio onde esta scena se pas-

sava, existia a casa de habitação de D. Thereza Paes. Foi na occasião em que o frade brandiu o punhal, que Thereza olhara pela vidraça e reconhecera o filho. A sua apparição inesperada, e a vista do ferro que o companheiro de Jeronymo empunhava, ao mesmo tempo que se exprimia com gesto irado, fel-a soltar aquelle angustioso grito, que no capitulo antecedente lhe ouvimos.

Entretanto que o padre Vicente dava largas ao seu odio, a porta da casa de D. Thereza abriu-se e o capitão Paes, que da janella presenciára a scena, atravessava a rua, seguido de João Telles.

O jesuita, vendo que os dois se dirigiam para alli, escondeu o punhal, e montou no macho. Ao mesmo tempo murmurou entre dentes:

—Cá temos outra vez este imbecil de João Telles. Sempre elle!...

O capitão e o ex-noviço chegaram-se aos dois, perguntando-lhes o que faziam alli.

—Viemos passear, respondeu-lhe o padre Vicente, e vamos já de volta para Belem.

—Pois vá vossa reverencia, replicou João Telles, que Jeronymo fica. Irá depois comnosco.

O frade ia fazendo espirrar o sangue pelos beiços com a furia com que os mordeu.

—Vá com Deus, vá! exclamou o capitão Paes bruscamente, indicando ao jesuita o caminho de Lisboa.

Como o frade se não mechesse, o capitão tornou:

—Ouviu? Ponha-se a andar, que não precisamos de companhia.

O padre Vicente esporeou o macho e partiu para Belem, blasphemando contra Jeronymo e ameaçando João Telles de lhe fazer pagar caros as contrariedades e desgostos que por tantas vezes lhe causara.

XVII

A denuncia

O capitão Paes e João Telles seguiram, logo depois do padre Vicente, pela estrada de Lisboa, acompanhando Jeronymo.

O capitão não conhecia o frade; por tanto scismava quem seria aquelle velho iracundo, que parecia ameaçar Jeronymo com o punhal. João, que já o conhecia, e bem, preparava na mente o meio de separar Jeronymo da companhia do jesuita.

Quando chegaram a Paço d'Arcos, o capitão pediu aos companheiros que o deixassem entrar n'uma venda, a beber um refresco, por que sentia sêde.

Todos tres se apearam e entraram na taverna. Da parte de dentro do balcão do estabelecimento havia uma porta que deitava para o quintal. O

capitão perguntou ao taverneiro se podia ir beber para debaixo das arvores, o que lhe foi concedido.

No quintal havia algumas mezas destinadas aos envergonhados. Os trez amigos sentaram-se a uma d'ellas, que ficava perfeitamente encoberta com uns maciços de verdura.

—Agora que estamos sós, disse o capitão, hasde contar-me, Jeronymo, o que fazia aquelle velho ao pé de ti com um punhal na mão.

Jeronymo pareceu hesitar; mas João Telles tomou a palavra e explicou ao capitão quem era o velho, as scenas que por varias vezes tivera com elle, e a instigação criminosa que o jesuita empregava constantemente ao pé de Jeronymo.

O capitão ouviu tudo silencioso e como que indifferente. Por fim dirigiu-se a Jeronymo e perguntou-lhe:

—Qual dos suppliciados era teu pae?

—Ignoro-o.

—E tua mãe quem é?

—Minha mãe?! Não me falles de minha mãe!

—Porque?

—Porque a aborreço.

—Mas emfim, como se chama ella?

—D. Thereza Paes.

—É extraordinario. Tem o meu appellido!

O capitão, como se vê, queria encobrir a Jeronymo que sabia tudo quanto a irmã lhe dissera.

—Todas as minhas desgraças provém d'aquelle malvado do conde de Oeiras! bradou Jeronymo, dando um murro na meza.

—Cautella! replicou o capitão. Não grites, que póde alguem ouvir-nos.

Na folhagem proxima houve um ligeiro rumor. João escutou, mas tudo ficou outra vez silencioso.

—Que foi? perguntou o capitão.

—Nada. O vento a susurrar nas folhas.

Um instante depois sentiram os amigos passos sobre a areia, e voltando todos a cabeça deram com os olhos n'um moço, que entrava agitando o chicote.

—Meus amigos, isto é o que se chama cair do ceu aos trambulhões. Vossês não me esperavam agora! exclamou o recem-vindo.

O capitão fez um gesto de desagrado, que todavia ninguem percebeu.

—É verdade, disse elle. De onde diabo surgiste?

—Venho de Lisboa.

—E para onde vaes?

—Para Oeiras.

—Senta-te, redarguiu o capitão, e bebe comnosco.

O recem chegado era Ricardo, o alferes do regimento de Jeronymo, que nós encontrámos no quarto d'este na occasião em que elle recebeu uma carta do padre Vicente.

Beberam todos os refrescos que desejavam, saindo logo depois. Ricardo separou-se á porta, e seguiu para Oeiras. Os tres amigos voltaram para o lado de Lisboa.

—Desconfiu que Ricardo ouviu o que diziamos, exclamou o capitão Paes, apenas viu o alferes affastar-se.

—E que mal é esse? redarguiu Jeronymo.

—Póde ser algum. Eu tenho as minhas razões para estar de pé atraz com Ricardo.

Não deixavam as suspeitas do capitão Paes de ter fundamento.

Em quanto os tres amigos seguiam para Lisboa, e o capitão offerecia a Jeronymo a sua casa, para que elle não voltasse para a do padre Vicente, o alferes Ricardo entrava no palacio do conde de Oeiras.

Tendo-se feito annunciar ao ministro, foi introduzido no seu gabinete de trabalho. Estava com elle o conde de S. Vicente.

O alferes comprimentou Carvalho, e conservou-se de pé.

O ministro estava sentado n'uma grande cadeira de espaldar de couro lavrado e pregaria amarella. Diante de si tinha um grande bofete de pau santo, coberto de livros, papeis, pastas, etc. No meio d'esta multidão de papellada, sobresaía o enorme tinteiro de prata dourada, com lavores, guarnecido de um ramilhete de pennas de ave.

Em roda da casa havia algumas estantes com livros, armarios, mezas com papeis, e cadeiras semelhantes áquella em que Carvalho estava sentado.

A porta por onde se entrava n'este gabinete estava coberta de alto a baixo com um reposteiro de baeta vermelha, tendo bordado em relevo o escudo de armas do conde de Oeiras.

O ministro conversava familiarmente com o conde de S. Vicente quando Ricardo entrou.

—Heide exterminal-os, dizia o conde de Oeiras. A Hespanha acaba de os expulsar. Por conseguinte procuro fazer o accordo com Sua Magestade Catholica, e com o rei de França, para em commum reclamarmos do Santo Padre a extincção da companhia. É-nos necessaria, primeiro que tudo, a demissão do cardeal Torregiani, que está offerecendo difficuldades á execução d'este projecto. O duque de Choiseul está excellentemente disposto, bem que duvide da possibilidade de obter de Clemente 13.º a extincção da ordem. Pois a mim não se me affigura isso impossivel, e ou eu não heide ser mais primeiro ministro do rei de Portugal, ou a companhia hade ser supprimida.

—Faz muito bem, senhor conde! atalhou Ricardo, que se conservára de pé em frente do bofete, ouvindo com gesto de admiração as palavras do ministro. Os jesuitas não descançam de tramar

contra vossa excellencia. Agora mesmo eu vinha trazer-lhe noticias muito graves a esse respeito.

—Sim! redarguiu o conde. Então que sabe?

—Surprehendi hoje um plano tenebroso contra vossa excellencia.

O ministro empallideceu ligeiramente, mas forçando um sorriso replicou:

—Querem assassinar-me?!

—Anda um jesuita mettido no plano. Ouvi por accaso uma conversa, que me revelou tudo. Ha um padre da companhia occupado em instigar um alferes do meu regimento para attentar contra a vida do senhor conde de Oeiras. É necessario filar esse padre.

—E o alferes tambem, por cautella! atalhou o ministro.

—A este é facil encontral-o; porém do frade é que eu não tenho maior noticia.

—A policia dará com elle, tornou Carvalho.

E voltando-se para o conde de S. Vicente, accrescentou:

—Meu caro conde, encarrego-o de fallar com o intendente a esse respeito. O senhor alferes lhe dará esclarecimentos.

—Com todo o gosto, replicou o alferes.

—Sempre os jesuitas! exclamou o conde de S. Vicente.

—Pois que hão de elles fazer, se sabem que

sou seu adversario, e que os heide aniquilar?! Tudo que tramarem contra mim é proprio. Elles não costumam hesitar diante de cousa alguma, e a minha morte podia ser talvez a sua salvação. Mas antes que dêem cabo de mim, heide eu acabar-lhes com a raça. Desde que pozeram pé em Portugal, que esses damninhos padres conspiram contra a auctoridade da corôa, monopolisam a instrucção, exploram o povo, semêam discordias nas familias. Pôl-os fóra foi um serviço importante, que eu prestei ao meu paiz. Tenho a convicção d'isso. Mas é necessario acabar com elles, por que pódem mais tarde voltar aqui, e por que sabem insinuar-se no animo dos principes e entrar com pés de lã, como vulgarmente se diz, para depois se fortificarem. Nada! A guerra que lhes votei é de morte. Hão de desapparecer da superficie da terra; assim é necessario para a paz das nações.

—Tome sempre cuidado com a sua preciosa vida! observou com vivo interesse o alferes.

—Será o que Deus quizer! Entretanto vamos esmagando essas viboras onde as encontrarmos. O conde de S. Vicente fica encarregado de tomar providencias para vêr se se agarra o tal jesuita. Entenda-se com o alferes, em quanto eu examino aqui uns papeis... É uma nota do senhor Saint Priest sobre esta demanda, que heide por força vencer. Será o remate que os seculos futu-

ros encontrarão na justissima e providentissima lei da proscripção da companhia.

O conde de S. Vicente e o alferes foram conversar para o vão de uma janella, em quanto o grande ministro lia a nota do embaixador de França, ácerca do accordo com Portugal, para as duas nações reclamarem do pontifice o breve da extincção da ordem.

Algum tempo depois o conde e o alferes vieram outra vez ao pé de Carvalho.

—Temos negocio feito, disse o conde de S. Vicente. Agora, para Lisboa. Quer alguma cousa de mim?

—Boa jornada, e agarre-me os homens.

Ricardo e o conde sairam. Este metteu-se na carruagem, e mandou seguir depressa para Lisboa.

Chegando á cidade, o conde de S. Vicente dirigiu-se ao patriarchado.

Apezar de serem mais de dez horas da noite, fez-se annunciar e foi logo introduzido á presença do cardeal Saldanha, patriarcha de Lisboa.

O cardeal, com o seu vestido de purpura, e solideu na cabeça, folheava um grosso in-folio, que tinha pousado sobre a meza. A sala estava apenas alumiada pela luz de um candieiro pequeno.

O conde de S. Vicente aproximou-se do prelado e dobrou-se para lhe beijar o annel. Saldanha apertou-lhe a mão e disse:

—Por aqui a esta hora, conde! Temos novidade?!

—Grande novidade, reverendissimo! É serviço do conde de Oeiras, portanto...

—Ás suas ordens, meu caro conde.

—Vossa eminencia foi visitador e reformador da companhia de Jesus.

—Vem a proposito. Agora mesmo tinha entre mãos o livro de José de Seabra, que estava lendo na parte que me respeita, quando exerci esse cargo de visitador.

E o cardeal apontou para a *Deducção Chronologica e Analytica* que o doutor José de Seabra e Silva, desembargador da casa da supplicação e procurador da corôa, acabava de dar á estampa.

—Muito bem! observou o conde de S. Vicente. É por isso mesmo que eu venho procural-o, para vêr se me dá conta de um jesuita.

—Isso hade ser difficil. Andam lá por Italia...

—Este está em Portugal, e creio até que em Lisboa. Vossa eminencia foi por algum tempo visitador apostolico e reformador da ordem, por tanto devera ter estado em communicação com todos os padres de S. Roque. Lembra-se de um a quem chamavam o padre Vicente?

—Sem mais nada?

—Sem mais nada.

—É muito difficil responder a uma pergunta

tão vaga. Eu tenho alguma recordação de varios padres, mas já lá vão mais de oito annos!...

—Pois é negocio urgente saber onde pára esse jesuita.

—Eu verei se pelos parochos de Lisboa posso descobril-o. Tendo conhecimento d'elle, immediatamente o communicarei ao senhor conde de Oeiras.

O conde de S. Vicente despediu-se do prelado, pedindo-lhe desculpa de o vir importunar áquella hora.

—O serviço do estado não tem horas, atalhou o patriarcha pondo-se de pé para acompanhar o conde á porta da sala.

—Adeus, conde, accrescentou elle quando chegou á porta.

—Eminentissimo! redarguiu o conde, fazendo uma reverencia.

O prelado voltou para o logar onde estava, endireitou o solideu, pousou os pés sobre uma almofada, e chegou para si o volume da *Deducção Chronologica*, que tinha aberto a paginas 526.

—Não ha remedio! murmurou elle entre dentes. O senhor conde manda...

Saldanha era um dos fieis servidores do ministro. Devia-lhe a sua nomeação de patriarcha, e por sua parte prestara ao conde de Oeiras todo o auxilio para elle levar a cabo a destruição da companhia de Jesus.

O cardeal Saldanha foi um dos mais graves oppositores que a sociedade encontrou no seu caminho, quando viu desabar o seu edificio de dois seculos.

XVIII

Odio de frade

Nos trez mezes que se seguiram aos successos do capitulo precedente, passaram-se cousas importantes, que tem relação com esta historia.

O marido de D. Thereza Paes, cujo estado de saude era já gravissimo, peorou com o sobresalto que tivera n'aquella tarde, em que Thereza viu da janella a scena entre o filho e o padre Vicente.

Quinze dias depois d'esse acontecimento o enfermo expirava, sem lucta, nem agonia; serenamente, como uma luz que se extingue por falta de oleo.

A denuncia de Ricardo produzira o seu effeito. Jeronymo tinha sido preso, e não se sabia em que fortaleza fôra encerrado. Só o padre Vicente podéra escapar ás pesquizas da policia, por que

Jeronymo nunca fez declarações que o descobrissem, apesar de inquerido e instado n'esse sentido pelo intendente geral.

Os amores de João Telles e Luiza tinham continuado com mais ardor, se era possivel. O tempo, que esfria tantas vezes semelhantes affeições, não tivera poder com esta. Por isso os dois amantes procuraram nos laços do matrimonio a doce prisão que os unisse para sempre um ao outro.

É no dia do casamento de João Telles que nós vamos encontral-o na propria casa destinada a ser habitação dos noivos.

É uma casa bonita, situada na Carreira dos Cavallos. Na sala principal, luxuosamente mobilada, estão reunidas algumas pessoas amigas de João ou de Luiza, que foram convidadas a assistir ao casamento e a acompanhar os noivos ao jantar.

João Telles não quiz deixar de convidar o padre Vicente, por que tambem Luiz Meridanti, que n'essa occasião se achava em Lisboa, tivera recommendação especial para não faltar.

Estavam, pois, na sala o italiano e o padre Vicente.

Meridanti vinha ricamente vestido, e a sua presença agradavel tornava-o sympathico para todos.

O padre Vicente, a revez do italiano, tinha a physionomia sombria e cadaverosa.

Luiza estava de uma formosura resplandecen-

te. O vestido de nobreza branca, farto e roçagante, fazia realçar a elegancia da sua esvelta figura. Da manga curta, e cheia de tufos, saía um braço admiravelmente torneado. Os hombros eburneos, e o colo cheio e palpitante, saltavam do decote, e serviam de fundo a um bello collar de brilhantes. Os cabellos castanhos, enlaçados sobre a cabeça em tufos caprichosos, eram esplendida moldura ao seu formosissimo rosto, cuja correcção de linhas, e meiga expressão de gesto, faziam lembrar a doce physionomia da Virgem, n'aquelle bello quadro da Conceição, de Murillo, que se admira no museu do Louvre.

A conversação ia animada. Alguns dos convidados recitavam sonetos, inspirados nos modelos da Arcadia, cuja existencia principiara alguns annos antes.

O padre Vicente, encolhido no vão da janella, olhava com olhos odientos para todo este festim de nupcias. A felicidade existia n'aquella casa, e o padre não podia vêr tanta gente feliz. João Telles estava risonho, alegre, cheio de enthusiasmo, e o jesuita, que lhe tinha odio mortal, não podia resignar-se a vel-o assim. Daria tudo por vêr perturbada aquella felicidade. Daria a vida por vêr Luiza chorar lagrimas amargas sobre o seu vestido de noiva. Aquelle coração cheio de fel, não tinha já outros sentimentos que não fossem os do odio e da vingança. João estava moço;

feliz e opulento; elle via-se velho, desgraçado e pobre! Dilacerava-o esta certeza da prosperidade alheia, e ainda mais de um homem que tinha por inimigo, a quem votava um d'esses tremendos odios, que em todas as linguas christãs são conhecidos por—odio de frade.

O jesuita, sempre recolhido no vão da janella, lançava o olhar atravessadiço para o meio da sala, e dizia comsigo, fixando Luiza:

—Ri, rapariga, que eu te farei chorar...

E olhando para João, continuava:

—Folga, imbecil, que isto está por pouco!...

O padre Meridanti passava e repassava diante do frade, mirando-o com certa curiosidade. Depois aproximou-se d'elle e disse:

—Então, padre Vicente, tem achado a festa brilhante?

—Muito brilhante.

—Felizes consortes!...

—Decerto! Amam-se muito, segundo parece.

—É verdade.

—Deus os faça felizes! redarguiu o jesuita com um gesto de bondade hypocrita.

Meridanti affastou-se novamente e foi conversar com João.

O padre Vicente saiu da janella e atravessou a sala, indo encostar-se aos humbraes de uma porta que dava para o corredor.

Alli se conservou algum tempo. Depois foi andando disfarçadamente até á casa de jantar.

Era uma sala grande, cujas janellas deitavam sobre uma lameda de sycomoros, que era dependencia do edificio.

A meza estava posta. Guarneciam-na muitos ramos de flôres. Os crystaes abundavam, assim como as pratas. Cada conviva tinha uma elegante taça d'este metal para vinho de meza, além dos bonitos calices de Bohemia e Veneza destinados aos vinhos finos e generosos.

Cada talher tinha um cartão com o nome do conviva, em cuja collocação estavam guardadas as precedencias do estylo.

O padre Vicente teve um sobresalto de alegria. O rosto illuminou-se-lhe. Os olhos lançaram um lampejo. Um sorriso ironico encrespou-lhe os beiços delgados e sem côr. Lançou um olhar curioso em roda de si, e certificando-se de que ninguem o via, tirou do bolso uma carteira e de dentro della uma caixinha, que vasou na taça de João. Tudo isto foi rapido, apezar das mãos lhe tremerem. Debruçou-se ainda a examinar o interior da taça, e deu a andar ligeiro, mas cauteloso, para a porta por onde entrara. João e Meridanti chegavam á casa do jantar no mesmo momento.

—Por aqui, padre Vicente! exclamou Meridanti.

O jesuita não perdeu o sangue frio e respondeu com impassivel serenidade:

—Tenho estado admirando a perfeição daquelle magnifico vaso!

E apontou para um jarro de prata que existia sobre o aparador, e cujo trabalho de cinzel parecia remontar ao seculo 16.º, época brilhante da ourivesaria nacional, de que a custodia de Belem é um verdadeiro monumento.

—E é verdade! replicou o italiano avançando para examinar o jarro. É uma peça magnifica!

—Na sua patria, observou João, deve haver muitas destas obras d'arte. Benvenuto Cellini trabalhou bastante em cinzellar prata, não é verdade?

—Oh sim! Florença, minha patria, honra-se muito com esse grande artista.

—É de Florença, padre Meridanti? perguntou João.

—Sim, de Florença.

—Que é tambem a patria do nosso Geral? observou o padre Vicente.

—Exacto. Lourenço Ricci é tambem florentino.

E sorrindo, como querendo dar um tom jovial ás palavras, continuou:

—Decididamente Florença é a patria dos grandes homens!

—O seculo 16.º, proseguiu João, mostrando o jarro, foi notavel nestes trabalhos.

—Como em todas as artes, fomentadas pela

protecção dos Medicis, e designadamente do grande Leão 10.º A Italia teve n'esse século homens illustres em todos os ramos da intelligencia. O Ariosto é desse tempo... Miguel Angelo tamqem. Os que accusam o pontificado têem ahi licçãc para se arrepender. O *Orlando furioso* deve ao papa Leão uma protecção decidida. O proprio Benvenuto, que teria sido, se na aurora do seu talento artistico não tivesse encontrado Clemente 7.º a protegel-o? As obras mais monumentaes de Miguel Angelo devem-se ao incitamento dos pontifices. Sem Julio 2.º, sem Clemente 7.º, sem Leão 10.º teriamos a cupola de S. Pedro, o *Juizo final* da capella Sixtina e os preciosos frescos do Vaticano? Ahi tem, João, como o pontificado, que a nova philosofia accusa de querer o genero humano em trevas, dava elle proprio impulso á civilisação, e empregava os seus thesouros em proteger as artes e as lettras na Italia!

— Mas as civilisações variam com as épocas, padre Meridanti. A de hoje tem exigencias diversas. O que então prosperava com a protecção, ha de d'aqui a alguns annos prosperar com a liberdade. Ás artes sujeitas ao impulso official, succederão as artes independentes e livres...

— Tambem me saiu philosofo, João? Deixe lá os voltairianos fallar d'esse modo. A igreja tem serviços importantes á civilisação e á humanidade. O pontificado prestou-os em grande esca-

la. As ordens religiosas prestaram-nos tambem, e muitos. A companhia foi uma das que mais se distinguiu pelo zelo que sempre dedicou á instrucção do povo. E todavia vê como hoje a tratam...

Proseguindo n'esta conversação esclarecida, o italiano voltou á sala acompanhado de João e do padre Vicente.

Meia hora depois principiava a servir-se o jantar. Luiza estava radiante de felicidade. João contemplava-a com a adoração intima, a que tinha direito a sua esplendida formosura, e dotes de coração.

Reinava a alegria no jantar. Os brindes repetiam-se; não faltavam comprimentos aos noivos, odes em obsequio a elles, dythirambos em honra do banquete e do amphytrião.

Meridanti, que estava sentado proximo de João, dizia-lhe:

—Assisto hoje cheio de contentamento ao festim das suas nupcias. N'esta occasião, que deve ser solemne, quero pedir-lhe uma cousa—que não se esqueça nunca de um amigo, que desde a primeira vez que o viu na casa professa de S. Roque, sentiu logo uma viva impressão a seu favor... Promette?

—Padre Meridanti, se me esquecesse, commetteria uma ingratidão monstruosa. Devo-lhe desde esse tempo tanta benevolencia, tantos testemunhos de estima, que posso jurar-lhe que se-

rei sempre um dos seus mais devotados amigos, como sou um dos seus mais sinceros admiradores.

—Digo-lhe isto, João, por que talvez não volte mais a Portugal. É a terceira vez que aqui venho, e sempre de fugida. Agora sabe Deus quando poderei autra vez fazel-o; creio que nunca mais. Os negocios da companhia complicam-se, e o nosso proposito geral precisa de mim para o ajudar n'esse combate de resistencia, que é necessario sustentar contra os inimigos da nossa augusta ordem. O santo padre Clemente 13.º vê-se apertado por todos os lados para publicar a extincção da companhia. É preciso que todos os que têem algum poder e influencia na ordem não abandonem a sua causa, e estejam ao pé do Summo Pontifice advogando os interesses da instituição. Por isso me vou embora quanto antes, para não sair mais de Roma.

João ouvia as palavras de Meridanti com muita attenção; mas o seu rosto parecia perder lentamente a côr, e umas pequenas bagas de suor lhe appareciam na fronte.

—Não está bem? perguntou-lhe o italiano.

—Foi uma pequena agonia, respondeu João.

O jantar estava no fim. João Telles levantou-se e todos os convivas o imitaram, dirigindo-se para a sala.

Quando João alli chegou foi sentar-se n'uma

cadeira que havia a um canto da casa, e passou a mão pela fronte, como quem sentia perturbações na cabeça.

Luiza, observando isto, correu para elle, bradando afflicta:

—Que tens, João?! Oh, meu Deus! que é isso?...

—Nada; um ligeiro incommodo. Deve passar depressa...

Mas não passava. Cada vez se tornava mais pallido o rosto do mancebo. Os olhos perdiam o brilho, e pareciam encovar-se; os beiços estavam completamente brancos.

Meridanti sentou-se ao pé do moço, examinando ancioso os progressos que aquelle repentino ataque ia fazendo. Tinha já as extremidades frias, e principiava a sentir grandes agonias.

—Levemol-o d'aqui, disse Meridanti, e mande-se chamar um medico.

O italiano e mais dois convidados levaram João inanimado para um quarto e estenderam-no sobre a cama. Todos os seguiram, não exceptuando o padre Vicente.

Luiza, lavada em lagrimas, aquecia ao proprio halito as mãos regeladas do marido. Chamava por elle, mas João não dava acôrdo de si.

—Tu já não me ouves? exclamava ella beijando-o sofregamente na fronte humida de suor, nos olhos meio cerrados, nas faces frias e lividas.

—É melhor sair d'aqui, D. Luiza, disse o italiano.

—Não; isso é que eu não faço.

—Mas um medico! gritavam todos.

Um criado saira já a buscal-o. Entretanto o estado de João aggravava-se.

Meridanti, sentado sobre o leito, examinava a physionomia do doente, e consultava-lhe o pulso amiudadas vezes.

De repente João inteiriçou-se, apertou extraordinariamente a mão do italiano, contraiu a physionomia, soltou um grande gemido, o ficou immovel. Meridanti aproximou os seus labios aos do mancebo e pôz-lhe a mão no coração; nem respirava, nem o coração pulsava. Tinha expirado.

Luiza, percebendo o que havia acontecido, soltou um grito e caiu sem sentidos sobre o cadaver do marido.

Meridanti mandou sair toda a gente; fez retirar d'alli o corpo inanimado da infeliz Luiza, e approximando-se do padre Vicente disse-lhe:

—Padre Vicente, demore-se aqui, que preciso fallar-lhe.

O jesuita sentiu um calafrio; mas não teve forças para desobedecer. Ficou.

Quando todos sairam do quarto e ficaram sós Meridanti e Vicente, em presença do cadaver de João Telles, o italiano dirigindo-se ao jesuita,

com voz profunda e gesto ameaçador, exclamou:

—De que morreu João, padre Vicente?!

—Ignoro...

—Pois não ignoro eu. João morreu envenenado e foi o padre Vicente que o matou...

O jesuita enfiou e deu dois passos para traz, exclamando:

—Que diz vossa reverencia?! Isso não é verdade....

Meridanti abanou a cabeça e tornou com um sorriso cheio de amargura:

—É verdade, é. E para os envenenadores, padre Vicente, ha uma forca...

Os cabellos brancos do jesuita eriçaram-se-lhe todos na cabeça. Trémulo, mas querendo simular coragem, redarguiu:

—Padre Meridanti, vossa reverencia calumnia-me...

—Não me desminta, bradou o italiano batendo o pé.

N'este momento abriu-se a porta do quarto, e appareceu o medico, que se tinha mandado chamar.

—Já não é necessario, disse Meridanti. Está morto, e bem morto.

O quarto estava já em sombras, por que a tarde declinava rapidamente. O medico chegou-se ao leito, abriu as cortinas que o cerravam e procurou o pulso do finado. Depois, voltando e dirigindo-se para a porta, disse:

—Não ha nada a fazer...

Saindo o medico, que qualificou o caso de apoplexia fulminante, o italiano fechou novamente a porta e foi direito ao padre Vicente, o qual se conservava proximo da janella, immovel e desfigurado.

—O que fez, padre Vicente, foi uma barbaridade sem nome. Se não tivesse compaixão dos seus cabellos brancos, entregava-o á justiça... Mas para seu castigo hade ficar-lhe na consciencia o remorso da má acção que praticou, e o anathema da companhia, que desde já o risca do seu seio.

O jesuita estremeceu, como se recebesse o choque de uma machina electrica.

—Por que me expulsa? exclamou elle espantado.

—Por que a companhia não quer monstros, nem assassinos...

—Quando foi que a companhia se não valeu tambem do punhal e do veneno para castigar os seus inimigos, que são tambem jurados inimigos de Deus?! replicou o jesuita, recuperando sangue frio.

O italiano córou, e pareceu hesitar na resposta, mas cobrando logo a palavra, tornou:

—Nem mais uma palavra, padre Vicente; ou eu o faço punir por ordem da propria companhia.

—Com que auctoridade? observou o frade mais senhor de si.

—Com a auctoridade que os meus poderes me conferem.

—Não sei quaes elles sejam hoje.

—Não sabe? Pois eu lh'o digo.

E o italiano tirou do bolso um annel e metteu-o no dedo. Estendendo depois a mão ao jesuita, disse em tom solemne:

—Aqui estão, padre Vicente!

Um raio que houvesse caido no quarto não causaria mais assombro ao jesuita.

—O geral! balbuciou elle, dobrando-se n'uma reverencia até quasi ao chão.

O italiano redarguiu no mesmo tom solemne e pausado:

—Sim, o geral! O florentino Lourenço Ricci, 18.º geral da companhia de Jesus.

Depois, apontando para o leito, accrescentou:

—Ajoêlhe, padre Vicente, e peça perdão áquelle cadaver!

XIX

A prisão

Dissemos que Jeronymo fôra preso, e precisamos contar como esta prisão se effectuou.

O conde de S. Vicente transmittiu ao intendente geral da policia os esclarecimentos que recebera de Ricardo.

Foram baldados os esforços para descobrir o padre Vicente. Quanto a Jeronymo, a sua posição de official de cavallaria de Bragança facilitava o encontro.

Quando o capitão Paes e João retiraram de Oeiras, acompanhando Jeronymo, o capitão resolvera leval-o para sua casa. E assim o fez. Luiz Paes principiava dest'arte a cumprir a promessa que fizera á irmã.

Porém dois dias depois o alferes era procurado e preso á ordem de el-rei.

Não havia meio de resistir. Quando o correge-

dor do crime mandava filar um desgraçado não tinha este outro remedio senão encommendar-se a Deus e seguir o seu destino. N'aquelle tempo ninguem podia queixar-se, nem mesmo quando a innocencia da victima accusava o arbitrio e a injustiça do magistrado.

Jenonymo, suspeito de conspiração, sem mais prova que o depoimento de um camarada; depoimento sem authenticidade, sem as ceremonias necessarias para servir de base aos actos judiciarios; Jeronymo, dizemos, foi encerrado na fortaleza de S. Julião da Barra!

Imagine-se a noite que entraria n'aquella alma, quando o moço se viu mettido na escura casamata da bateria, escutando o ruido monotono das ondas que batiam contra as muralhas, e sentindo nas paredes esverdeadas da prisão o verter das humidades que se filtravam, e produziam camadas espessas de bolôr.

Imagine-se o soffrimento do moço official, quando atraz d'elle ouviu cerrar-se o portão, e as chaves pezadas traquinarem umas contra as outras nas mãos do chaveiro.

Introduzido na estreita cella que lhe servia de prisão no subterraneo da fortaleza, correram-lhe os ferrolhos da porta, e um silencio profundo, apenas interrompido pelo gemer surdo do oceano, ficou reinando n'aquellas prisões e n'aquelles corredores abobadados.

O desgraçado moço logo que se viu só, encerrado vivo n'uma sepultura, sentiu mão de ferro esmagar-lhe o coração. Puchava os cabellos, rasgava o facto, fazia emfim quanto um homem desesperado até á loucura é capaz de fazer.

Noite eterna, noite infinita de angustias foi aquella. Abandonado de toda a gente; isto é, sem pae, sem mãe, sem a mulher amada, e por cima de tudo, sem a liberdade!

Jeronymo não dormiu toda a noite, apezar de lhe terem preparado uma tarimba no carcere.

No dia seguinte veiu o governador vel-o e fazer-lhe perguntas, a que o mancebo não respondeu.

Pelo crime de Jeronymo muitos presos havia, não só em S. Julião da Barra, mas em outras fortalezas do reino.

Quando D. José morreu e o marquez de Pombal foi demittido, é que, mandando-se abrir as prisões, se viu o numero de individuos que alli envelheceram, ou se soube dos que pereceram em longo captiveiro, por crimes quasi desconhecidos. É este despotismo atroz do marquez de Pombal que macula a sua memoria; aliás tão gloriosa pelos assignalados feitos da sua administração, pelas manifestações soberbas que deixou do seu talento de estadista e de reformador audaz.

Partilhando, pois, a sorte de tantas outras infelizes victimas, ficou Jeronymo em S. Julião,

sem mais saber do que se passava fóra da sua sepultura.

Acompanhava-se com os seus pensamentos, com a saudade de Margarida, com a lembrança daquella mulher primeira que no seu coração conseguira produzir uma impressão agradavel.

Esta mulher, como nos parece havermos dito, era D. Thereza Violante Eva Judith de Daun, filha do marquez de Pombal, e casada desde 27 de fevereiro de 1759 com Antonio de Sampaio Mello Castro Moniz e Torres.

Sebastião José de Carvalho soube escolher os casamentos para os filhos, e este é um dos exemplos de semelhante escolha. Antonio de Sampaio era gentil homem da camara do infante D. Pedro, coronel de infanteria, senhor das villas de Villa Flôr, Villas Boas, Mós, Frechel, Cachins, S. Paio, Bemposta e Parada de Pinhão, alcaide mór de Moncorvo, fronteiro mór de Freixo de Espada á Cinta, senhor dos direitos reaes nas ditas villas e dos da terra de Bragança, segundo as informações de fr. Claudio da Conceição.

Por occasião do casamento recebeu Antonio de Sampaio o titulo de conde de Sampaio.

Este consorcio foi feito «com muito lusimento e magnificencia,» na phrase do arrabido.

No meio dos variados e importantissimos negocios de estado que o preoccupavam, Sebastião José de Carvalho não se esquecia dos negocios de familia.

Os casamentos de seus filhos Henrique e José Francisco foram impostos ás familias das noivas. A esposa do primeiro era filha de D. José de Menezes e da condessa de Raspack; a do segundo de D. Vicente Roque de Sousa Coutinho Monteiro Paim. Ambas as noivas foram violentadas ao casamento, e da ultima se conta que resistiu sempre, mesmo depois de casada, a ponto de que o matrimonio foi annullado.

A actividade do ministro chegava para tudo; porque ainda a par dos negocios domesticos e das altas questões da administração e da politica interna, o seu espirito se preoccupava com os acontecimentos lá de fóra.

Não contente com as providencias que tomára contra os jesuitas, afim de os expulsar do paiz, proseguiu nos esforços diplomaticos com o mesmo ardor para acabar com a companhia em todo o mundo.

Do territorio da monarchia tinham os jesuitas sido expulsos, e os rigores empregados contra os individuos suspeitos de estarem em relações com elles tiravam toda a vontade de os trazer novamente ao paiz. Mas não bastava isto aos intentos do marquez de Pombal. As suas vistas eram mais largas, e como era homem de uma tenacidade indomavel, não descançou um instante para poder chegar aos seus fins.

Desde setembro de 1759, em que foi publi-

cada a lei que declarou os seculares de Jesus «corrompidos, deploravelmente alienados do seu santo instituto e manifestamente indispostos com tantos, tão abominaveis, tão inveterados e tão incorrigiveis vicios para voltarem á observancia delle;» desde a publicação dessa lei, dizemos, até 21 de julho de 1773, data do breve de Clemente 14.º que aboliu a companhia, decorreram perto de quatorze annos. Pois tanto foi o tempo que, sem desanimar, nem recuar um passo, o marquez de Pombal empregou, com insistencia rara, em minar a ruina da companhia, em sollicitar allianças contra ella, e em conseguir em fim do Santo Padre o notavel breve que a extinguiu, depois de a accusar de innumeros delictos.

No capitulo seguinte veremos como o ministro chegou a tal resultado.

XX

A abolição da companhia

Expulsos de Portugal os regulares de Jesus, pela lei de 3 de setembro de 1759, em cujo preambulo, além das palavras que já indicámos no capitulo antecedente, se escreveram graves accusações contra elles, mandou el-rei, por alvará da mesma data, colligir todos os documentos e mais papeis relativos a este negocio da companhia, e guardal-os n'um cofre de tres chaves, na torre do Tombo, com penas graves para quem os desencaminhasse ou alterasse, afim de que, dizia o alvará, «sempre se conservem para perpetua memoria os referidos exemplares authenticos.»

Por carta regia de 6 do mesmo mez, ordenou el-rei ao patriarcha de Lisboa e mais prelados do reino, que inventariassem as alfayas e objectos sagrados pertencentes ás igrejas dos jesuitas,

em quanto não tinham applicação definitiva; e em 5 de outubro publicou o patriarcha Saldanha uma pastoral, que foi affixada em muitos sitios da cidade, em que exhortava todos os seculares e ecclesiasticos a não terem communicação alguma com os jesuitas desnaturalisados, nem verbal, nem por escripto, para que se não perturbasse outra vez a paz e o socego publico.

As casas que a companhia occupava em Lisboa tiveram depois os seguintes destinos. A de Santo Antão passou a ser o hospital de S. José; a de S. Roque recolhimento de orfãs, e é hoje a santa casa da Misericordia; na da Cotovia estabeleceu-se o Collegio dos nobres; a de Arroios passou a ser mosteiro de freiras.

Nas provincias tiveram tambem os collegios da companhia applicações diversas.

Este facto da expulsão, que fôra precedido de exemplos iguaes em alguns estados e seguido por outros, como a França e a Hespanha, causou em Roma grande sensação, e deu origem a notas e negociações entre Portugal e a Curia, que pozeram em risco de rompimento as boas relações das duas côrtes. Esse rompimento veiu afinal, a pretexto de não haver o nuncio em Lisboa illuminado o seu palacio na noite do casamento da princeza real.

Procurou então o conde de Oeiras o appoio da França e da Hespanha na questão dos jesuitas,

para em commum sollicitarem de Clemente 13.º a abolição da ordem. Aos tres paizes juntou-se tambem o reino das Duas Sicilias, e nos fins de 1768 foi apresentada ao papa a reclamação por parte d'aquelles governos, pedindo a extincção da companhia.

O effeito que esta exigencia produziu em Clemente 13.º foi tal, que poucos dias depois morreu.

Succedeu-lhe na cadeira de S. Pedro o cardeal Ganganelli.

A agitação contra os jesuitas continuou depois de eleito o novo pontifice.

A França e Portugal apresentaram memorias ao papa exigindo a abolição immediata da ordem. A Hespanha instou poderosamente, e Napoles e Parma manifestaram desejos no mesmo sentido.

Clemente 14.º conseguiu entreter por algum tempo a espectativa das nações, apertado como estava por tantas influencias contrarias.

Se por um lado os embaixadores estrangeiros em Roma instavam constantemente pela abolição da ordem, os jesuitas, que ainda dispunham de grandes influencias na Curia, não abandonavam á revelia a sua causa. Lourenço Ricci, cardeal e geral da companhia, não hesitava diante de nenhum sacrificio para sustentar a lucta e poder evitar o desastre eminente sobre a sociedade. Atravessava as ruas de Roma, entrava em casa

dos cardeaes, subia as escadas do Quirinal, e por uma parte e outra ía advogando, com um calor e zelo inexcediveis, a causa da ordem. Pedia, supplicava, implorava até com as lagrimas nos olhos a salvação da companhia.

Diante d'estes esforços, tão contrarios uns aos outros, Clemente 14.º hesitava, e hesitou ainda por largo tempo. Mas a abolição era infallivel, por que as reclamações por parte de Hespanha, França e Portugal redobravam cada vez com mais ardor. O papa já tinha esgotado todos os pretextos de addiamento, e por tanto em 21 de julho de 1773 foi publicado o extenso breve, que principia *Dominus ac Redemptor Noster*, assignado pelo cardeal Nigroni, no qual foi decretada a abolição da companhia em todo o orbe catholico.

Tendo sido Clemente 14.º eleito papa em 19 de maio de 1769 e coroado a 4 de junho seguinte, só quatro annos depois publicou o alludido breve, apesar das instancias repetidas dos soberanos provirem ainda do tempo de Clemente 13.º, e terem sido apresentadas ao seu successor logo depois da sua elevação ao pontificado.

Esta demora pretende o papa justifical-a no proprio breve da extincção, com a necessidade de estudar as queixas suscitadas contra os jesuitas, e examinar se no concilio de Trento a companhia fora approvada e confirmada com solemnidade especial, como muita gente assegurava.

O breve, que se compõe de quarenta e um paragraphos, principia por estabelecer o direito que assiste aos pontifices de arrazar, destruir, desfazer, plantar ou edificar, no que respeita á igreja e á religião. Depois enumera exemplos de suppressão de ordens religiosas, como a dos templarios, abolida por Clemente 5.º; a ordem regular dos humilhados, por Pio 5.º; a congregação dos frades conventuaes reformados, e a de Santo Ambrozio e S. Barnabé do Monte, por Urbano 8.º; a dos pobres da Madre de Deus das escólas pias, a de S. Basilio dos Armenios, a dos clerigos regulares do Bom Jesus, e as dos conegos de S. Jorge d'Alga, dos frades Jeronymos de Fiesole, e dos Jesuatos, por Innocencio 10.º

Historiando depois a instituição da companhia, as concessões e os privilegios que lhe foram dados por diversos papas, indica o breve os motivos de queixa que em diversas épocas houve contra os jesuitas, a ponto de já o papa Xisto 5.º ter nomeado um visitador apostolico e uma junta de cardeaes para examinar taes queixas; o que não se poude porém concluir, por haver sido surprehendido o pontifice por uma morte inesperada e extemporanea. Com estas palavras insinúa Clemente 14.º a suspeita, que ainda hoje dura, de que a morte de Xisto 5.º foi promovida pelos jesuitas, com o fim de impedirem que elle levasse a cabo os seus projectos.

Recorda depois o breve todas as providencias tomadas por diversos pontifices contra a companhia, até ás lettras apostolicas de Clemente 13.º, favoraveis aos jesuitas, as quaes, todavia, o breve diz terem sido mais extorquidas, que impetradas, *extortis potius quam impetratis.*

E terminando por julgar imcompativel a existencia da companhia com a paz da igreja e socego dos estados, extingue-a e supprime-a, acabando com todos os seus cargos e officios, fechando os collegios onde quer que existam, abrogando todos os estatutos e constituições que lhe respeitem, quer tenham ou não confirmação apostolica.

O breve providenceia ainda sobre o destino que devem ter os membros da ordem, aos quaes permitte o exercicio do ministerio ecclesiastico secular, com sujeição ao ordinario, e consentindo aos já avançados em idade o viverem reunidos n'algum dos collegios, mas sem observancia das suas regras, nem administração dos bens, e usando esses taes o traje dos clerigos seculares.

Pouco sobreviveu o pontifice a este acto de energia.

Ainda mal acabava de firmar o breve com o annel do pescador, e já appareciam ás portas do Quirinal, e nos principaes edificios de Roma, pasquins prophetisando a sua morte.

Certo é, que pouco depois da publicação do

breve, Clemente 14.º, até então cheio de saude, principiou a soffrer uma enfermidade de entranha, que o consumiu lentamente. Soffria dôres horriveis no estomago, o rosto ia-se tornando livido, os olhos encovavam-se, perdia as forças de dia a dia, e n'esta comsumpção lenta se lhe foi apagando a vida.

No dia 22 de setembro de 1774, quatorze mezes exactos depois da publicação do breve, o pontifice expirou.

N'esta lucta entre a companhia e os que a combatiam, figurou bastante um personagem que o leitor encontrou no decurso d'esta historia. Referimo-nos ao padre Meridanti, ou antes ao proposito geral da companhia, Lourenço Ricci.

Apaixonado pela ordem, que o investira na suprema auctoridade, Lourenço Ricci empregou, como dissémos, os esforços que humanamente se pódem empregar para evitar a ruina da companhia. Quando se fallou em reformar a instituição a sua resistencia foi já notavel, a ponto de se lhe attribuir o dito *sint ut sunt, aut non sint*, que outros dizem ser de Clemente 13.º

Esta resistencia continuou logo que o breve foi publicado. O cumprimento das suas disposições pedia necessariamente medidas violentas, que foram executadas por diversos commissarios apostolicos, acompanhados de esbirros e auxiliados pela força armada.

O geral negou-se a responder a todas as perguntas, e offereceu grandes difficuldades á execução do decreto pontificio.

Clemente 14.º viu-se pois obrigado a encerrar Lourenço Ricci no castello de Santo Angelo, para interceptar as relações entre o chefe e os subordinados. E no carcere morreu o desgraçado geral, cheio de amarguras, dois annos depois da extincção da companhia, que elle tanto amara, que servira com tão extraordinario zelo nas horas angustiosas da decadencia e da ruina.

Duzentos annos fôra o geral da companhia de Jesus um potentado. Junto do pontifice, exercêra a sua influencia nos mais altos negocios da Santa Sé. General de uma grande milicia espalhada no mundo, ao serviço do pontificado, conseguira obter uma preponderancia enorme no espirito dos papas, que encontravam na companhia um sustentaculo poderoso da igreja.

Pois em 1773 o ultimo successor d'esses potentados era encerrado no castello de Santo Angelo como prisioneiro de estado, por ordem de um pontifice, e na propria cidade que fôra a séde do grande poder da companhia!

Assim acabou o lustre d'essa notavel sociedade, que tanto interesse inspirou á historia, e representou na christandade tão importantissimo papel.

Ao expirar, ainda sobre ella pezaram as sus-

peitas de um crime. O fallecimento inesperado de Clemente 14.°, quasi immediato á publicação do breve, e os symptomas que a sua mortal e mysteriosa enfermidade apresentou, atiraram para a historia com a suspeita de que o pontifice perecera envenenado pelos jesuitas, recebendo assim a punição de haver attentado contra aquella soberana ordem.

E um crime de mais ou de menos por que ella responde no tribunal da posteridade.

XXI

Novas tramas

A abolição da companhia não foi, porém, a extincção dos jesuitas.

É verdade que os collegios se fecharam e acabou a vida conventual; mas os jesuitas não desappareceram da superficie da terra. O exterminio da companhia não evitou que os seus membros continuassem a tramar occultamente sob o pontificado de Pio 6.º, successor de Clemente 14.º

E nós vamos vêr pelos acontecimentos d'este capitulo, que a terrivel sociedade, apesar de extincta, não deixava de intervir em planos odiosos.

O padre Vicente continuava a residir em Belem. Depois do crime que praticara, do qual João

Telles fôra victima, o frade entregou-se a uma vida muito recolhida. O golpe da expulsão da ordem abatera-o; mas a abolição pelo breve pontificio é que o prostrou completamente. Não contava o jesuita que se podesse realisar tão tremendo attentado, e que elle partisse da Santa Sé.

Todavia os seus rancores redobravam.

Em Portugal attribuia-se a aniquilação da ordem ás influencias do marquez de Pombal. Além d'isso a cidade manifestára regosijo official pondo luminarias e mandando o governo cantar *Te-Deum* em quasi todas as igrejas, quando chegou a noticia da abolição. Tudo indicava que o ministro de D. José concorrera poderosamente para aquelle desenlace da lucta travada contra a sociedade de Jesus.

Na conhecida casa do jesuita estavam reunidos, pelo fim da primavera de 1755, além do padre Vicente mais cinco frades, convertidos em clerigos seculares, segundo lhes era permitido no breve da extincção, e um homem de trajes modestos, como de artifice, ou operario.

Este homem era um genovez, havia pouco chegado a Lisboa, e que viera recommendado ao padre Vicente por alguns jesuitas de Italia, como individuo de prestimo decidido para qualquer empreza que se lhe commettesse.

Fallavam os frades em voz baixa, como que receando serem ouvidos. O padre Vicente era de

todos os circumstantes o que mostrava mais calor e enthusiasmo no que dizia:

—Mas então as bombas ficarão promptas e a explosão será certa?

—Evidentemente, respondeu o génovez. Já tenho em casa o barril e a polvora; as chaves tambem estão promptas.

—Parece-lhe negocio seguro? perguntou um dos circumstantes.

—Infallivel! tornou o genovez.

—Bravo! exclamou o padre Vicente erguendo-se e levantando as mãos em signal de enthusiasmo.

—Até que emfim!... murmurou um dos jesuitas.

—E o murrão durará o tempo necessario para que a cousa se faça na devida occasião? perguntou o padre Vicente baixinho ao ouvido do italiano.

—Póde durar mais de quinze horas.

—Bem! muito bem! É preciso fazer tudo com cautella, de modo que entremos na cocheira sem sermos presentidos.

—Á noite faremos as ultimas combinações, atalhou um dos presentes. Depois... mãos á obra, e Deus hade ajudar-nos.

—Amen! redarguiu o padre Vicente.

O italiano tirou da algibeira um papel, que abriu sobre a meza. Todos se debruçaram para o vêr.

—Aqui está o modelo exacto, disse elle. O barril adapta-se perfeitamente; foram tiradas as medidas á caixa para não haver differenças...

—Excellente! retrucou o velho jesuita, esfregando as mãos.

—De modo que o resultado não póde offerecer a menor duvida?... perguntou um dos frades.

—Nenhuma, segundo creio. O murrão arderá lentamente, e quando chegar ao fim irá inflammar a polvora, produzindo logo a explosão, que deve ser tremenda, e despedeçará tudo que estiver proximo.

Os olhos do padre Vicente luziam de alegria em quanto o genovez fallava. O malvado saboreava de antemão os prazeres do monstruoso plano que se estava preparando.

—Não te falta nada? perguntou elle ao italiano. Precisas dinheiro?

—Nada preciso já. Tudo está prompto, é só designar o dia.

—Bem! muito bem! Agora é necessaria a maior discrição. Cuidado, por que a tua cabeça está em risco, e então vê como fazes a cousa, que ninguem a presinta!

—Fique descançado. A companhia sabe como eu guardo segredos. Peça informações a qualquer dos assistentes que foram do reverendo geral...

—Não é preciso. Creio em ti, e na tua dedicação pela causa de Deus e da ordem. Entretanto

jura por aquelle Christo crucificado, redemptor nosso, que a tua bocca será muda, que os teus olhos serão cegos, e que nada viste nem poderás repetir de que entre nós se passa.

—Juro.

—Se a tentativa falhasse, outros virão depois de ti, e é preciso ter força para arrostar o martyrio, quando se conta com a recompensa de Deus.

O genovez recolheu o papel que tinha estendido sobre a meza, e fez signal de que ia sair. O padre Vicente foi adiante cautelosamente, abriu a porta e observou quem passava pela rua. Certificando-se de que ninguem o via, fez um aceno ao italiano, o qual avançou e saiu. O padre fechou a porta immediatamente.

Voltou o jesuita ao seio dos seus companheiros, em quanto o genovez ia caminho de casa, que era em Lisboa, no largo do Corpo Santo.

Na habitação do italiano havia uma especie de officina de pintura. Alguns quadros na parede, tintas, palhetas e pinceis sobre a meza, um cavallete a um canto da casa, dois cachimbos e algumas cadeiras usadas.

N'um quarto interior, onde o genovez entrou, estava um barril novo, cintado de fortes aros de ferro. A um canto da casa jaziam algumas braças de murrão, enrolado em fórma de novello. Ao pé uma lata cheia de furos, algumas ferramentas,

arame, tubos de metal, moldes de chaves, em cera e papel. N'outro canto trez bombas grandes e alguns cartuchos de polvora, uns cheios, outros vasios.

O genovez examinou o barril com muita attenção, voltando-o com cuidado, como que receando que pelo suspiro saisse o que no barril se continha.

Á noite o italiano saiu e deu a andar pela rua do Corpo Santo. Parou algum tempo no caes do Sodré, e voltou pela mesma rua até ao largo de onde saira.

Dois homens embuçados despontaram do lado da Ribeira das Naus; o italiano deu a andar para ir ao encontro d'elles.

Os embuçados reconheceram-no e encaminharam-se para a margem do rio. O genovez seguiu-os.

A noite estava escura, por tanto o encontro fazia-se sem reparo. Um vulto de homem parecia, porém, espiar os movimentos do genovez, conservando-se a alguma distancia.

Quando os embuçados se dirigiram para a praia e o italiano seguiu após elles, o vulto coseu-se com a parede e foi a passos lentos collocar-se no vão de uma porta, a observar o que os homens faziam.

—Póde ser ámanhã? perguntou um dos embuçados em voz baixa.

— Está tudo prompto; é marcar a hora, respondeu o genovez.

— Ámanhã, por volta da meia noite, estaremos aqui. Depois, iremos onde é preciso.

— Está dito. Quando der a meia noite na igreja de S. Paulo achar-me-hei prompto.

— Depois de ámanhã principia a festa, redarguiu um dos embuçados, e o homem hade sair...

— Excellente!

— Agora... silencio! Se alguma cousa respirar...

E o embuçado disse estas palavras em tom de ameaça.

— Nem que me enforquem! atalhou o genovez com voz firme.

— Bem! Até ámanhã.

E os embuçados seguiram o seu caminho, emquanto o italiano retrodeceu para o Corpo Santo e entrou em casa.

O vulto, que se achava cosido com a porta, seguiu de longe o genovez, viu-o entrar para a escada, e pouco depois entrou elle tambem, procurando cautelosamente não fazer ruido com os passos quando subia os degraus.

XXII

A freira

Precísamos dizer alguma cousa de dois personagens d'este romance, que deixámos affastados em situação bem triste. Um é Luiza, outro Jeronymo.

O official cantinuava preso nas casamatas da torre de S. Julião. Quasi que se esqueceram d'elle. Não admira. Estava enterrado vivo n'uma verdadeira sepultura. Quando alguem acertava de cair n'aquellas covas, por lá ficava penando o resto de seus dias. Desde a conjuração de 1758, jaziam no forte da Junqueira os desgraçados marquezes de Alorna e de Gouvêa, apezar de innocentes da culpa de que os accusavam. E não eram apenas estes miseros fidalgos que soffriam as torturas de um longo captiveiro; não. As prisões de estado estavam cheias de presos. Foi um

dos elementos do governo do marquez de Pombal a prisão de estado. Verdade é que elle viveu rodeado de inimigos e conspiradores; mas tambem é verdade que as ordens de prisão se passavam arbitrariamente, por uma simples suspeita, e até por vingança ou odio. Foi um despotismo ferreo, dourado pelas prosperidades e grandezas a que aquella administração levantou o reino.

Não havia pois alteração alguma na vida de Jeronymo. Sempre a mesma noite angustiosa e triste, na solitaria masmorra onde o haviam lançado.

Agora de Luiza que diremos? Como supportaria ella o golpe tremendo da perda do homem que tanto amava, a quem accabára de dar a mão de esposa?

Quando acordou do desmaio e recebeu a certeza da morte de João, a infeliz teve um accesso de loucura. Rasgou o vestido que lhe cobria o seio, e arrancou o collar de brilhantes que lhe ornava o colo. De que lhe serviram a ella esses adornos? A sua corôa era de goivos nascidos ao pé de uma sepultura.

Pobre pomba viuva! Aquelles bellos olhos estavam destinados a apagar o brilho em ondas de lagrimas!

A desgraçada consorte cobria de beijos o cadaver do estremecido esposo. Os seus labios frescos e ardentes precorriam sofregos os labios frios,

as faces lividas, os olhos cerrados, a fronte gelada do defuncto. Os que presenciavam aquella scena de dôr, não podiam tambem conter as lagrimas.

Pois se Luiza amára tanto o seu João! Pois se aquelle sentimento profundo e terno, que o mancebo soubera acordar na alma da gentil rapariga, não se parecia nada com essas falsas impressões da nossa época, que nascem entre os delirios de um baile, para esmorecerem quando as luzes se estinguem nos candelabros e os primeiros clarões da aurora douram os embaciados vidros das janellas!

Luiza amava João com o sentimento apaixonado dos grandes corações e das almas enthusiasticas. Esse amor resistira ao tempo e ás contrariedades. Sem os arrebatamentos que seduzem algumas imaginações, estragadas pelos romances, dominadas por falsos enthusiasmos, amava com aquelle doce amor que não gera as tempestades, e que nos conserva sempre no centro de uma athmosphera serena e cheia de profumes.

São estes os affectos que duram. Na nossa época costuma apparecer frequentemente uma cousa a que chamam paixão, e que é apenas a exaltação produzida por um falso ideal que a realidade facilmente abate. Impressões de pensamento, e não de coração! Phantasias que se geram, no meio desta sêde de sensações que devora a geração mo-

derna, mas que de um momento para outro se desfazem, como as visões de um sonho!

Estas chamadas paixões, ordinariamente despoticas, irreflectidas, que por vezes arrastam as mulheres aos ultimos abysmos, têem quasi sempre contra si a curta duração. O incendio lavra rapidamente, e depois fica tudo apagado, frio. A transicção faz-se tão rapida, que as desgraçadas victimas d'ella julgam dar uma queda immensa; e dão-na effectivamente. Tombam do ceu a que as arrojara a imaginação nas suas azas de fogo, e cáem nas profundezas da terra, onde crescem as ortigas, os cardos, as plantas asperas e silvestres.

O amor de Luiza e João não era, porém, assim. No principio vivêra de mutuas delicadezas. Depois, quando as contrariedades vieram, resignou-se e viveu de lagrimas e de recordações. A providencia lembrou-se um dia dos dois amantes e mostrou-lhes a possibilidade de entrarem no paraizo. Não os desvairou a felicidade; amaram-se com ternura excessiva, com dedicação inexcedivel. Quando acabavam de pedir á igreja o laço que os prendesse para sempre, surge-lhes esta grande desgraça!

Que havia de fazer Luiza na triste situação em que ficára?

Tomou uma resolução energica, que a levantou ainda mais no conceito dos que a conheciam.

Fez venda de todos os seus bens, incluindo joias e vestidos. Do producto d'essa venda, que foi importante, tirou o patrimonio necessario para entrar n'um convento de religiosas, e o resto dividiu-o por varios mosteiros necessitados, misericordias, hospitaes, e familias pobres.

Era verdadeiramente heroico o desapego com que ella se apartava das suas joias e enfeites!

Concluida a partilha dos bens, entrou Luiza no mosteiro de Santa Martha, de religiosas franciscanas, onde tomou um anno depois o veu de freira professa.

Os que sabiam do motivo que levára a infeliz Luiza áquelle sacrificio lamentavam-na muito. Moça, formosa, rica, com todos os elementos para encontrar o caminho da vida semeado de flores, vinha pedir ao claustro a consolação que não podia encontrar n'outra parte.

Com a imagem do seu querido João sempre presente na memoria, passava a infeliz os dias no seu convento, ora rezando, ora penitenciando.

O rosto macerado conservava ainda formosos vestigios da sua belleza. As opulentas tranças haviam caido aos golpes da thesoura, e em roda da fronte, que ellas antigamente ornavam, estava agora a toalha branca. Mas aquella figura, que atravessava os corredores do claustro, como se fôra a propria imagem da melancolia, tinha ainda um encanto de formosura e de elegancia, que

nem o pallor mortal e a magreza das faces extinguiram, nem o habito direito e amplo podia esconder.

João desapparecera na sua sepultura; mas Luiza, fiel áquelle santo amor, ás promessas que havia feito, quiz tambem procurar uma sepultura para si, em quanto Deus a não chamava a melhor vida. Encontrou-a alli, entre as paredes de pedra d'aquelle grande tumulo.

Como esta, tantas outras desgraçadas passavam sobre a lage dos claustros, com o coração retalhado e a alma angustiada.

Mysteriosa historia a d'esses conventos de monjas, que entregavam o corpo á clausura deixando a alma a pedaços pelo mundo!

Mas Deus, que é a suprema e infinita misericordia, acceitaria, como resgate dos mundanos pensamentos, aquellas lagrimas que enchiam o calix de amargura das miseras penitentes!

XXIII

O sol no occaso

Celebrou-se em Lisboa, neste anno de 1775, a solemnidade da inauguração da estatua equestre de el-rei D. José. Mas logo depois dos grandes jubilos que a cidade presenciou, um supplicio atroz veiu servir de contraste a tão estrondosas festas.

Assistimos no capitulo 21.º aos preparativos de um enredo tenebroso, do qual não conhecemos ainda os intuitos.

Era um plano de assassinato contra o marquez de Pombal, por meio da explosão de um barril de polvora, que devia ser collocado na caixa da carruagem em que o marquez saisse no primeiro dia das festas da inauguração.

O italiano, que apresentámos ao leitor no penultimo capitulo, chamava-se João Baptista Pelle.

O plano estava perfeitamente combinado. Haviam tirado os moldes á fechadura da cocheira do ministro, e mandado fazer chaves falsas. Na vespera dos festejos iriam alta noute á cocheira pôr o barril de polvora e as bombas na caixa da carruagem. Collocariam o murrão accêso, de modo que se fosse consumindo durante as horas que medeavam até á saida do marquez, e só transmitisse o fogo á polvora do barril quando a carruagem fosse em caminho, levando o ministro para o Terreiro do Paço.

Um visinho do genovez, que o espiava, e o vira em conversação com homens embuçados, deu parte á policia. Aconteceu tambem achar o denunciante na escada o fragmento de uma carta, por onde se conhecia que o genovez tinha cumplices, que lhe escreviam em linguagem enigmatica, mas de onde facilmente se suspeitava um plano de conspiração.

O italiano foi preso no dia immediato ao do encontro que presenciámos no capitulo 21.º A policia deu busca á casa e encontrou todos os objectos que já indicámos, e cartas que de todo revelaram a intenção criminosa do homem, mas pelas quaes não era possivel descobrir os cumplices.

Com um valor e constancia admiraveis, João Baptista Pelle recusou-se sempre a fazer revelações. Nem as ameaças da tortura, nem a presença

da morte infallivel, o obrigaram a nomear um cumplice qualquer. O padre Vicente e os seus companheiros ficaram por tanto isentos de toda a suspeita por parte das auctoridades.

O tribunal da inconfidencia comdemnou o reu a pena ultima, com circumstancias horrorosas. Não foi possivel no seguimento do processo descobrir os instigadores do crime, que hoje, porém, se sabe ter tido origem em maquinações jesuiticas.

No dia 11 de outubro de 1775 cumpriu-se a sentença no largo da Junqueira. O italiano foi conduzido ao logar do supplicio dentro de um carro e escoltado por cavallaria. Alli principiaram os carrascos por lhe cortar as mãos. Depois amarraram-no de pés e braços ás caudas de quatro cavallos, para que os animaes, partindo em direcção opposta, o estrangulassem.

Não cumpriram os cavallos o seu dever, e por tanto o desgraçado passou por tormentos horriveis. Rotas as carnes, os ossos desconjuntados, o genovez pedia misericordia e dava gritos atrozes. A final lembraram-se de o asphixiar, metendo-lhe um lenço na bocca e apertando-lhe a garganta. Foi assim que elle acabou a vida.

O cadaver foi depois reduzido a cinzas.

Escapou ainda d'esta vez o padre Vicente ao castigo que merecia. Em quanto o seu cumplice estava soffrendo este horrendo martyrio, o je-

suita conservava-se escondido n'um sotão da casa, receoso de que na occasião do supplicio o genovez fizesse alguma revelação e a policia viesse procural-o. Mas—feliz o frade como quasi todos os tratantes!—o desgraçado Pelle soffreu tudo sem soltar a minima palavra que podesse denunciar qualquer dos seus cumplices.

Depois d'esta terrivel execução pouco tempo ficou de poder ao marquez de Pombal.

Quinze mezes eram apenas passados quando a voz lugubre do canhão annunciou ao reino que fechara os olhos para o eterno somno o quinto rei da dymnastia brigantina.

Foi no dia 24 de fevereiro de 1777 que D. José falleceu, depois de uma doença prolongada.

O cardeal Saldanha, patriarcha de Lisboa, que vimos figurar no decurso d'esta historia, tinha tambem fallecido no dia de todos os santos do anno de 1776; isto é, quatro mezes antes de el-rei, de quem fôra dedicado e affectuoso servidor.

Quando o cadaver do monarcha foi conduzido á crypta de S. Vicente de Fóra, já o marquez de Pombal estava posto de parte. Dias depois instava elle pela demissão de todos os seus cargos, antes que lh'a dessem; e por decreto de 4 de março lhe foi acceite essa demissão.

Succedia no throno portuguez uma rainha devota, casada com o infante D. Pedro, cuja inimizade a Carvalho tivemos occasião de conhecer.

A acclamação de D. Maria 1.ª, que se effectuou com estrondosos festejos na praça do Commercio, no dia 13 de maio de 1777, encetou uma era de reacção, cujos resultados logo se manifestaram.

D. Maria tornou-se instrumento dos odios e vinganças dos nobres e dos frades.

Roma, que durante o precedente reinado recebera licções severas e se conservára submissa diante do grande ministro, levantava-se agora exigente e imperiosa.

O marquez de Pombal viu desenrolar contra si todos estes clamores. A rainha, prestando-se a saciar vinganças particulares na pessoa do ministro de seu pae, mandou instaurar processo contra elle, e arrancar a sua effigie do pedestal da estatua equestre de D. José 1.º

O tribunal decidiu em sessão de 3 de outubro de 1781, que as pessoas da familia Tavora executadas ou encarceradas eram innocentes dos crimes imputados. A rainha, em attenção á idade do marquez, limitou-se a desterral-o para a sua propriedade de Pombal, perdoando-lhe «os crimes de que era reu, e pelos quaes merecia exemplares castigos.»

D. Maria 1.ª residia no palacio de Queluz, habitação predilecta de seu marido.

N'uma das salas d'esse magnifico palacio, onde ainda no tempo de D. José o infante D. Pedro gostava de dar festas sumptuosas, estavam na

manhã de um dia de maio de 1777 os reaes esposos rodeados de varias pessoas da côrte. Entre estas achavam-se os condes de Obidos e de S. Lourenço, que haviam saido das prisões. Estavam igualmente um frade capucho e outro franciscano, que tambem não tinham escapado ás iras do ministro, e haviam reassumido a liberdade quando D. Maria mandou abrir os carceres.

—Vossa magestade, dizia o conde de S. Lourenço, não póde perdoar a Sebastião José de Carvalho. A nobreza portugueza pede uma satisfação solemne. Quantos fidalgos mandou elle matar? Quantos morreram nas masmorras? Que conta nos hade elle dar do conde da Ribeira e de Manoel de Sousa Calhariz?

—Em que estado se acha esse pobre marquez de Gouvêa? atalhou o marquez de Ponte de Lima, que se achava perto.

—E aquelle desgraçado conde de Obidos?! redarguiu o conde de S. Lourenço, designando o fidalgo.

—E o miserando bispo de Coimbra, encerrado tantos annos n'uma das mais immundas e horriveis prisões! exclamou o capucho.

—E o infeliz bispo do Grão Pará, morto no carcere! E o prior de Santa Izabel infamado e desautorado!... replicou o franciscano.

—Não póde ser! continuou o conde de S. Lou-

rença. Vossa magestade precisa dar um castigo severo a esse tyranno.

A rainha não respondia e fallava baixo com D. Pedro.

Assim ia a reacção dispondo o animo da rainha, e assegurando-se d'elle, para arrancar o iniquo decreto a que nos referimos, que desterrou o grande ministro, e o declarou reu de grandes crimes.

Estes homens que ateavam a justiça de D. Maria 1.ª contra o marquez de Pombal, representavam a nobreza e o clero, os dois mais fortes elementos de reacção de todos os tempos e de todos os paizes.

De mãos dadas, em permanente conspiração contra os progressos liberaes, atravessaram os seculos, soberbos da sua omnipotencia, ufanos dos seus previlegios.

Um homem appareceu, que pela supremacia exclusiva do talento conseguiu subir ao mais elevado grau do poder nas monarchias absolutas, depois do monarcha. Esse homem ousou arcar com essas duas influencias seculares, e iniciar, por meio de profundas alterações legislativas, reformas liberaes, adversas a taes influencias. Esse arrojo foi bastante para que a reacção qualificasse o ministro de criminoso e pedisse para elle todo o rigor do castigo.

A aristocracia erguia outra vez orgulhosa a

cabeça, e os padres reádquiriam a perdida influencia.

Esta restauração era logica e natural.

Governava uma mulher devota, que applicava as sommas achadas no Erario em edificar conventos de freiras, e salvava os costumes publicos prohibindo que mulheres representassem nos theatros!!

XXIV

Vence o amor materno

Abertas as prisões, Jeronymo saiu tambem de S. Julião.

Quem o visse, no fim de dez annos de reclusão, não o conheceria de certo. Saía com trinta e sete annos de idade, e tinha os cabellos quasi brancos. O semblante revelava as angustias do prolongado captiveiro. Dez annos para um prisioneiro representam bem um seculo!

A primeira pessoa que Jeronymo procurou foi o capitão Paes. Ainda vivia. Estava já bastante idoso, mas não lhe faltava agilidade e boa disposição physica.

O capitão ficou doido de alegria quando Jeronymo lhe appareceu. Hesitou em reconhecel-o no primeiro momento, mas depois abraçou-se a elle com grande effusão.

Do padre Vicente não sabia Jeronymo. Quiz procural-o, mas o capitão Paes dissuadiu-o desse projecto. Entretanto no coração do mancebo estava radicado um sentimento de respeito e de amor pelo frade, que ainda não conseguira arrancar delle. É o previlegio que têem as influencias ganhas pela educação, na idade em que as impressões se gravam profundamente no espirito. Os jesuitas sabem muito bem isto, e por essa razão attráem tanto as crianças, e com tanto zelo se dedicam á educação da mocidade. O espirito, n'esses primeiros annos da vida, está como que em embryão; é facil amoldal-o, dirigil-o no seu desenvolvimento á feição dos nossos desejos. Os jesuitas conseguem por blandicias e por influencias religiosas dar-lhe a forma que lhes convém, como quem amolda entre os dedos um pedaço de barro, que depois de secco fica com o feitio que se lhe deu.

Jeronymo estava sendo um exemplo desta verdade. Pequeno o tinham levado ao convento; as primeiras impressões transmittira-lh'as o padre Vicente e os seus companheiros de S. Roque. Os astutos padres tinham tal attração, que as crianças morriam por elles e affeiçoavam-se á sua companhia. Ainda hoje vemos como esses padres seduzem os espiritos infantis, e que influencia amoravel exercem no coração das mulheres, a ponto de que uns e outras, uma vez em contacto com tão santas creaturas, ficam logo presos e dominados

por um enthusiasmo que ninguem tem já forças para combater.

Jeronymo andava, pois, pensativo ácerca do que devia fazer. O capitão Paes percebia os desejos de Jeronymo, mas tinha o maior empenho em o afastar do padre, cujas boas qualidades conhecia.

O capitão foi conseguindo por algum tempo trazel-o dissuadido da idéa de procurar o jesuita. Um caso inesperado veiu ainda concorrer para que Jeronymo pensasse menos no padre Vicente.

D. Thereza vivia só. O filho Sebastião seguira a carreira da marinha de guerra e partira havia poucos dias n'uma nau para a India. A filha casára com Ribeiro, e estava residindo nas propriedades do marido, ao pé de Lagos, onde vivia feliz com o amor do consorte e de duas gordas e louras crianças, robustas e formosas, como são os filhos nascidos dos matrimonios de amor.

Vendo-se só, procurou D. Thereza convencer o irmão a apresentar-lhe Jeronymo. Já não tinha marido, e os filhos estavam ausentes; portanto podia afoitamente receber Jeronymo e apertal-o contra o coração, e cobril-o de beijos affectivos.

Houve lucta de algum tempo entre D. Thereza e o capitão; mas a resistencia deste foi-se abrandando aos rogos quotidianos da irmã.

Um dia Luiz Paes viu-se tão apertado que não teve remedio senão ceder. A desditosa mãe chorou de alegria quando obteve a victoria.

O capitão preveniu Jeronymo; primeiro com rodeios, depois entrando de assalto na questão.

Jeronymo recebeu com assombro a noticia. Já nem pensava em D. Thereza. Tinha promettido a si proprio não se lembrar mais della. Portanto a declaração de Luiz Paes causou-lhe um sobresalto violento. Havia, porém, no meio desta commoção uma certa alegria que não podia esconder. Tinha emfim mãe!

Jeronymo e o capitão marcharam para casa de D. Thereza. A idade e os soffrimentos já não permittiam á pobre mulher fazer excessos; mas logo que Jeronymo despontou no limiar da porta as forças de D. Thereza redobraram e correu a lançar-se-lhe nos braços.

A fadiga que este esforço lhe causou, a commoção, a alegria, tudo isto reunido produziram n'ella um choque violento que lhe fez perder os sentidos.

Jeronymo, conhecendo que a pobre mulher lhe desfallecia nos braços, levou-a até uma marqueza proxima, e poisou-a alli com cuidados de filho extremoso. Depois ajoelhou, e debruçando-se sobre a pallida fronte da mãe poisou n'ella, cheio de religioso respeito, um osculo fervoroso, que as lagrimas humedeceram.

O deliquio de D. Thereza passou depressa, e ao abrir os olhos viu Jeronymo de joelhos ao pé de si. Estendeu-lhe novamente os braços, e com-

primiu-o ao coração com uma ancia em que parecia empregar todas as suas forças. O pranto correu-lhe abundantissimo, e no meio d'estas lagrimas copiosas, e dos repetidos beijos que dava em Jeronymo, repetia com a voz balbuciante:

—Meu filho! meu rico filho!

Não se fallou no caso acontecido entre ambos quando Jeronymo a procurou na sua casa de Alfama. Nenhum quiz tocar n'esse passado, que já desapparecêra, e cujo mal se achava agora remediado. Sorriam para ambos dias de paz e de felicidade. Podiam vêr-se, amar-se sem que ninguem suspeitasse siquer dos laços que os prendiam. Ás lagrimas succederam por tanto os sorrisos, e o capitão Paes, que de um canto da casa observára toda a scena, e não podéra tambem conter as lagrimas, foi abraçado pela mãe e pelo filho como o amigo mais intimo e mais extremoso, a quem ambos deviam a felicidade de poder estar juntos.

Jeronymo continuou a viver em companhia de Luiz Paes; mas todos os dias ia a casa de D. Thereza e alli passava muitas horas conversando com ella, e recebendo os mil cuidados que só a mãe sabe dispensar, e cujo valor aprecia devéras quem uma vez os perde.

Uma cousa estranhava Jeronymo; e era que que D. Thereza guardasse o mais profundo silencio ácerca de seu pae. Ás vezes procurava elle

indirectamente chamar a conversação para esse ponto, mas era sempre debalde. D. Thereza não accudia ao chamamento, mudava de assumpto, e elle não se atrevia a insistir.

Fazia-o scismar este silencio. Mas respeitava-o, por que lhe parecia que algum motivo delicado tinha D. Thereza para lhe não fallar de seu pae.

Além d'isso comprehendia que o assumpto que tal conversação traria, não podia de modo nenhum ser agradavel a D. Thereza. Resignava-se, até que chegasse occasião propicia de entrar francamente n'elle, ou de provocar sua mãe a certas explicações, que sentia a necessidade de ouvir da bocca d'ella.

Assim passavam o tempo; D. Thereza cheia de satisfação, Jeronymo igualmenie satisfeito, mas moido de curiosidade, aliás naturalissima.

Estas alegrias eram apenas interrompidas de quando em quando pelos soffrimentos de D. Thereza, que se achava doente e idosa.

Mas esses mesmos soffrimentos encontravam consolação no carinho filial com que Jeronymo procurava alliviar-lh'os.

Cheio o coração d'estes novos affectos, ficou quasi esquecido o padre Vicente. Não o via, e ninguem lhe fallava d'elle. O encontro da mãe, prendia-lhe agora alli todos os cuidados. O jesuita já não morava na nossa conhecida casa de Belem, e Jeronymo não sabia a quem devia dirigir-se para saber noticias d'elle.

O padre, porém, não pensava do mesmo modo. Sabendo que D. Maria 1.ª mandára abrir as prisões, imaginou desde logo que Jeronymo devia ser solto. Esperou que elle viesse procural-o á sua nova residencia, que era na calçada de Sant'Anna; mas como o tempo se passasse sem novas algumas de Jeronymo, resolveu-se a dirigir-lhe uma carta para o regimento a que elle pertencia, na esperança de que por esse caminho lhe chegasse ás mãos.

Assim aconteceu. Um dia entregaram uma carta a Jeronymo. Pela letra do sobrescripto pareceu-lhe ser do padre Vicente. Abriu-a ancioso e procurou a assignatura.

Era effectivamente do jesuita.

XXV

Conferencias

Quando João Baptista Pelle, o genovez executado por tentativa de homicidio contra o marquez de Pombal, foi preso e a noticia chegou ao conhecimento do padre Vicente, o jesuita tratou de mudar de residencia, com receio de que o homem fizesse algumas revelações e a policia viesse por tanto procural-o.

De Belem saltou para a calçada de Sant'Anna. Com o mesmo pseudonimo de Angelo das Neves, alugou um terceiro andar n'aquella rua, e em quanto se não verificou a execução do italiano conservou-se recolhido no sotão da nova casa, sempre cheio de sustos.

A morte de D. José e a demissão do marquez de Pombal mudaram completamente a face das

cousas no paiz. O padre Vicente aproveitou esta mudança politica, para se apresentar desaffrontadamente na rua, e para reunir em roda de si os elementos dispersos da extincta companhia.

A reacção triumfante dava fundadas esperanças ao padre Vicente. O marquez de Pombal estava desterrado e já não influia, nem mesmo com o seu conselho, nos negocios do estado. Clemente 14.º, que tivera a ousadia de abolir a ordem, pagára com a vida o arrojado commettimento. Na cadeira do apostolo sentava-se agora Pio 6.º, com todas as velhas tradicções catholicas e pretendendo restaurar os elementos que a igreja tivera a seu serviço nos seculos mais prosperos do catholicismo.

Em Portugal renascia tembem a influencia do clero e da nobreza. A companhia de Jesus tivera, como se sabe, numerosos alliados no segundo estado; por tanto o padre Vicente nutria esperanças de uma restauração, e no meio dos seus projectos não faltavam planos de vingança e represalia.

Principiou o jesuita convocando a reuniões, na sua casa da calçada de Sant'Anna, os antigos membros da companhia que se achavam no reino, ou como clerigos seculares, ou disfarçados em simples cidadãos.

O jesuita tinha perto de sessenta annos, mas não lhe faltavam a energia e actividade dos qua-

renta. Desembaraçado da policia do marquez de Pombal, dirigiu cartas para Roma, afim de estabelecer relações dos associados de Lisboa, com os que se achavam juntos do cabeça visivel da igreja.

Cria o jesuita na possibilidade de reconstruir o edificio demolido por Clemente 14.º

As informações que responderam ás suas cartas não affrouxaram, antes fortaleceram aquellas esperanças. Alguns dos mais graduados jesuitas, que ainda existiam em Roma, annunciavam-lhe a boa disposição de Pio 6.º. O novo papa reconhecia os serviços que a melicia de Jesus prestára ao throno de S. Pedro, e os acontecimentos que se estavam preparando na Europa ainda mais lhe mostravam a necessidade d'esse poderoso appoio.

Voltaire estava sendo o homem do século, e o velho mundo catholico abalava-se ao violento impulso do grande philosofo de Ferney. Rousseau proclamava a sua nova doutrina social. Diderot e o barão d'Holbach ostentavam o seu scepticismo quasi atheu. No proprio seio do governo francez apparecera o ministro Turgot iniciando idéas novissimas, promovendo reformas liberaes e populares, e repellindo a protecção do estado a qualquer religião, como principio contrario á verdadeira liberdade.

Por outro lado a America do Norte empunhava

as armas e interessava em seu favor a velha Europa, communicando-lhe ao mesmo tempo a idéa democratica. Franklin atravessava o velho continente advogando cheio de enthusiasmo a causa dos seus compatriotas, que era a causa da emancipação e da democracia. Presentia-se, n'esta agitação dos espiritos, n'esta fermentação de idéas novas que a philosofia lançava no seio dos povos, o movimento revolucionario que devia rebentar em França poucos annos depois, e que tantas amarguras produziu a Pio 6.º

Ora é n'estas crises supremas que a reacção apparece mais desassombrada. Sempre que n'um paiz ha combate de idéas, ou que as sociedades se agitam, abaladas por quasquer perturbações politicas, surge a reacção, querendo explorar em seu proveito a turbação das relações sociaes.

O jesuitismo principiou por tanto a manifestar-se com mais desassombro. O successor de Clemente 14.º declarou-se ao serviço da idéa reaccionaria; os actos do seu governo não deixam a esse respeito a menor duvida. Quando o imperador d'Austria quiz ingerir-se nos negocios espirituaes, Pio 6.º foi pessoalmente a Vienna impedir o progresso d'esta rebellião imperial. Quando a revolução franceza rebentou, declarou-se o papa contra ella, e da posição que tomou lhe provieram bastantes humilhações, os amargores do exilio, e a perda da cidade eterna, tomada pelas armas francezas.

Encontrava, pois, o jesuitismo appoio na Santa Sé; e em Portugal tambem elle lhe não faltava na situação dominante.

Faremos melhor idéa dos trabalhos que os jesuitas ha trez annos preparavam, assistindo a uma d'essas reuniões da calçada de Sant'Anna, promovidas pelo padre Vicente, e onde costumavam comparecer os membros da extincta sociedade, que existiam em Lisboa.

Entre essa cohorte, que não era pequena, encontraremos alguns dos principaes—irmãos professos, difinidores, etc.

A casa do jesuita era estreita, mas os frades não deixavam por isso de se reunir em grande numero. Uma banca e cadeiras, de roda e pelo meio da sala, compunham toda a mobilia da casa. Allí eram discutidos os negocios publicos, todos os interesses da companhia abolida, tudo emfim que podia interessar á ordem.

O padre Vicente estava sentado junto da meza, coberto com um grande capote de camelão.

Isto passava-se no inverno de 1781, e o tempo ia proprio da estação. Atravez dos vidros das janellas via-se cair a chuva miuda e constante.

A um canto da sala havia uma brazeira; isto é, um alguidar cheio de cinza, e no meio d'ella alguns carvões accêsos.

Proximo das brazas um gato cinzento saboreava as delicias d'aquella temperatura elevada, es-

condendo o focinho entre as mãos e offerecendo o lombo á acção do fogo.

O frade tinha os pés mettidos n'um estojo de pelle de carneiro, e as mãos dentro de grossas luvas de lã verde. Na cabeça o indispensavel barretinho de seda preta. No nariz uns pezados oculos de prata.

Em frente d'elle havia alguns livros, e aberto diante dos olhos o dos sermões do padre Vieira, que, como se sabe, foi membro da companhia.

O padre lia com muita attenção, de modo que o silencio era grande. Apenas o pingar das goteiras sobre a lage da janella e o respirar do felino companheiro interrompiam este recolhimento do jesuita, que deliciava o espirito na leitura da castiça linguagem do notavel orador da companhia.

O padre abriu o capote e tirou do bolso dos calções um grande relogio de prata, d'estes que pareciam exigir um criado para os transportar.

—Onze horas! disse o jesuita. Não podem tardar.

Estendeu a mão para alguns papeis que estavam sobre a meza, pôl-os em ordem, e continuou a leitura, tendo primeiro lançado um olhar cuidadoso ao fogo e ao gato.

Alguns minutos depois bateram trez pancadas á porta da sala. O jesuita olhou por cima dos oculos e disse:

—Entre quem é.

A porta abriu-se e appareceu no limiar um padre, com o traje de clerigo secular.

—Bons dias, padre Vicente! exclamou o desconhecido entrando.

—Salve-o Deus, padre Mauricio.

—Ainda só?!

—Ainda só.

O recem-chegado arrastou uma cadeira para o pé da meza e sentou-se.

—Que novidades temos pela côrte, padre Mauricio?

—Tudo vae bem, ou antes cada vez melhor.

O padre Mauricio soltou um sorrisinho de satisfação, pondo ao mesmo tempo as duas mãos sobre o abdomen, cujas proporções eram bastante exageradas.

Este frade pertencera tambem á companhia de Jesus; seguira-a á Italia por occasião da expulsão, e por lá se conservou até á morte de D. José. Quando isto soube, voltou immediatamente a Portugal. Tinha a protecção do bispo de Thessalonica, confessor de D. Maria 1.ª, e por intervenção d'elle foi apresentado na côrte, tomando parte entre os capellães da capella real.

Ser padre era uma recommendação para D. Maria 1.ª. E isto não o dizemos nós; está escripto por testemunhas contemporaneas, de todo o credito. O ministro de Inglaterra n'essa época escrevia para o seu paiz: «O clero tem grandes

esperanças de voltar ao tempo do seu poderio. A rainha e o rei são muito devotos. A sua obediencia á sé apostolica não tem limites, assim como os não tem a sua submissão á jurisdicção do clero nas suas mais vastas pretensões.»

Por aqui se vê como ia a reacção.

O padre Mauricio achava-se, pois, muito satisfeito com o aspecto que as cousas iam tomando. Por isso o bom do homem deixava expandir a espherica barriga e cevava na ucharia real de Queluz a sensualidade dos seus apetites culinarios, transformando, pelos phenomenos naturaes da alimentação, as iguarias substanciosas em grossas rôscas de toucinho, que elle fartamente exhibia no cachaço e nas faces anediadas.

Depois de testemunhar ao padre Vicente a certeza que tinha de que os negocios na côrte corriam a seu contento, o frade tirou do bolso uma grande caixa de chifre, bateu na tampa trez pancadas com os nós dos dedos, abriu-a, e tomou com o polegar e o index uma grossa pitada de rapé, que sorveu com estrondo, em diversos tons.

—A rainha continúa os seus exercicios espirituaes com a mesma assidnidade? perguntou o padre Vicente.

—Sempre. El-rei tambem a acompanha, e alguns dias ha em que assistem trez vezes ao santo sacrificio da missa.

—E nós podemos contar com alliados sinceros?

—Como vossa reverencia sabe, tanto o marquez de Marialva, como o marquez de Angeja e o visconde de Ponte de Lima são inimigos figadaes do marquez de Pombal, e muito estimados por el-rei D. Pedro. Ora estes estão comnosco, e vossa reverencia sabe que o marquez de Angeja e o visconde, pela influencia dos seus cargos no governo do estado, podem auxiliar-nos muitissimo.

—Precisamos ganhar adhesões na nova situação. Que me diz ao visconde de Villa Nova de Cerveira?

—Digo que nos será facil obtel-o, por que, como vossa reverencia sabe, o pae foi prezo por Pombal, e ultimamente um alvará da senhora D. Maria 1.ª o declarou innocente. Temos agora dois partidos bem pronunciados; um é o do ministro caido, mas esse vai diminuindo de dia para dia. É o costume, como vossa reverencia sabe. Sol que se põe não aquece a gente. O marquez de Pombal está em desgraça, e muitos dos amigos, e até dos homens a quem elle fez mais favores, lhe voltam as costas. Além d'isso o marquez está muito adiantado em annos e cheio de enfermidades; pouco póde viver. Tudo isto são razões para que depressa se esqueçam d'elle. Ora o outro partido é o da nobreza, que se levanta agora senho-

ra da situação, e que allega os soffrimentos por que passou, as injurias e violencias de que foi victima. A essa tudo que fôr contrariar a politica do marquez de Pombal, e produzir-lhe humilhações, agrada-lhe. Sabem muito bem na côrte que Sebastião José de Carvalho nos teve odio mortal, e que a extincção da ordem foi um dos triumfos de que elle mais se gloriava; não seria pois mal aceita uma restauração.

—Pois eu lhe digo, padre Mauricio; as minhas informações são boas. O digno successor de Ganganelli tem dito mais de uma vez a alguns dos nossos irmãos que a falta da companhia está sendo muito sentida; que a sua existencia prestaria agora bom serviço á gloria de Deus e da igreja.

—Decerto. A instrucção da mocidade vae-se estragando de dia para dia. Em quanto a nossa ordem tinha a chave do ensino, sabia-se quaes os principios de boa moral que eram transmittidos aos rapazes. Andam além d'isso divulgados esses livros perniciosos, vindos lá de França, do Rousseau, e dos homens da encyclopedia, que prevertem o espirito de quem os lê.

—Deixe lá, padre Mauricio; isso faz-nos mais bem do que mal. Hão de conhecer a nossa falta, e então virão procurar-nos. Lá em França aquillo vai cada vez peor. Está eminente uma revolução, em que hão de cair o throno e o altar. A impie-

dade anda triumfante. Prégam-se e aceitam-se doutrinas que hão de sublevar o povo. Ora é isso que desejo vêr. Quando a revolução destruir tudo, demolir o throno, arrazar as igrejas, proclamar o atheismo, romper todos os laços sociaes, será então, padre Mauricio, que a força das circumstancias nos dará o triumfo. Os reis hão de pedir que os auxiliemos, que lhes ajudemos a sustentar a corôa na cabeça. Esses tolos dos dominicanos, com a sua inquisição, nunca poderam mais do que nós; toda a gente o sabe. Em quanto a ordem dos prégadores prendia e perseguia, e fazia fogueiras de carne humana, nós conquistavamos pela brandura e pelo ensino.

—Quando nos não falhavam tambem os resultados, atalhou o padre Mauricio. Vossa reverencia sabe que um d'esses philosofos damninhos, o Diderot, foi educado nos nossos collegios, em Langres e Paris, e o velhaco ahi está hoje fazendo guerra crúa á religião, á realeza, á ordem social emfim.

—Aberrações, padre Mauricio! Aberrações!

N'este momento bateram á porta trez pancadas compassadas. O padre Mauricio pôz as mãos nos joelhos, como procurando appoio para o grande esforço que precisava empregar quando se levantava. Erguendo-se emfim, foi direito á porta e abriu-a.

Entraram dois padres, ambos idosos, e foram

sentar-se proximo do padre Vicente, depois de o cortejarem.

—Que boas novidades nos trazem, irmãos? perguntou o padre Vicente, dirigindo-se aos recem chegados com rosto prazenteiro.

—Soube agora que o marquez de Pombal está gravemente enfermo, exclamou um d'elles. Fez-lhe grande sensação o decreto de sua magestade de 16 de agosto passado, mandando aos procuradores regios que usem dos meios que forem convenientes contra a casa do marquez. A meza do desembargo do Paço deu cumprimento a este decreto...

—Já o sabia, atalhou o padre Vicente. Sua magestade fez um acto de justiça, por que Sebastião de Carvalho defraudou a sua real fazenda para se enriquecer. Dê elle graças a Deus por sua magestade ser tão clemente, que lhe perdoou as penas corporaes que deviam ser-lhe impostas.

—Pois esta resolução da rainha fez tal commoção no antigo ministro, que se receia pela sua vida. O homem tem oitenta e trez annos, e n'esta idade, com os achaques de que soffre, não se recebem impunemente tão grandes golpes.

—Pequenos os acho eu, redarguiu o padre Vicente. Aquelle monstro devia ser esquartejado na praça do Rocio, no logar onde o nosso irmão Malagrida padeceu o martyrio.

O padre Vicente passou depois a lêr as cartas

que recebera de Roma e de França, nas quaes se revelavam boas esperanças de uma restauração da ordem, não para logo, mas para mais tarde.

As de França descreviam o estado de agitação latente em que se achava aquelle paiz. Cobria-se de anathemas a memoria de Rousseau e de Voltaire, mortos havia tres annos; e indicavam-se como reus de grandes delictos os seus discipulos e seguidores. Censurava-se asperamente o rei por ter aceitado as reformas de Turgot, e por haver mandado as tropas francezas em auxilio da insurreição americana, despertando por este modo entre ellas o enthusiasmo pelas idéas liberaes e democraticas. Confiava-se, porém, muito na rainha, que principiava a ingerir-se nos negocios de estado com grande proveito, diziam as cartas, da religião e da monarchia.

As cartas de Roma fallavam no projecto do papa, de ir a Vienna d'Austria. Queixavam-se do imperador José 2.°, que se intromettia nas cousas espirituaes, atacando assim a auctoridade da igreja, dos bispos e do pontifice.

Todas, porém, terminavam narrando os trabalhos feitos a favor de uma restauração, e apresentavam algumas esperanças de successo.

Mal o padre Vicente tinha acabado a leitura bateram novamente á porta. Um dos padres levantou-se, e foi abril-a. Appareceu no limiar um

criado, que transmittiu um recado ao jesuita. Este voltou para junto da meza, dizendo:

—Alguem o procura, padre Vicente.

—Não disse como se chama?!

—Não disse. É um official de cavallaria.

O jesuita perdeu completamente a côr. Ergueu-se, porém, apressado, e disse aos companheiros:

—Preciso retirar-me, padre Mauricio. Vosssa reverencias farão o que bem lhes approuver.

E saíu, fechando a porta sobre si.

XXVI

A posteridade julga

A reacção, como se vê, continuava triumfante, em quanto o ministro revolucionario se ia definhando no exilio.

Não pareça extraordinario este epitheto que damos ao marquez de Pombal, por que a analyse da legislação que elle promulgou, o exame dos principaes actos da sua administração, justificam perfeitamente o adjectivo.

O marquez acabava no desterro, cercado da ingratidão de todos, tendo apenas em roda de si, por unicas affeições, suas filhas e alguns parentes.

Assistia o eminente homem de estado, com o amargôr de quem vê esquecidos os seus serviços, ao triumfo dos homens e das idéas que tanto com-

batera em quanto teve nas mãos as redeas do governo.

Destruido pela enfermidade, consumido pelo desgosto, o marquez succumbiu poucos mezes depois dos successos do capitulo antecedente, aos 8 de maio de 1782. Tinha 83 annos de idade.

A posteridade formou, é certo, o seu juizo sobre este grande homem de estado. Ninguem duvida que elle governou despoticamente, sem hesitar diante de nenhuma violencia para obter os resultados que pretendia. Foi barbaro e cruel na administração da justiça, por que durante o seu ministerio Lisboa presenceou execuções sobre execuções. A espada inexoravel do castigo não caiu sómente sobre os accusados do crime de conspiração; muitos outros desgraçados morreram suppliciados por differentes culpas. A pena de morte foi applicada com um rigor que hoje produz indignação, até aos que não professam a doutrina da inviolabilidade da vida humana. Um juiz do crime do bairro Andaluz, que era ao mesmo tempo superintendente de decimas, morreu suppliciado no Rocio, por desfalque no rendimento dos impostos. Outros empregados e exactores da fazenda soffreram pena capital por delictos semelhantes. A justiça foi inexoravel, e os espectaculos de sangue repetiam-se.

A hecatombe de Belem deixou triste memoria na posteridade. O supplicio horroroso de João

Baptista Pelle, e o auto da fé do padre Malagrida, são uma larga mancha de sangue nas paginas aliás gloriosas da administração do marquez de Pombal.

As prisões encheram-se. Um cidadão desapparecia sem se saber mais d'elle. Ou o levava na horrenda garra a sanguinaria furia chamada inquisição, de que foi algum tempo chefe o irmão de Carvalho; ou a policia do intendente o conduzia de noite á lugubre masmorra.

A junta da inconfidencia, criada n'este reinado, tornou-se uma segunda inquisição na ordem dos tribunaes civis. Foi um instrumento ao serviço do ministro, que n'ella tomava parte com alguns dos seus collegas secretarios de estado. A alçada do Porto, não é menos medonha.

É inquestionavel que estes e outros factos da administração do marquez de Pombal deixaram vinculados ao seu nome os horrores de uma tyrannia feroz. Aos olhos da geração moderna parece .. ocissimo tudo que então se praticava. Na nossa época não poderiamos tolerar dois dias um ministro como elle, embora os serviços que prestasse ao estado fossem tão valiosos como os d'elle foram.

É, pois, perfeitamente natural e logico que o marquez de Pombal criasse muitos inimigos, levantasse muitas resistencias; e que na hora da sua queda, se erguessem, como phantasmas

saidos dos seus tumulos, esses desgraçados, victimas das suas prepotencias, e todos a unisono pedissem vingança.

É perfeitamente natural, repetimos, que elle governasse sem adhesões, sem a affeição do povo, e ameaçado por ciladas e traições, visto que fizera do governo um jugo ferreo e quasi insupportavel para os governados.

Mas nós, que vivemos já tão distanciados da influencia da sua vontade absoluta, e que precisamos avaliar o homem tambem pelos serviços que elle prestou aos progressos da sociedade, pelos direitos que tem á gratidão dos vindouros, não podemos deixar de prestar á sua memoria louvor e reconhecimento.

E porque? Por que elle iniciou progressos reaes na vida politica dos povos. Porque veiu representar no poder o principio liberal, a que meio século depois a humanidade devia prestar homenagem—o advento da intelligencia ás eminencias sociaes, até então patrimonio quasi exclusivo das classes privilegiadas. Por que elle emfim deixou na sua legislação civil consignados principios, que mais tarde a revolução liberal devia consagrar.

Foi o marquez de Pombal, que, prevenindo já então a vantagem da transmissão da propriedade e da allodialidade da terra, primeiro deu nm golpe nas instituições vinculares, abolindo os morgados de pequeno rendimento.

Foi tambem elle que deu o primeiro abalo áquella odiosa instituição do santo officio, que a revolução de 20 devia aniquilar.

As distincções de religião, que separavam profundamente os christãos novos dos christãos velhos, cairam ao impulso da sua mão, abrindo assim caminho franco á tolerancia religiosa.

Como prefacio ao santo principio da abolição da escravidão, que o seculo 19.º devia escrever nos seus annaes, decretou o marquez de Pombal livres todos os escravos que pizassem o reino.

Contra a supremacia da igreja, que estava exercendo uma acção perniciosa na vida civil do paiz, conteve os prelados nos limites necessarios para garantir os direitos do estado, e abater a soberba da curia romana.

Para emancipar o pensamento da influencia clerical, que o atrophiava, tirou ás auctoridades ecclesiasticas a censura, que mutilava as melhores producções do espirito humano.

No intuito de salvar as gerações da acção nociva que a educação fanatica produz nos espiritos, reformou a organisação dos estudos, tirando aos padres a direcção d'elles.

São, emfim, tantos os actos da administração do marquez de Pombal, que revelam as tendencias liberaes das suas idéas de governo—muito embora as fizesse servir por um despotismo de ferro, —que seria fastidioso enumeral-os todos.

Não podia de modo nenhum agradar ás classes influentes esta revolução pacifica que o marquez de Pombal ia fazendo nos costumes e nas instituições. A reacção veiu por tanto cheia de odios, de indignações. Encontrou a corôa a seu lado, prestando-se a todas as exigencias.

Mas ainda assim as leis do grande ministro não poderam ser alteradas, e ficaram como padrões da sua gloria, como documentos que recommendam o legislador á gratidão de todos os homens liberaes.

XXVII

O director espiritual

Os padecimentos de D. Thereza iam-se aggravando. Já não saía de casa. A sua companhia reduzia-se a Jeronymo, ao capitão Paes e ao padre confessor.

Os tempos prosperos d'aquella familia tinham passado. O chefe morto, o filho ausente, casada a filha, a viuva enferma; ficára a casa solitaria e triste! E a sociedade costuma fugir dos logares onde não encontra diversões e folganças.

N'outro tempo D. Thereza via as suas salas cheias de gente. As françaas iam alli exhibir os seus vestidos de veludo, decotados até á cintura; os sapatinhos tentadores; as meias de seda bordadas; os apparatosos penteados; e os signaes maliciosos do rosto. Iam, por que tinham

a certeza de ser vistas, por que sabiam que os elegantes da época, os faceiras, como lhes chamavam, lá estariam aguardando-as com bilhetinhos perfumados, ou com declarações assucaradas.

Mas agora já não havia d'esses enlevos em casa de D. Thereza. Françaas e faceiras fugiam, como as aves á procura do sol. A sua vida não era na sombra.

D. Thereza via aproximar-se o termo da existencia. Como acontece a quasi todos que passaram mocidade um tanto turbulenta, D. Thereza dava-se muito a preceitos religiosos. Jejuns, orações, penitencias não faltavam. O confessor ia vel-a todos os dias, e gastava com ella algumas horas em exercicios espirituaes.

O irmão estava reformado, e velho tambem; mas com este não entrara o beaterio.

No dia seguinte ao do fallecimento do marquez de Pombal o capitão estava em casa da irmã, conversando com ella ácerca d'este acontecimento.

D. Thereza era inimiga do marquez, o que não é cousa para produzir admiração. Sabemos já que o amante d'ella fôra victima do ministro, que o filho estivera preso por ordem d'elle; por tanto a pobre mulher não podia vêr com bons olhos o causador d'estes males. Além d'isso a influencia do director espiritual não entrava por pouco n'esta animosidade.

O capitão Paes deixava a irmã regosijar-se com a noticia da morte do ministrc de D. José. Mas como era homem sensato, e não estava influenciado pela reacção do novo reinado, observou sempre:

—Emfim, Deus tenha em paz a sua alma!

—Ai, não! isso não póde ser, Luiz. Pois se não houvesse inferno para elle, para quem então o devia haver?

—Deixa-te d'isso, irmã. Eu não acho que elle fosse tão criminoso como a rainha nossa senhora disse no seu real decreto de 16 de agosto. O certo é que em quanto elle governou, Portugal era grande e respeitado, e agora vejo que tudo vae caminhando para a ruina, com esta influencia que os frades outra vez vão tomando nos negocios publicos.

—Não falles assim, Luiz, que póde Deus Nosso Senhor punir-te. Se a senhora D. Maria 1.ª protege a igreja, é por que professa a religião catholica, apostolica, romana, que é a religião de nossos paes, que foi sempre a dos nossos devotos reis.

—A paz do senhor seja n'esta casa! bradou uma voz do limiar da porta.

O capitão Paes voltou a cabeça, fazendo um gesto de impaciencia. D. Thereza sorriu-se com satisfação.

—Já tinha saudades suas, padre Mauricio!

disse ella. Desde hontem ao meio dia que o não vejo, e os seus conselhos fazem-me falta!

—Não precisa d'elles a minha devota de Deus, retrucou o padre, o qual o leitor já reconheceu.

O jesuita avançou a passos lentos, descançando as mãos sobre a região abdominal, e foi comprimentar o capitão. Este respondeu seccamente:

—Bons dias, padre mestre!

—Então que lhe parece o acontecido?! perguntou D. Thereza.

—O quê, minha rica senhora?! replicou o frade com gesto espantado.

—A morte do marquez de Pombal!

—Ah! sempre se verifica a noticia? Já a tinha ouvido esta manhã na portaria de S. Francisco, mas ignorava se estava confirmada.

—Está. Acabou emfim aquella tempestuosa vida...

—Que Deus devêra ter cortado mais cedo, para gloria sua e bem da humanidade!

—Diz bem, padre Mauricio! redarguiu Thereza. Talvez se houvesse evitado tantas desgraças se elle tem morrido mais cedo... quando devia morrer.

—O monstro deve ter tido uma agonia bem atormentada. Veja a minha devota de Deus que remorsos não hão de ter affligido aquella alma! E sabe? Apesar de hereje, dizem que morreu contricto. Elle bastantes diligencias fez para levar a

nação ao protestantismo, mas a fé dos portuguezes é grande, e por isso não poude effectuar o seu designio...

—Isso é mentira! bradou o capitão Paes, erguendo-se bruscamente.

D. Thereza fez cara afflicta; o padre Mauricio, cuja tez era sempre rosada, tomou a côr da beterraba.

—Mentira, senhor capitão!! Isso é forte, fortissimo de mais para os meus cabellos brancos e para a minha respeitabilidade.

—Pois o que é isso que vossas reverencias fazem, se não inventar patranhas para desacreditar o homem?! Elle já não póde fazer-lhes mal. Está morto, e ainda querem calumniar-lhe a memoria.

—Senhor capitão! replicou gravemente o padre Mauricio, batendo palmadinhas compassadas no montanhoso ventre. A minha bocca não se abre senão para dizer a verdade. E se não me interrompessem, eu accrescentaria que Sebastião José de Carvalho morreu arrependido, e com a resignação de um bom christão.

—Padre mestre, póde contar a minha irmã todas as historias que lhe parecer; mas commigo é escusado cançar-se.

O padre Mauricio não queria prolongar a discussão, da qual necessariamente sairia mal. Preferiu mostrar humildade e condescendencia evan-

gelicas. Via, além d'isso, que a sua confessada estava mostrando semblante de quem soffria, e por tanto encolheu os hombros, abaixou a cabeça, poz humildemente os olhos no chão, e cruzou as mãos no peito.

Seraphica figura era a do padre n'este momento! As faces caiam-lhe em sanefa de carne sobre a golla da batina. As pernas escancaradas, debaixo do habito talar, amparavam a pança vasta e proeminente. As mãos polpudas, em fórma de quem ora, pareciam comprimir os anceios do peito, que se levantava no resfolgar nos pulmões. Um pingo de rapé descia lentamente do nariz pelo beiço superior. Os cabellos curtos e mesclados de branco, semelhavam uma espessa floresta, no meio da qual se divisava uma clareira, que era a corôa, descobrindo a pelle avermelhada do craneo.

O capitão Paes parou em frente d'elle. Teve desejo de o acordar d'aquella comtemplação beatifica, dando-lhe uma palmada sobre a carnuda espadua; mas conteve o apetite, e saiu da sala. D. Thereza assistia a esta scena com gesto compungido.

Logo que o capitão desappareceu, o padre Mauricio deixou cair as mãos e ergueu a cabeça.

—Seja em desconto dos meus peccados! murmurou elle.

—Não faça caso, meu padre! observou The-

reza, como quem estava contrariada pela desattenção com que fôra tratado o confessor.

O frade saccou do bolso um grande lenço vermelho de algodão e enrolando-o nas mãos limpou vagarosamente os beiços e o nariz. Depois abriu a conhecida caixa de chifre e tirou a enorme pitada, que foi absorvida com prolongada e estrondosa sofreguidão.

—E como vamos nós dos nossos exercicios, irmã Thereza?! perguntou elle, chegando a cadeira para o pé da confessada.

—Já hoje estive duas horas, depois do almoço, no oratorio. Deus hade ouvir-me, não é verdade padre Mauricio?! Eu tenho peccados, e muito grandes, mas Deus é bom e hade perdoar-me...

—Sim, minha filha. Deus é infinitamente misericordioso, e não ha arrependimento que não seja recebido no divino tribunal. Os seus peccados não são tão grandes como se lhe affiguram, por que não foram offensivos de Deus; mas apenas da sociedade. A irmã commetteu a culpa, mas sem tirar os olhos do Senhor. É quanto basta para que o seu peccado seja simplesmente venial. O que Deus não perdôa, são as culpas que o offendem directamente; são as heresias, a falta de cumprimento dos deveres religiosos, o desconhecimento de que reside n'elle a suprema soberania.

—Ai, padre Mauricio! n'isso acreditei eu sempre com fé muito viva.

—Muito bem! É meio caminho andado para resgatar os seus peccados.

—Mas, padre Mauricio, eu enganei todos, por que occultei de meu pae o erro commettido, por que enganei meu marido...

—Pois sim, minha filha. Mas isso tudo é proprio, por que mais grave seria o escandalo. Esses peccados commettem-se muitas vezes por necessidade, e não por arbitrio da nossa alma. Os inimigos do homem tentam a gente, e um d'elles, o mais perseguidor e mais irresistivel, a carne, tem tal poder sobre nós, que nos arrasta ao peccado, mesmo sem haver pacto com o nosso espirito. Deus que formou as organisações, que sabe o que pódem os instinctos naturaes no homem, perdôa facilmente esses desvios, que nada têem com o immenso respeito e o immenso amor que lhe votamos a elle, pae e creador nosso.

—Consolam-me as suas palavras, padre Mauricio. É tão bom ouvir promessas de perdão quando a gente se julga criminosa!

—É em nome de Deus que lhe fallo, D. Thereza. Em nome do Deus bondoso, do Deus de misericordia, que ama os seus filhos com entranhado amor de pae. Quando elle formou a creatura impôz-lhe o dever de o respeitar, de o adorar. Quem o fizer, tem cumprido o primeiro preceito, e ainda

que se desvie do caminho que o mundo prescreve, tem a certeza de ser sempre filho do Senhor. As fragilidades a que nos obriga a nossa constituição physica, nada têem com as obrigações espirituaes que nos são impostas pela parte immaterial do nosso ser, que é a alma: a alma onde habita o amor de Deus. Nem seria possivel, minha querida irmã, que Deus permittisse tantas tendencias irregulares aos instinctos do homem, se dependesse d'elles a sua salvação eterna. Não. O individuo obedece á corrente d'esses instinctos, sem offender a Deus. Deus quer a alma pura; a pureza physica sepulta-se na terra, onde os bichos devoram os cadaveres. A alma que soube ser digna do Senhor, amando-o, respeitando-o, servindo-o, saccode o envolucro terreno, e vôa lympida aos pés do throno do Eterno. O corpo é da terra, e para a terra existe. Hade por tanto ceder ás influencias da terra, que muitas vezes são poderosas, irresistiveis. As leis physicas e naturaes estão muitas vezes, ou quasi sempre, em contradicção com as leis sociaes; por tanto não é para estranhar que na lucta vençam as primeiras, por que essas é que são innatas na especie e não as outras, formuladas e estabelecidas contra os impulsos da natureza e do organismo animal. A minha querida confessada deve comprehender bem esta doutrina, e sentirá que a paz entra no seu espirito, que os temores e sobresaltos desapparecem.

D. Thereza ouvia extatica estas palavras do jesuita. A moral d'ellas era sã, como se vê. Propendia a deixar obrar livremente a materia bruta, isenta de toda a sujeição do espirito. Formava duas partes distinctas no nosso ser; ou antes criava dois individuos em cada pessoa. O individuo moral, que recebe as inspirações de Deus, que se guia pelos preceitos da religião e reconhece a idéa do bem; e o individuo material, que não tem por norma senão o instincto, que representa simplesmente a especie, e obedece apenas ás tendencias do seu organismo. Esta philosofia do padre Mauricio aproveitava naturalmente ao proprio procedimento do frade e muitas vezes lhe servia para captar os que se sentiam afflictos com o pezo de certas culpas. O padre Mauricio não era, porém, inventor da doutrina, como não foi tambem o unico que a applicou. Muitas consciencias tem sido dirigidas por ella, e principalmente consciencias femininas.

D. Thereza prendia-se cada vez mais ao confessor. Podéra! Elle expunha tão perfeitamente as cousas, affastava com tanta promptidão os remorsos que a perseguiam, fallava-lhe de perdão, de salvação, com tão profundo convencimento, que a direcção espiritual do padre Mauricio tornara-se uma verdadeira necessidade da sua alma.

Quando o padre se callou, exclamou ella:

— Bemdito seja o Senhor Deus de Misericor-

dia, que pela vossa bocca, meu padre, tantas consolações me transmitte.

—Bemdito e louvado seja Elle, hoje e para sempre! replicou o jesuita.

Houve um momento de silencio, que o padre aproveitou para tomar outra pitada.

—No meio dos remorsos que os meus peccados me têem causado, continuou D. Thereza, uma cousa me serve de lenitivo; é o facto de ter reconhecido meu filho, logo que as circumstancias m'o permittiram.

—Sim, minha irmã. Deve satisfazer-se com o que fez.

—Entretanto, padre Mauricio, tenho um sentimento que me não deixa, que é o de não poder confessar a meu filho quem é seu pae. Elle pede-me, insta, e eu respondo-lhe sempre com evasivas. A carta que elle me mandou entregar um dia, voltou fechada para o meu poder. Depois de a ter lido, fechei-a outra vez e restitui-lh'a; mas elle não se atreveu a abril-a, e quando pela primeira vez aqui me abraçou entregou-m'a no mesmo estado. O padre Vicente, aquelle jesuita que o educou, disse-lhe sempre que elle não tinha direito de violar um segredo que pae e mãe queriam occultar-lhe. E elle, que é honrado, não foi capaz de o fazer.

—Que póde elle ganhar, D. Thereza, com tal conhecimento? Nada. Por tanto, não deve

a minha querida filha ter motivo para soffrer...

—Isso diz o padre Mauricio; mas elle não me deixa...

—Então consulte a sua consciencia, e se julgar que deve dizer-lh'o...

—Oh! isso nunca! replicou apressadamente D. Thereza. Saiba-o muito embora depois... mas em quanto eu viva fôr, heide occultar-lh'o sempre. Que vergonha, meu Deus!

E D. Thereza cobriu o rosto com as mãos.

N'este momento appareceu um vulto no limiar da porta. D. Thereza Paes levantou a cabeça e deu um pequeno grito:

—Ah! és tu, meu querido Jeronymo!

O official entrou, e foi cortejar a mãe e o jesuita.

—Trago-lhe uma má noticia, padre Mauricio, disse elle.

—Que temos então?

—Venho n'este momento de casa do padre Vicente, e...

—Que houve?! atalhou o jesuita sobresaltado.

—O nosso velho amigo, continuou Jeronymo com as lagrimas nos olhos, está em perigo de vida.

—Que diz! exclamou o padre, dando um pulo na cadeira.

—Teve esta manhã um insulto apopletico, e

os medicos julgam-no mortal. Vim procural-o aqui para lhe dizer isto.

—Vou já á calçada de Sant'Anna. Pobre padre Vicente!

—Tambem eu vou, redarguiu Jeronymo. Se elle morrer, quero receber o seu ultimo suspiro. É um amigo velho...

XXVIII

Os papeis do padre Vicente

O padre Mauricio e Jeronymo dirigiram-se á calçada de Sant'Anna, a casa do padre Vicente.

O velho jesuita fôra atacado de uma apoplexia, e jazia na cama, quasi agonisante.

A casa estava cheia de padres, que haviam pertencido á extincta companhia de Jesus.

O padre Mauricio encaminhou-se ao quarto do enfermo e acercou-se do leito. Jeronymo acompanhou-o.

Estava o jesuita deitado de costas, com a vista pasmada, os olhos embaciados, e a respiração alta e irregular.

Jeronymo aproximou-se d'elle e perguntou-lhe:

—Como se acha, padre Vicente?

O jesuita não respondeu, nem fez signal algum de ter ouvido.

O padre Mauricio e Jeronymo retiraram-se do quarto e vieram para a sala de fóra conversar com os outros padres.

As informações que os reverendos lhes deram eram desanimadoras. O medico tinha saido n'aquelle instante, declarando que nenhumas esperanças restavam de vida.

O padre Mauricio ouvia estas noticias com perfeita indifferença; a Jeronymo, porém, faziam ellas impressão.

O estado do doente aggravou-se pela tarde. Quando o medico voltou, ao cerrar da noite, disse que a vida estava a apagar-se por algumas horas. Como o enfermo não ouvisse, nem podesse fallar, não recebeu as consolações do confessor; foi apenas ungido.

Então o leito do jesuita ficou rodeado de padres, que rezavam em voz baixa, produzindo um zumbido surdo. Ora de pé, ora de joelhos, girando em roda da cama, os companheiros do padre Vicente encommendavam a Deus a alma do que ia partir para sempre.

Jeronymo, encostado á cabeceira do leito, arranjava as almofadas, onde a cabeça do padre Vicente repousava.

Era quasi meia noite, exalou o jesuita o ultimo suspiro.

Expirou assim um doa mais intrepidos filhos de Santo Ignacio, exemplar notavel do jesuitis-

mo n'esses tempos de dissolução, que levaram a companhia ao abysmo.

Logo que o jesuita passou a melhor vida, os padres fizeram orações e responsos em voz alta; depois sairam todos do quarto, á excepção de dois, que ficaram velando o cadaver, para serem rendidos mais tarde por outros padres.

Na sala encontraram-se sós o padre Mauricio e Jeronymo. Sentaram-se ambos, e o padre Mauricio exclamou:

—O padre Vicente deve ter papeis de importancia relativos á companhia. Parece-me conveniente passar um exame ás gavetas.

—Alguem hade arrecadar o espolio, e antes que a justiça tome conta d'isto, é melhor fazer a revista.

Jeronymo estava tambem curioso por vêr se entre os papeis do padre encontraria cousa que o esclarecesse ácerca de seu pae.

Obtido o assentimento de Jeronymo, o padre Mauricio dirigiu-se ao bofete onde o finado costumava trabalhar. Sobre elle achavam-se varios livros, a *Chronica da Companhia* por Balthasar Telles, os *Sermões* do padre Vieira, os *Estatutos* da ordem, etc. Estes eram os livros que o padre Vicente parecia consultar a miudo, por que estavam proximos do logar onde costumava sentar-se, e mostravam ter mais uso que os outros. En-

tre estes havia bastantes publicados recentemente, uns a favor outros contra a companhia, dos muitos que então vieram a lume, antes e depois do breve de Clemente 14.º.

Uma das gavetas do bofete estava meia aberta. O padre Mauricio tirou os papeis que ella continha e principiou a examinal-os. Eram cartas sem importancia, lembranças, trechos de algumas obras, que o jesuita copiava em pedaços de papel, e nada mais. Nem outra cousa se devia esperar n'uma gaveta aberta.

O padre e Jeronymo tornaram a guardar os papeis cautelosamente e passaram a abrir a outra gaveta. Esta, porém, resistia, por que estava fechada á chave e com boa fechadura, ao que parecia.

Arrombal-a não agradava a Jeronymo; mas o padre Mauricio não era homem de escrupulos, e tratou por tanto de serenar a consciencia do companheiro.

—Quem sabe onde parará a chave?! dizia elle. E n'esta gaveta devem estar naturalmente os papeis importantes. O padre Vicente teve sempre correspondencia com Roma, e é aqui que ella está guardada. Nada! É do nosso interesse tirar estes papeis, que pódem ir ás mãos de quem não é conveniente que os veja.

E o padre deu duas sacudidúras á gaveta sem que ella cedesse.

—Mas dirão depois, observou Jeronymo, que forçámos a gaveta.

—Quem hadè dizel-o? o defunto? Como nos accusarão de uma cousa que póde ter sido feita ha muito tempo, até pelo proprio padre Vicente, por haver perdido a chave?

E o jesuita deu novos empuxões á gaveta, que principiava a ceder.

Os esforços continuaram, e a chapa da fechadura parecia ir saindo do seu logar. O padre Mauricio empregava todas as deligencias, ora com a ponta de um canivete, ora com violentos empurrões.

A profanação devia, porém, fazer-se. O jesuita não era homem para hesitar, e a occasião apresentava-se para experimentar as forças musculares que possuia. Appoiou o joelho contra a meza, e lançando as mãos ás argólas da gaveta, saccudiu-a violentamente. A madeira estalou, e a fechadura ficou meia arrancada. O padre ensaiou outro empuxão; d'esta vez a gaveta abriu-se repentinamente. Uma lasca de madèira saltou quasi ao tecto, e alguns dos papeis que dentro d'ella se continham cairam e espalharam-se no chão.

Como o padre empregasse toda a sua força, e a gaveta se abrisse precipitadamente, o equilibrio faltou-lhe e caiu para traz. Felizmente a parede amparou-o, e a pancada foi toda sobre as regiões

esphericas oppostas ao ventre, que de polpudas que eram lhe serviram de chumacête.

Jeronymo e o jesuita principiaram então o exame dos papeis. Estavam todos em muito boa ordem. Havia cartas em maços com seu letreiro por fóra, indicando qnem as escrevera. Documentos, instrucções secretas, tudo alli estava guardado. Entre os maços das cartas havia um com o seguinte letreiro: «Correspondencia com o geral Lourenço Ricci desde 1759 até 1775.» Outro maço dizia: «Cartas de José Polycarpo de Azevedo.»

Jeronymo teve um sobresalto quando leu este nome. José Polycarpo de Azevedo era o criado particular do duque de Aveiro, aquelle que fôra suppliciado em estatua no patibulo de Belem.

Jeronymo rebentou o nastro que atava o maço, ao tempo que o padre Mauricio fazia o mesmo ao da correspondencia do geral. Nenhum dos dois dissera uma palavra ao outro, e todavia ambos sentiram o mesmo desejo de lêr, sem que soubessem que papeis o companheiro examinava.

Jeronymo abriu a primeira carta. Era dirigida ao padre Vicente, e recommendava-lhe que tratasse cuidadosamente da educação de Jeronymo.

Começou o filho de D. Thereza Paes a perceber que o seu nascimento estava ligado áquella

correspondencia. Passou-lhe pela mente a idéa de que o duque de Aveiro era seu pae, e Polycarpo de Azevedo encarregado por elle de se entender com o padre Vicente.

A segunda carta dizia que o duque de Aveiro queria que nada faltasse ao seu afilhado, e por tanto que prestasse o padre Vicente todo o auxilio da sua influencia na companhia, para que o instruissem em termos de poder vir a ser membro d'ella, por que era vontade do padrinho que elle fosse padre de Jesus.

As suspeitas de Jeronymo fortaleceram-se.

Havia ainda umas tres ou quatro cartas, que tratavam de outros assumptos.

Emfim, uma ultima carta existia, muito extensa, a qual Jeronymo principiou a lêr com vivo interesse. Esta descobria o segredo.

A carta era escripta de Hespanha e recommendava ao padre Vicente que não deixasse de proteger Jeronymo. Lamentava o infortunio que levára o duque de Aveiro e tantos fidalgos ao patibulo, e o trazia a elle Azevedo exilado. Por fim dizia:

«Padre Vicente, é uma obra de misericordia o que lhe peço. Meu filho não conhece pae, nem mãe. A mãe faça-lh'a conhecer algum dia, se elle precisar d'ella. Do pae nunca lhe falle. Que ignore quem é, mesmo para poupar á mãe mais essa vergonha. Eu ando expatriado e sem recursos.

O padrinho d'elle, meu amo e senhor que foi, expirou no cadafalso. A viuva de João Miguel, a quem eu confiei Jeronymo, nada tem; por tanto vossa reverencia faça-me isto, não por amor de mim, que sou um homem perdido e um pae desgraçado; mas pelo duque de Aveiro, que foi amigo de vossa reverencia e de quem Jeronymo era afilhado muito querido.»

Quando acabou a leitura d'esta carta, Jeronymo estava pallido e convulso.

Comprehendera tudo.

D. Thereza Paes commettera um erro com homem de coudição muito inferior á sua. Assim se explicavam os mysterios, o segredo que ella queria guardar a este respeito.

Jeronymo passava a mão pela testa coberta de suor frio. N'esta carta de seu pae encontrava a explicação da reserva que o padre Vicente sempre guardara; dos subterfugios empregados por elle quando se tratava de saber o verdadeiro nome do desgraçado que lhe dera o ser.

Jeronymo dobrou as cartas, e guardou-as.

O padre Mauricio foi tambem recolhendo os papeis mais importantes que encontrou na gaveta.

Acabada a visita, o jesuita e Jeronymo sairam.

Junto do cadaver do padre Vicente continuaram a velar toda a noite os filhos de Santo

Ignacio. Cumpriam os ultimos deveres ao pé d'aquelle que durante a vida tambem soubera cumprir religiosamente os seus, em relação á companhia.

XXIX

Epilogo

Vimos no antecedente capitulo como Jeronymo veiu a saber que era filho de José Polycarpo de Azevedo, e não do duque de Aveiro, conforme chegara a suspeitar.

Azevedo conseguira fugir de Portugal quando se fez a prisão dos conjurados. Entrara em Hespanha, e d'ahi escrevera ao padre Vicente aquella ultima carta em que lhe recommendava Jeronymo.

Nunca mais se soube d'elle. Correu a noticia, annos depois, de que um homem fallecera no hospital de S. José, e por occasião de confessar-se revelára ao padre o seu nome. Não ha, porém, a este respeito informação authentica.

Dos personagens principaes d'esta historia restam apenas o capitão Paes, D. Thereza, Jeronymo e o padre Mauricio.

O capitão estava bastante velho, mas ainda sobreviveu alguns annos á irmã, que falleceu em 1784.

Deixou D. Thereza ao confessor um legado importante, que absorvia quasi a terça dos seus bens. Luiz Paes tinha a bem fundada suspeita de que entre Thereza e o padre Mauricio houvera o compromisso verbal de este offerecer a Jeronymo a melhor parte do legado. Mas se tal accordo existiu, o frade não o revelou, e abotoou-se, como se diz em linguagem vulgar, com aquelles bens, a despeito da humildade evangelica que manda prescindir do superfluo.

Jeronymo continuou a sua carreira militar, com merecidos creditos.

O enterro do padre Vicente fez-se com grande cerimonial ecclesiastico. Se o padre houvera fallecido seis annos mais cedo teriam de leval-o quasi occultamente para a sepultura rasa. Mas os tempos eram outros. A situação mudara completamente. O ser padre, e jesuita, principiava outra vez a valer uma recommendação.

O cadaver do jesuita esteve depositado na igreja de Nossa Senhora da Pena, onde se celebraram os officios funebres. Depois foi sepultado no cruzeiro da igreja.

Mas esta transformação que o reinado de D. Maria 1.ª estava apresentando no paiz devia durar pouco. Era uma reacção sem força bastante

para mudar completamente a face da sociedade. As leis reformadoras do marquez de Pombal tinham já produzido nos costumes uma revolução favoravel ao triumfo dos principios liberaes. A era de 89 avisinhava-se, e D. Maria 1.ª, com a sua côrte de padres, com as suas predilecções freiraticas, com a influencia conservadora da sua nobreza, não poude impedir que o grande movimento social se transmittisse ao seu reino.

Entretanto na época em que o padre Vicente expirou o dominio clerical campeava. Por isso atraz da tumba do jesuita seguiam em grande numero a clerezia da capital e os fidalgos.

Antes do esquife ser mettido na sepultura, o padre Mauricio, que ficára substituindo o padre Vicente na direcção dos trabalhos jesuiticos em Portugal, ajoelhou junto d'elle e rezou uma oração, invocando o espirito illuminado do padre Vicente, e pedindo ás virtudes do finado que o inspirassem a elle, para cumprir na terra os deveres do seu ministerio com a fé viva, a esperança firme, e a caridade ardente com que elle os cumprira.

Nunca as virtudes theologaes haviam tido tão monstruosa invocação. No entanto a companhia celebrava as qualidades de um dos seus filhos queridos, e era preciso apresental-o como um modelo de santidade e perfeições christãs.

Os filhos de Santo Ignacio, apezar de expulsos

de Portugal, e abolidos em todo o orbe catholico, continuaram depois da morte do padre Vicente a sua lucta perseverante.

Foi longa, pertinaz, e difficil; mas sustentaram-na ainda por mais de vinte annos.

No fim d'elles a victoria estava ganha. Triumfava a reacção na Europa, e elles, os jesuitas, que eram elemento poderoso d'ella, que podiam servir de appoio á igreja contra a liberdade, desfraldaram novamente o pendão, e até hoje o têem estendido pela Europa, Asia e America, provocando por toda a parte conflictos e resistencias contra as leis do estado.

FIM.

NOTAS

Nota A

Pag. VII—Lin. 13

... narrados muitos d'esses perigos.

Effectivamente a companhia, nos seus primeiros tempos, expoz-se a grandes riscos na America. Na *Chronica* que vae citada no texto, a pag. 92 do vol. 2.º, existe a descripção da carniceria feita por um corsario francez nos jesuitas que se transportavam para o Brazil em a nau San Thiago. Cerca de quarenta padres foram mortos a punhal, a trabuco, ou lançados ao mar.

Não foram menores os perigos que correram entre o gentio, antes que a sua influencia se radicasse. e elles se assenhoreassem completamente d'aquelles povos.

Nota B

Pag. VII—Lin. 26

Foi a sua propria doutrina que os comdemnou.

E foi. Alguns padres exhibiram theses e proposições tão extraordinarias em politica e religião, que levantaram contra si geraes clamores. O celebre Mariana, hespanhol,

com o tratado *De rege et regis institutione*, escripto nos fins do seculo 16.º, provocou a reprovação do parlamento francez e a indignação de todos os paizes monarchicos. Molina, que foi professor de theologia na nossa universidade d'Evora, com a apresentação de theorias igualmente abstrusas em materia religiosa, deu origem á guerra violenta que os jansenistas, os calvinistas, e até os proprios dominicanos, moveram á sociedade de Jesus.

Nota C

Pag. IX—Lin. 5

... o pacto, a um tempo religioso e politico, que a 26 de setembro de 1815 deviam assignar em Paris.

É a santa alliança, feita entre os imperadores Alexandre, da Russia e Francisco José, d'Austria e o rei da Prussia, Frederico Guilherme.

O tratado compunha-se apenas de tres artigos. Nenhum d'elles consignava o fim politico dos alliados. Parece que se tratava tão sómente de uma convenção religiosa; posto que entrassem n'ella um imperador scismatico, outro catholico e um rei protestante. No preambulo do tratado declaram os soberanos, «que elle tem por fim manifestar á face do universo a resolnção inabalavel em que estão de não tomar como regra de conducta, quer na administração dos seus respectivos estados, quer nas suas relações com qualquer governo, senão os preceitos da santa religião, da justiça, da caridade e da paz, os quaes, não sendo apenas privativos da vida particular, devem influir directamente nas resoluções dos principes e guiar

os seus actos, como unico meio de consolidar as instituições humanas e corrigir-lhes as imperfeições.»

Todavia a santa alliança foi um pacto de resistencia contra as idéas da revolução, que se propagavam na Europa.

Nota D

Pag. X—Lin. 3

... queixas, que todavia o conde de Villéle não quiz attender.

Este conde de Villéle, presidente dos ministros de Luiz 18.º e Carlos 10.º, ultra realista, partidario ferrenho do antigo regime, protegia a invasão do jesuitismo; mas a opinião era-lhe já tão adversa, que em 1827 o ministerio, para se conservar mais algum tempo, teve de dissolver a camara dos deputados. O resultado das eleições não foi favoravel ao governo, e a nova camara apresentou-se desde logo hostil ao gabinete Villéle, obrigando-o a abandonar o poder.

Nota E

Pag. 2—Lin. 4

Em vez das gothicas arcarias da antiga rua Nova; dos arcos da Bitesga; do velho e irregular Rocio...

As casas da rua Nova dos Mercadores todas tinham arcos. É de suppôr que estes houvessem differentes architecturas, segundo as épocas da sua construcção.

Nos tempos de D. Manuel engrandeceu-se muito a rua Nova com o desinvolvimento commercial que então houve, e cujo centro era. Alli construiram residencia os negociantes mais opulentos, e é natural que dominasse n'essas construcções o gosto pelas fórmas da architectura gothica, que são caracteristicas da época.

A rua Nova passava onde hoje vemos a rua dos Capellistas, e prolongava-se até á dos Confeiteiros. Desappareceu com o terramoto.

Existe um bom trabalho do senhor J. Ribeiro Guimarães ácerca da velha Lisboa e suas ruas, onde se encontra larga noticia da rua Nova dos Mercadores.

Os arcos da Bitesga pertenciam ás casas da rua d'este nome, que faziam esquina para a antiga rua das Areas, onde é hoje a rua Augusta.

O Rocio, antes do terramoto, era uma praça vasta, mas muito irregular. O lado do nascente tinha tambem arcarias.

Vendo o *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, e a *Corographia Portugueza*, do padre Carvalho, é facil conhecer as ruas destruidas pelo terramoto e as differenças entre a antiga e a nova cidade.

Nota F

Pag. 9—*Lin.* 14

... tinham por fim matar Teixeira e não o rei.

Esta é a opinião que o auctor exprimiu na época em que escreveu o romance. Hoje tem-na modificado bastante. Entretanto é cousa difficil assentar qual seja a opinião acertada n'um negocio que ainda não foi possivel desembrulhar.

Preferiu-se conservar o que estava escripto, para não se alterar o romance desde os fundamentos.

Nota G

Pag. 47—*Lin.* 24

... uma nacionalidade se criava...

A America não era ainda independente; mas a nacionalidade e a democracia americanas formavam-se. As sementes germinavam no coração d'aquelle povo. Os clamores contra as exigencias da metropole tinham já a voz de Washington a dirigil-os.

Nota H

Pag. 60—*Lin.* 9

... que nunca mais n'aquelle terreno se fizessem construcções.

Assim o determina a inscripção do padrão. cujo remate é: «N'este terreno infame se não poderá edificar em tempo algum.»

O futuro não respeitou o singular decreto, pois não faltam lá edificações. E não tardou muito, por que já em 1828 fr. Claudio da Conceição, no *Gabinete Historico*, volume 14.º, diz que «no interior do terreno se acham já muitas casas abarracadas, que por abuso ahi se tem edificado, e são já tantas ao redor do padrão, que com dificuldade se póde lêr.»

Nota I

Pag. 60—*Lin.* 16

... Gabriel Malagrida, João de Mattos e Alexandre.

Muitos outros jesuitas foram presos. Só no forte da Junqueira entráram dez. Mas estes trez, que vão mencionados no texto, são os principaes.

Nas *Memorias do Marquez de Pombal*, por John Smith, a pag. 168, vem a copia de uma gravura publicada durante a prisão dos referidos padres, representando um medalhão com as suas effigies.

Tem a gravura entre outras inscripções esta, por baixo dos retratos: *Ó société pértubatrice de l'église et des royaumes!*

Nota J

Pag. 95—*Lin.* 25

... o precursor da redempção politica dos povos.

A verdadeira redempção politica foi a revolução franceza; mas as conquistas liberaes assegurou-as o nosso seculo, por meio dos systemas representativos.

O seculo 18.º, com a sua philosofia e a sua grande revolução, foi o precursor do movimento europeu, que devia firmar solidamente a liberdade, nas bases dos governos populares.

Nota K

Pag. 193—*Lin.* 1

... justissima e providentissima lei da proscripção da companhia.

São estas as ultimas palavras da *Deducção Chronologica*, do desembargador José de Seabra e Silva; libello famoso, escripto contra os jesuitas e publicado no anno de 1767. Vão perfeitamente na bocca do marquez de Pombal, a quem se tem attribuido aquelle celebre escripto.

O sr. Innocencio, no *Diccionario Bibliographico*, dá curso a este boato, indicando até a existencia de um documento authentico em que José de Seabra declara não ter feito tal libello, mas sómente prestado o seu nome para figurar como auctor.

Nota L

Pag. 272—*Lin.* 2

... santo officio, que a revolução de 20 devia aniquilar.

Foi um dos beneficios da revolução de 20 o aniquilamento da inquisição. O povo invadiu o edificio do tribunal, derrubou a estatua da fé, desfez de sua propria vontade esta instituição monstruosa.

Por este e outros factos, 1820 deixou na historia um luminoso clarão. É o primeiro vagido da liberdade. E no entanto a constituição politica que elle produziu foi tão democratica, que Wellington lhe chamou no parlamento inglez *constituição republicana*.

Grande época, e grandes homens!

O auctor d'este livro tem já esboçado um romance historico, intitulado *Os revolucionarios de* 20, no qual são postos em relevo os actos d'essa revolução, e os serviços que aquelles patriarchas da liberdade portugueza prestaram á causa do povo.

Nota M

Pag. 278—*Lin.* 13

As françaas iam alli exhibir os seus vestidos...

França e *sécia* são os nomes que davam ás mulheres garridas, desde o tempo de D. João 5.º. Por *faceiras* eram conhecidos os que hoje chamariamos *janotas*.

A garridice do seculo 18.º, desde o reinado d'aquelle monarcha até ao de D. Maria 1.ª, é cousa devéras interessante para quem gosta de estudar costumes e fazer confrontações dos antigos com os da nossa época.

Ainda a este respeito merece citar-se o curioso trabalho do sr. Ribeiro Guimarães, *Costumes e modas velhas*.

Nota N

Pag. 294—*Lin.* 1

... publicados recentemente, uns a favor, outros contra a companhia...

Foram innumeras as publicações que de uma e outra parte vieram a lume.

Temos visto muitas; e ainda ultimamente o sr. T. L.

d'Assumpção nos proporcionou o exame de algumas que possue; a saber:

— De la calomnie, ou instruction du procés entre les jésuites et leurs adversaires. 1716.

— La morale pratique des jésuites. 3 vol. Amsterdam, 1746.

— Retrato dos jesuitas feito ao natural. Lisboa, 1761. É impresso na officina do impressor do cardeal patriarcha.

— Procés contre les jésuites. Douai. 1761.

— L'avocat du diable, ou les jésuites condamnés, malgré l'appel à la raison. Não designa a imprensa, e em vez d'ella diz: *Au Tartare*. 1762.

— Examen impartial et approfondi de l'institut des jésuites, par M. de la Chalotais, procureur général du roi au parlement de Bretagne. Amsterdam. 1762. É reproduzido da edição primitiva, impressa em Rennes.

Acompanham esta obra documentos e peças justificativas dignas de exame, como são as sentenças dos tribunaes francezes que extinguiram a sociedade e mandaram sequestrar-lhe os bens.

— Origem infecta da relaxação moral dos denominados jesuitas. Lisboa, 1771. Na imprensa regia.

Não faltam elementos para estudar com madureza este assumpto dos jesuitas. Desde as chronicas da companhia pelos padres Balthasar Telles e Simão de Vasconcellos, e da sua historia geral por Crétineau-Joly, até os mais humildes folhetos que se publicaram contra aquella tão celebre associação religiosa, se encontram em relevo as virtudes ou os vicios dos jesuitas, segundo a parcialidade dos auctores que d'elles tratam. Ao bom senso e criterio do leitor compete descriminar a verdade da paixão e firmar no seu espirito a opinião que lhe parecer mais esclarecida.

Nota O

Pag. 303—*Lin.* 6

No fim d'elles a victoria estava ganha.

Pelo breve de 7 de maio de 1801 permittiu o papa Pio 7.º aos padres que haviam feito parte da companhia de Jesus, ou desejassem pertencer-lhe, a faculdade de organisar a congregação, n'uma ou mais casas, no imperio da Russia, sob a denominação de «sociedade de Jesus.» Foi nomeado geral o padre Francisco Karen. Em pouco tempo a Russia contava vinte e uma casas de jesuitas.

Por outro breve de 30 de julho de 1804, o papa estendeu ao reino de Napoles a permissão que concedera á Russia.

No dia 7 de agosto de 1814 o mesmo pontifice celebrou missa na igreja de Jesus, no altar de Santo Ignacio, e mandou em seguida ler a bulla do restabelecimento da companhia em toda a christandade. Thadeu Brzozowski foi investido no governo da ordem.

A bulla restaurou a companhia tal como existira antes do breve de Clemente 14.º; manteve os privilegios que lhe provinham das constituições de Paulo 3.º e outros santos padres.

Foram restituidos aos jesuitas os bens que ainda existiam pertencentes á ordem, e concedidos outros em compensação dos que já se achavam alienados.

INDICE

PREFACIO

I — A conspiração 1
II — O rei e o ministro 10
III — O filho de um regicida.... 19
IV — O infante D. Pedro..... 34
V — O supplicio 49
VI — Os jesuitas 63
VII — Ainda os jesuitas 92
VIII — Trez annos depois 98
IX — Os espiões da companhia.. 110
X — Revelação 121
XI — Mãe e mulher..... 133
XII — Um desengano..... 141
XIII — O jesuita perde terreno... 151
XIV — Luiza..... 160
XV — Amor maternal..... 171
XVI — As exhortações do jesuita. 178
XVII — A denuncia..... 186
XVIII — Odio de frade 197

XIX — A prisão 211
XX — A abolição da companhia.. 217
XXI — Novas tramas 226
XXII — A freira 233
XXIII — O sol no occaso 239
XXIV — Vence o amor materno 247
XXV — Conferencias 254
XXVI — A posteridade julga 268
XXVII — O director espiritual 278
XXVIII — Os papeis do padre Vicente 291
XXIX — Epilogo 300
NOTAS 305

ERRATAS

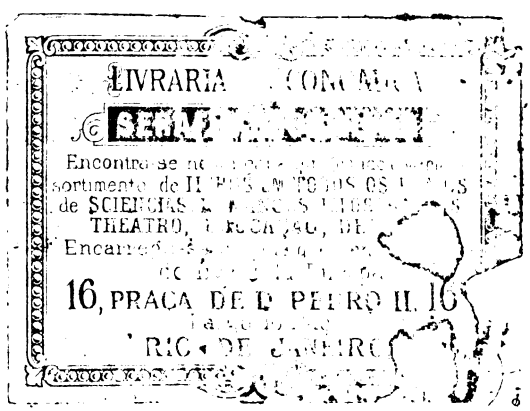
PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
47	24	se criara	se criava
55	25	os tramas	as tramas
75	9	abobodas	abobadas
75	28	Podia-se esperar	Podia-se esperar outra
90	12	placidos	flacidos
96	8	de ruina	de mina
97	12	preniciosa	perniciosa
110	5	lhe fossem	lhes fossem
125	1	que ir	a ir
132	3	quem fôra	qual fôra
162	25	vinte annos	vinte cinco annos
166	15	acceites	acceitas
173	27	patibulo	exilio
184	20	respondeu-lhe	respondeu-lhes
214	4	Margarida	Magdalena
216	1	os seculares	os regulares
218	20	a França e a Hespanha	em França e Hespanha
225	9	E um crime	É um crime
227	18	de 1755	de 1775
234	21	lhe serviram	lhe serviam
242	26	foi acceite	foi acceita
283	12	nos pulmões	dos pulmões

Com relação a outros lapsos typographicos de menor importancia, o bom senso do leitor supprirá a errata.

H. 43.

EMPREZA EDITORA

CS



OBRAS JÁ PUBLICADAS

PELA

EMPREZA EDITORA

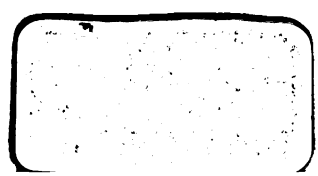
DE ROMANCES INSTRUCTIVOS

Os Dramas da Internacional—tradução. esgotada.

O Parricida—por A. Belot, tradução, 2 vol..... 800

O Assassino—continuação do **Parricida**, 2 vol..... 800

Os Jesuitas—por A. O. Pires, 1 vol. 600

EM PUBLICAÇÃO

O Segredo terrivel—por A. Belot, tradução.